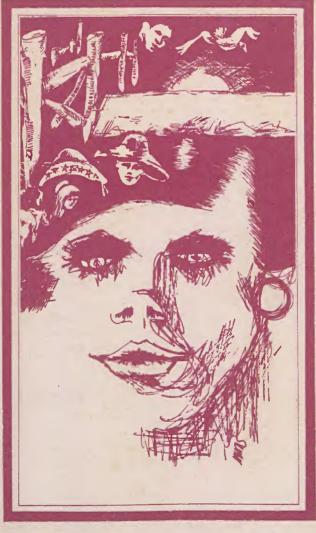
Ano I N.º 4 1976 Cr\$ 10 Revista Mensal de Literatura

QUINZE NOVOS CONTISTAS E POETAS EM OITO PÁGINAS

UM CONTO
E UMA
ENTREVISTA DE
NELIDA PIÑON

TRÊS POETISAS: OLGA SAVARY, RENATA PALLOTTINI E ADÉLIA PRADO



ERNESTO
SÁBATO
E O QUINTAL
CULTURAL
DA EUROPA

A PRIMEIRA MULHER EM BRASÍLIA, POR AGUINALDO SILVA

E AINDA: RIPA NA
CHULIPA,
O BEZERRINHO
QUE PULOU
A CERCA
E SCOTT
FITZGERALD

DONA GUIDINHA DO POÇO, REGIONALISMO DESCONHECIDO DE MANUEL DE OLIVEIRA PAIVA

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 CEDEM 12 13 14 15 16 17 18 19 20

- 3 Pauta: Érico, por que os novos, nanicos, viagens e Flannery O'Connor
- 4 Uma entrevista de Nelida Piñon (a Norma Couri); e um conto (O Calor das Coisas)
- 7 Scott Fitzgerald por Astolfo Araújo
- 8 1975, um bom ano para a ficção brasileira; Flávio Moreira da Costa conta por quê
- 10 A Primeira Mulher conto do autor de Primeira Carta aos Andróginos
- 12 O universo de Renata, Olga e Adélia em cinco poemas inéditos
- Por que o bezerrinho do conto infantil de Tadeu Pereira queria pular a cerca; crianças e adultos saberão logo mais
- 14 Sejamos Nós Mesmos: o servilismo diante da moda européia não é só brasileiro. Em artigo publicado há sete anos atrás, por ocasião da visita de Nathalie Sarraute a Buenos Aires, Sábato denunciava aquele que era, no seu entender, um "colonialismo intelectual"
- 16 Una Bofetada, do uruguaio Horacio Quiroga, em versão original
- 19 Manuel de Oliveira da Paiva, morto em 1892, só foi descoberto em 1951; Dona Guidinha do Poço, um clássico
- 22 Ripa na Tulipa, conto-notícia de Sérgio Machado
- 23 Os novos poetas e contistas esvaziam suas gavetas: oito páginas de inéditos
- 31 Cartas: as idéias, os elogios, as críticas dos leitores
- 33 Livros: desta vez só brasileiros
- 36 Os misteriosos quadrinhos do Mikas

ESCRITA

Editor Wladyr Nader

Redação Astolfo Araújo Hamilton Trevisan

Editor de Arte José Américo Mikas

Criação Fotográfica Leila Leandro de Castro

> Fotografias Pororoca

Uma publicação da Vertente Editora Ltda. Rua Monte Alegre, 1434 Fone: 62-3699 05014 - São Paulo (SP)

> Distribuição Abril

Composição/Impressão Planimpress

Registrada na D.C.D.P. do D.P.F. sob n.º 1464-P.209/73

cm

PAUTA



A julgar pelas aparências, pelo seu progresso material visível a olho nu — novas indústrias e casas de comércio, mais ruas asfaltadas, serviços públicos melhores — Antares é hoje em dia uma comunidade próspera e feliz.

Como, porém, nada é perfeito neste mundo, às vezes na calada da noite vultos furtivos andam escrevendo nos seus muros e paredes palavras e frases politicamente subversivas, quando não apenas pornográficas.

Os dedicados guardas municipais, sempre alerta, dão-lhes caça dia e noite. Numa destas últimas madrugadas abriram fogo contra um estudante que, com broxa e piche, tinha começado a pintar um palavão num muro da Rua Voluntários da Pátria. Na calçada, no lugar em que o rapaz caiu, ficou uma larga mancha de sangue enegrecido, na qual a imaginação popular — talvez sugestionada por elementos da esquerda — julgou ver a configuração do Brasil. (É assim que nascem os mitos.)

Cedo, na manhã seguinte, empregados da prefeitura vieram limpar a calçada dessa feia mácula, e quando começaram a raspar do muro o palavrão, aos poucos se foi formando diante deles um grupo de curiosos.

Aconteceu passar por ali nessa hora um modesto funcionário público que levava para a escola, pela mão, o seu filho de sete anos. O menino parou, olhou para o muro e perguntou:

— Que é que está escrito ali, pai?

— Nada. Vamos andando, que já estamos atrasados...

O pequeno, entretanto, para mostrar aos circunstantes que já sabia ler, olhou para a palavra de piche e começou a soletrá-la em voz alta: "Li-ber..."

— Cala a boca, bobalhão! — exclamou o pai, quase em pânico. E, puxando com força a mão do filho, levou-o, quase de arrasto, rua abaixo. ("Incidente em Antares", de Érico Veríssimo, morto em 28 de novembro de 1975.)

O silêncio programado, imposto às manifestações da literatura brasileira foi neste ano de 1975 parcialmente rompido. Os fatos: a) golpeando duro no cerrado mundo das publicações, sempre recusando aos jovens escritores o espaço doado aos inócuos literatos do sistema, foi engrossado (em todos os sentidos) o número de publicações independentes, que ao lado do Pasquim, Movimento, Opinião formam a linha de frente da imprensa nanica. Assim é que, com Escrita e mais recentemente com o corajoso Versus, o "status quo" perde a hegemonia; b) a peregrinação de alguns escritores (os mais sérios/ empenhados) por faculdades do interior do país, divulgando a nova literatura brasileira, sempre ausente dos currículos, perturbando o sagrado silêncio dos campi, plantando o embrião de "universidades dentro da universidade"; c) a desintoxicação progressiva que a expressão estética encontrada nestas publicações exerce sobre os leitores, quebrando o Sagrado Tubo Catódico, o consumerismo enrustido de pseudo-revistas de "arte", e, de lambuja, o imobilismo cultural que pesava sobre nossas cabeças. A pedra vacila. Que venha a se quebrar neste ano de 76. (AA)

A cada mês que passa mais se amplia o espaço reservado aos novos. No número anterior foram cinco, agora são oito páginas com poetas e contistas que, não fossem Escrita e outras publicações da chamada imprensa nanica, continuariam no anonimato, talvez para sempre. São pessoas que vivem em permanente estado de sufocação e têm que enfrentar bestsellers estrangeiros, a famigerada "conjuntura" — mistura de muitas coisas mas nenhuma clara — editores de visão curta, leitores desinteressados, livreiros que não fazem fé em obra de

autor nacional, distribuição precária, custo do papel e outras dificuldades menores mas significativas, para ganhar um cantinho de página na maioria dos veículos da grande imprensa ou poder contar com a ventura da edição de um livro. Por isso, acreditamos, é compreensível que Escrita não abra suas páginas somente para pequenas obras-primas. Um rapaz de 17 anos, como Marcos Abílio Domingues, capaz de fazer um conto como "Pensamentos Sem Ver o Sol", para dar só um exemplo, merece um empurrão. Estamos aqui para dá-lo. (WN)

Creio não ser uma vã esperança: alguma coisa está mudando para o autor nacional. Essa mudança, me parece, está partindo das escolas de letras, em que alguns professores começam a querer discutir e recomendar a mais recente produção literária nacional, como se estivessem dispostos a quebrar um velho tabu: aqui, escritor só é lido e aceito depois de morto. Autores como Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio e este que ora vos fala vêm participando de debates em faculdades e os resultados têm sido excelentes. Primeiro, Lúcia Miners (uma moça cheia de boa vontade e melhores intenções) nos levou a Campos. Depois, via Loyola, recebemos convites para Bauru, Americana e Assis e, para o próximo ano, já temos todo um programa a ser cumprido: Marília, Presidente Prudente, Botucatu, Ribeirão Preto, Natal (RN). E por aí vai. Enquan-to isso Ricardo Ramos e Nelida Piñon participam de outros debates em outras escolas — e cito apenas os casos de que estou informado. Se a palavra de ordem é Mexa-se, vamos nos mexer. Como se estivéssemos abrindo o nosso próprio caminho no braço. Esse contato direto escritor-estudante está servindo ao menos como prova de que existimos. Está servindo também para quebrar com a ima-gem de inacessibilidade do escritor. E, principalmente, serve para sabermos o que uma parte da juventude está pensando, quais são seus anseios e expectativas. Será que estamos saindo do porão? (Antônio Torres)

Despachos das agências internacionais afirmam ter sido descoberta, no Sul dos Estados Unidos, uma escritora mais importante do que Faulkner. Trata-se de Flannery O'Connor, falecida em 1964 aos 39 anos, cujos romances sombrios e violentos ganharam fama na França e agora se impõem entre os norte-americanos. Tudo é possível, mas é bom conferir. Podemos estar diante de mais uma campanha de preparação de mercado, dessas que normalmente antecedem o lançamento de superproduções cinematográ-ficas ou de best-sellers. Sem esta mais aquela, começam a aparecer em jornais e revistas notícias sobre briguinhas no estúdio, durante a produção do filme X, ou sobre o acidente com o cachorro do vizinho do escritor fulano. Quando o filme ou o livro chegam aqui, o público já está na fila do cinema ou na porta da livraria. É uma técnica tão eficiente que a ela tudo se incorpora. Inclusive esta nota. (HT)

16

15



NELIDA PIÑON: A MULHER AINDA NÃO CONSEGUIU CRIAR A SUA LINGUAGEM

entrevista a Norma Couri

"Ele partiu para o inferno ao meio-dia. Um trajeto familiar, toda a aldeia o conhecia. Fora sempre a fronteira natural. Nenhum guardião detinha os caprichosos. Ao contrário, o perfume que dali emanava era harmonioso. Alegavam desfastio, ou curiosidade simples, os que decidiram afinal visitá-lo. Embora quantos desistissem entre convulsões e fugas...

Mas os que conseguiram regressar viviam sob suspeição, estrangeiros agora na terra em que aprenderam a destreza das armas, e a investigação apaixonada do sol... Haviam perdido a razão, concluíram os da aldeia. Ao menos o juízo que eles tinham das coisas diferia em tudo do que apresentavam antes da partida...

Ele, porém, manifestou vontade de partir quando atingiu os vinte anos... Tornara-se o inferno a sua mais intensa vinculação com a terra... E à entrada do inferno não se eteve. Garboso e solitário cruzou o portão como se montasse animal e raça, exibição oportuna na hora... Pois ali ingressara como rei. Pretendendo suas próprias regras...

Até que numa severa manhã de sol ele saiu do inferno pela porta por onde entrara. Limpo, mesmo galante. Seguramente mais belo. Disposto a um amor Parecia ele de sufocação diferente... dominar um poder que o impedia de esbarrar nas coisas do mundo, mesmo sem as observar... O jeito livre de pisar, a delicada superioridade de tocar sem ferir os caminhos... Suas mãos habitando o espaço a tudo apunhalavam, em seguida o movimento acomodado infundia ânimo novo a todas as coisas. Como se o tivessem habituado a recuperar membros danificados para sempre, ou faculdades perdidas por algum espanto

(Nelida Piñon em "Fronteira Natural", do livro "Sala de Armas")

Nelida partiu para o inferno sob o sol do meio-dia. Porque o inferno é a sua maior vinculação com a terra que ela quer pisar com todo o atrevimento que lhe dá sua origem galega.

A aldeia se espanta: "precisava escolher um caminho tão difícil?" E Nelida sorri contra o tédio e a amargura. Todos os dias ruma para o escritório que poucos sabem onde fica e ali se queima no

fogo do inferno (por sete horas no mínimo).

Vale a pena? Fernando Pessoa diria que tudo vale a pena se a alma não é pequena. E Nelida muito antes dos 20 anos já havia escolhido o fogo e o lixo: a literatura é o seu compromisso com a vida (tinha tudo para escolher uma vida mais fácil).

A linguagem é uma prisão?
 A palavra oficial é litúrgica, fingindo que é ritualística. A linguagem herdada é preconceituosa, uma prisão que você tem de quebrar. Mas aí você fica sozinha.

Sozinha, Nelida lança as iscas e puxa os fios de aço, de barbante, de cordel, chamando as pessoas que não aceitam a linguagem rebelde, com novos compromissos (os próprios intelectuais marginalizam a linguagem nova).

Nelida trabalha cada palavra e só assim se sente bem. Várias vezes se interrompe para corrigir um termo, que nem sequer está sendo gravado. É para ela mesma essa correção, ela que, como o Eucarístico de "Tebas do Meu Coração", faz e refaz sua obra dezenas de vezes ("Em horas de lazer, esculpia ele-fantes de tamanho natural. E quando já se podia batizar o animal, dar-lhe nome motivo de orgulho da tribo, levá-lo ao mercado onde o leiloassem entre guirlandas e vozes roucas, senhor de obe-sidade e pele de rancor e crocodilo, Eucarístico passava a reduzi-lo a nova dimensão, com forma igualmente asseada, a que oferecia retoques equivalentes a outro nascimento. E prosseguia nessa ta-refa de estreitar-lhe várias vezes o mundo, ainda que não o privasse de sua rica clorofila, até haver esculpido da mesma madeira vinte e três a vinte e oito elefantes, todos conhecendo a cada fase um rosto e corpo de que sua espécie se orgulhasse.").

— Por que você, como Eucarístico, não vai diretamente à miniatura?

— Porque a gloriazinha fácil não nos interessa, essa glória atada com esparadrapos ou arames farpados. Minha obra não tem preço: eu acredito noutro tipo de investimento, que não se paga. Acredito na função social do escritor e é essa crença que sustenta sete ou oito versões do meu texto, o meu alimento diário. Sou muito ambiciosa, tenho a propriedade de fazer mil combinações verbais. Luto com a palavra, e eu sei que ela é transitória. Quando não consigo a definitiva — pelo menos nos dois anos seguintes — quando não tenho outra saída, outra paixão, então eu compreendo que aquela palavra terá de ficar.

Assim, como uma bruxa incansável, ela se aproxima e se afasta do caldeirão que ferve: só despacho o texto quando sinto que o dominei temporariamente, quanto sinto uma coisa muito profunda dentro de mim. Eu não me deixo sucumbir pela tentação, diz ela.

Nelida não abre mão de sua alquimia criativa em troca de uma literatura mais fácil (a própria história tem mostrado que isso não vale a pena. Há textos datados, outros mais amplos, que ficam à espera do nascimento do seu leitor. Talvez eu tenha me antecipado um pouco no sentido de afetar o mundo, sensibili-

18

20

19

zar a ótica de quem se aproxima do meu texto).

— Mas a saída pelo imaginário não seria uma alienação do ponto de vista social e político?

— Você caiu na própria covardia do sistema que teme a liberdade da imaginação. O imaginário amplia a dose de sonho na Terra. E sonhar mais significa pedir mais.

A história oficial do homem, o seu retrato 3x4, pode ser contada em três minutos. O escritor dá ao homem uma história que não tem fim. Só isso é uma garantia, briga antiga dessa escritora que julga político qualquer texto que registre a saga humana.

Se você lida com o homem, lida com a História, com a perspectiva de ansiedade, de quebra da rigidez que nos controla. O imaginário é a libertação e de tal forma isso assusta o poder que ele o relega ao mundo infantil ou ao da sensibilidade feminina, num trabalho permanente de retirá-lo da vida do homem-macho.

Por seu profundo compromisso com a realidade, a imaginação de Nelida busca a alma e a palma da terra, o sonho como projeto e reivindicação, o sonho como saída. Sua realidade é o texto na medida em que lhe dá entendimento sobre essa terra que pisa, criando (poucas pessoas podem entender a capacidade de criar), seja lá com o que for — ferro gusa, bolha de ar, cristal — enfrentando papel, palavra, máquina, possuindo o próprio corpo. A criação, antecipando-se a ela mesma, assim como ao material que usa, antecipou sua criação. (Eu sou a criadora num mundo pré-existente.)

— Você está usando a máquina literária oficial. Isso não é um compromisso, uma contradição?

— Ingênuo pensar que se vai dispensar a máquina. Não é só no panfleto, no mimeógrafo, no underground, que se pode denunciar e resistir. Você atua operando a linguagem. A linguagem é uma denúncia que você faz usando a máquina sem se submeter a ela. Alguns escritores brasileiros conseguem isso e esses sobreviventes justificam o ato de criar.

Essa linguagem que ela herdou da "sociedade masculina" foi quebrada. Quebrada a peça fina e conservado o jarro bruto (Eu estou atrás do meu rosto. E eu só o identificarei na medida em que identificar o rosto do outro.)

Do código pré-existente (para a mulher é bem pior: além de ter de lutar contra a institucionalização da linguagem, ela ainda tem de enfrentar a linguagem como instituição masculina), o escritor precisa decodificar, recodificar, resgatar a linguagem do povo e devolver o código para novo processo. Nelida teme o risco da paralisação causada pela glória, em função do domínio do próprio texto:

Eu me dou conta de que, uma vez dominada uma certa técnica de linguagem e estrutura de texto, é preciso construir outro texto. A mulher ainda não conseguiu recriar a sua linguagem.

— Como mulher-escritora, você sente que está no meio do caminho dos homens?

— Sou uma mulher que não veio para brincar. Não busco apoio no mundo masculino, nenhuma cama me ajudou na carreira literária, e isso me obriga a lutar em dobro. À mulher restou a aparência de vencedora vencida, a obrigação de não brutalizar. Eu não uso essas normas.

Assim, assimilando essa rápida consciência num mundo onde "as mulheres ficam no meio do caminho destruídas", Nelida enfrentou sua família espanhola, deslocada da Galícia com as mil convenções que ela quebrou sem se amarrotar. Forte — seu lado galego — consciente de uma marginalidade dupla, como escritora e como mulher (por que não veio um homem me entrevistar? Eles nunca deixam, acham que as mulheres estão no mesmo nível), ela pretende acordar os escravos que passam a vida negando a sua servidão.

Algumas mulheres estão perdidas. São aquelas que acordam 20 anos depois e já perderam o espírito de luta, já deixaram de afiar as garras, já esqueceram sua autonomia verbal. Tudo delegado ao homem. É preciso piedade para entender as situações irreversíveis.

Na guerra pela publicação brasileira, na máquina fechada ("masculina"), Nelida teve a sorte de muitos editores apostarem nela desde o primeiro livro. Tinha então 17 ou 18 anos. Mas ela sabe da posição amadorística do editor e do mecanismo literário: um escritor amador que tem vergonha de vender seu texto o entrega a outro amador paternalista que acredita estar fazendo um favor à arte brasileira publicando-o, argumenta.

Sobrevivente, amante da vida (ela me chama), contestadora das prisões do amor (tudo em função de um senso moral hipócrita, de um decálogo rígido baseado na propriedade e na procriação por exemplo, herdamos o amor eterno e não sabemos tratar o amor mortal; não sabemos perder e perder com dignidade é quase ganhar; pagamos um preço altíssimo pela masturbação quando o pecado estava em não desperdiçar o sêmen capaz de procriar, ampliar a mãode-obra, consolidar a posse da terra e por isso ir direto para a matriz), Nelida tem um nome na literatura brasileira.

— Eu sou minha grande perdição e meu grande encontro. Sou também meu grande adversário e vivo me propondo em termos beligerantes.

E você sempre aceita a guerra?
 Sabe, às vezes eu sou até capaz de recusar a mim mesma.

Disciplinada — estudou em colégio alemão — ex-aluna da PUC do Rio na Faculdade de Jornalismo, rosto lavado, atrevido, próprio dos que suportam as coisas com firmeza, capazes de discutir consigo mesmos, taurina (tenho como colegas de signo Freud, Marx, Shakespeare), Nelida (por favor, sem acento, uma numeróloga me preveniu, diz rindo) tem sete livros publicados: Guia Mapa de Gabriel Arcanjo (1961), Madeira Feita Cruz (1963), Tempo das Frutas (1966), Fundador (1969), Casa da Paixão (1972), Sala de Armas (1973) e também Tebas do Meu Coração (1974), que para a escritora fechou um ciclo ("Tebas" é o Brasil

com sua fragmentação verbal e mental, esse Brasil que não deixaram ser, que não se reconhece, que ainda não compreende a sua memória). Mas ela não gosta de falar de "Tebas": já se quebrou, se brutalizou, provocou rupturas para desfazer o mundo de "Tebas" e então entrar no livro seguinte, seu trabalho atual. Colabora no meio do tempo em revistas ("Escrita", "Vogue", "Status", "Ele e Ela", "Homem", sinal de que o nível está mudando). E vive como operária da palavra, que ela tanto preza, caminhante segura do inferno que escolheu, atenta à vida de quem nem sabe dos infernos e do fogo do escritor. No final do conto ela mudou o inferno de lugar e nada disse sobre o seu novo destino.



ASSINE ESCRITA

Por Cr\$ 50,00 seis meses de literatura em sua casa. Ou um ano, por Cr\$ 100,00. Envie cheque visado, vale postal ou ordem de pagamento através do Banco Itaú, ag. Wanderley, à Vertente Editora Ltda., rua Monte Alegre, 1434, 05014-S. Paulo (SP)



O CALOR DAS COISAS



Nelida Piñon

Começaram brincando você parece um pastel. Motivado pela gordura que não conseguia deter, ele ria medindo a idade pelos centímetros da cintura em dilatação. Mais tarde, apalpavam-lhe o corpo dizendo você é um pastel que a gente devora na hora da fome. O espelho mostrava-lhe as rugas em desfile pelo rosto, especialmente em torno dos olhos, duplo queixo, bochechas caídas, por onde o garfo passara sovando aquela massa de farinha e água, para que não pulassem pelos interstícios sobras de carne moída tingidas com tomates colhidos no verão.

Por onde ia carregava uma sacola com instrumentos de cozinha, azeitona, carne torrada, frigideira, e um tênue fogo mantido com o fervor do seu hálito assoprando-lhe a chama. Uma ração que consumia ao escurecer, quando já não sobrava tempo a ninguém de cobrar-lhe o que se exige de um pastel. E haviam todos jantado.

Diariamente vencia a forma humana destituído de orgulho. Sem agradecer por não o terem comido naquela semana. Ao contrário, as frustrações acumulavam-se, como as dúvidas por tal rejeição. Sob o calor do forno, após se recolherem todos da casa para o sono, questionava-se pastel eu sou, mas ainda não veio quem há de me devorar.

O desenrolar de um ato surpreendido na rua, ou no interior da sala, provocava-lhe lágrimas, uma emoção quase ganhando a liberdade, não fechasse ele a boca. Apostava sempre que o desfecho de tais atos fatalmente o arrastaria sobre a mesa, quando entre gritos e festas haveriam de contornar o abismo do seu corpo antes de o devorar. Sob a expectativa de participar de festa, ocupando o centro da mesa, fingia soterrar a alegria que o acudia em jorro de açúcar, mel, ambrosia.

No verão seu corpo expelia bagas embebidas em vinagre e azeite, justamente os temperos queridos da mãe, que ao vê-los escorrerem pelo peito do filho reconciliava-se com o passado e comovia-se. Acariciava o cabelo do filho, recorem pelo peito do filho reconciliava um de cada vez, para descobrir quanto tempo ainda o teria na casa, incólume e protegido.

Quando lhe mencionavam o estado delicado, sempre disposto a sucumbir diante de qualquer natureza voraz, ele recolhia o consolo para dentro de uma caixa de prata, especialmente para este fim, e a mergulhava nas entranhas da cozinha, em seu cheiro de gordura de porco. Após a providência, de novo aceitava os encargos do sorriso da euforia. O sorriso da euforia, disselhe a mãe querendo com amor chamá-lo meu pastel. E expressando ela as palavras do seu afeto, ele se recolhia cedo para a cama, pressentindo a erosão de tais palavras, sua carga de volúpia e círculo de água tingindo-o de ocre, a desejar arrastá-lo para a frigideira encerada de zelo e paciência.

Atribuía ao espelho a visão do futuro que o acenava no dia seguinte. Bastava olhá-lo mais firmemente para ler na superfície de cristal o relatório de seus haveres e deveres. Sua dívida às vezes acumulava-se a ponto de pensar que jamais a quitaria. Em certas semanas o saldo tornava-o pródigo, distribuía sorrisos dando assim maior consistência à massa de farinha e água no rosto.

Quando a expectativa de ser comido transformava-se numa questão obscura, ia registrando no ca derno cujas páginas rasgava antes de amarelarem: se não é medo o que sinto, e a tristeza é a vida do ouro e da prata trançados numa única jóia que a mãe carrega no peito, o que sou para ela também me chamar de pastel?

Envelhecia devagar, o corpo sofrendo a pressão da água que o invadia, os resíduos boiando indicavam-lhe de que se fazia a sua fortuna. Seria pastel porque o tarjaram de gordura e massa há muitos anos, e sonhou ele com uma terra áspera que o liberou a ultrapassar a forma humana, fixa e invariável? E teria, entre sonhos e movimentos bruscos, quebrado o pequeno jarro de cristal de cuja existência dependia para aceitar estigmas que o acumularam de sensação? o prazer de sentir por todo corpo a suculência da massa de farinha, a carne moída, o tomate, pimentão, cebola esbagaçados, todas excrescências emancipadas da primavera?

Ia o espelho embaçando-se à sua passagem. Recusava-se a mostrar-lhe o corpo vergado pelo garfo, sua antiga esperança. Deixando-o ver unicamente a farinha agora nas virilhas, nos bolsos da calça, embranquecendo precocemente os pêlos do corpo, invadindo seus orifícios, as cavidades das unhas. Lavava-se com escova, espinhos e ímpeto. Até sentir-se órfão, reduzir o espelho a um monte de ruídos e vidros moídos no chão.

Acordou disposto a comer a quem indicasse agora pastel. Escolheria sua vítima empregando o mesmo esmero com que o haviam indicado. Preferia porém gente da própria casa, sangue amigo. E, para melhor desempenhar a tarefa, simulou cegueira, borrava os objetos querendo proporcionar limpeza aos olhos, o que ocorre após habitar-se um quarto escuro por período superior a vinte e quatro horas. Encantava-o compreender afinal que olhar correspondia a uma palavra em formação. E que esta voracidade verbal ocupando-lhe o sangue por anos, sem ter-lhe dado importância, ocupado na sua função de pastel, sob a expectativa de o jogarem na frigideira ardente.

Abriu os olhos e ali estava a mãe sorrindo. Relembrou as vezes que apaixonada ela o chamara meu pastel, incentivando-o ao apetite. A mãe que decifrou primeiro seus olhos fechados e surpreendia-lhe agora o novo fulgor na pele, que não era brilho de candeeiro, de alegria, ou da verdade do filho suar. Mas uma chama potente mantida com um fôlego cansado e um ar de algoz. Ela se aproximou inquieta, mais jovem. Ele consentiu, conformado. E passou a vigiá-la diariamente.



20

19

Ela abre a porta do apartamento e eu passo entre as duas mulheres, avançando até o centro da sala. De onde estou, vejo as duas paradas na porta, olhando-me caladas. Estou só, no meio da sala vazia, mas isso não as comove. Sinto-me como um objeto naquele espaço.

"É confortável", ela diz e eu respondo, forçando um sorriso: "É mais do que

isso. É barato" Da rua, sobe junto com os ruídos do tráfego uma música lânguida que não

combina com o rosto da mãe. A velha não tira os olhos de mim. Penso: é desses rostos que vistos uma vez jamais

serão lembrados. Rio.

Aqui a cama, ali o malão que servirá como criado-mudo. Lentamente, às ordens dela, os homens da mudança vão dispondo os móveis, os quadros, definindo os lugares e as futuras emoções do ambiente. Há uma intrínseca intimidade entre ela e os móveis: sinto-me off. Nenhum canto me chama e tudo é banal, vago. Pela janela, constato a existência de um bar, o que já é um alívio, e a mãe dela, atrás de mim, diz que na esquina há uma farmácia e um supermercado. Tudo, como se nota, está preparado para a convivência, como num habitual jogo de xadrez. Estamos no dia 14 de junho de 1973, segundo o contrato de locação.

Ela saiu e estou sozinho na sala. Olhando pela janela, vejo que a noite está linda.

Ponho-me a imaginar um futuro promissor, mas, infelizmente, sou objetivo. Mesmo assim, forçando pequena brecha em meus pensamentos, envolve-me a ten-tação da literatura. Como num filme de aventuras, há sempre a possibilidade de salvação dentro deste cenário real que agora me cerca, junto a estas paredes esverdeadas, neste chão de sinteco brilhante, na cama de casal, na cozinha de panelas amassadas. Quem poderá me antecipar o desenlace? Da minha janela, vejo milhares de janelas acesas. Meus livros estão empilhados num canto. Olho para eles, na esperança de que algum deles possa me ajudar. Qual?

Scott Fitzgerald. Ele com certeza dirá o que vai me acontecer. Sei que foi um desesperado bebedor e se casou com Zelda, uma mulher linda e louca que tinha a fome da autodestruição. Penso naquela noite em que Scott, depois de muitos anos, resolve voltar a escrever. Nessa mesma noite, Zelda some pelas ruas de Los Angeles, ruas arborizadas, iguais, desertas. Scott sai à procura dela pelas avenidas onde os carros, com invisíveis passageiros, desfilam silenciosamente. Em cada esquina, entre milhares de esquinas, um anúncio indica a boate onde Zelda poderá estar, bêbada e doida, servindo de pasto. Louco de amor, de ciúmes, de pena, ele estaciona o carro numa rua escura e chora amargamente. Não chora apenas por ela ou por si mesmo. Chora por todos os personagens dos livros que escreveu ou virá a escrever, pois nada valeria mais do que terminar aquela noite, ao menos aquela noite, ao lado de Zelda. Consola-se pensando nos tempos de felicidade e retorna ao apartamento. Como para ocultar dos móveis



Astolfo Araújo

O autor de Scott Fitzgerald é contista e diretor de cinema. Paulista, aqui fez seus três filmes: As Armas, As Gatinhas e Fora das Grades.

e das paredes a sua solidão, deixa as luzes apagadas. Apanha o telefone e disca para uma amiga:

> Scott: Ela sumiu outra vez. Estou desesperado. Não, não vou beber. Confie em mim. Ficarei aqui até que ela volte.

Sente, mesmo no escuro, o peso do amor em todos os objetos que Zelda havia tocado. No fundo do corredor, desmaiada, vislumbra a cama de casal. Os papéis em branco sobre a escrivaninha, prontos para ser usados, e os livros na estante são apenas sonhos, mas Scott, como eu agora, fica imaginando se Stendhal pode orientá-lo em seu drama. Vê Henri Beyle sentado numa calçada de Milão, pobre e sem saber o que o espera na vida; surpreende-o vagando pelas areias sujas de Civitavecchia como um Julien Sorel envelhecido e desgarrado.

Scott sorri, pois começa a ouvir passos no corredor e ruído de chaves na porta de entrada. Duas horas depois, sentado na sala escura, ainda espera ouvir passos no corredor de mármore. Está bêbado e fala com Zelda:

Scott: Por que, Zelda, esse demônio dentro de você?

Zelda: É irmão do seu demônio. Scott: Não tenho demônio nenhum. Preciso acreditar nisso. É a única saída que me resta.

Zelda: Vou comprar uma máquina elétrica para facilitar o seu trabalho, Scott. Eu me preocupo com você.

Scott: Você me ama? Zelda: Claro. E você?

Scott: Eu a amo! Eu a amo! Ah, como eu a amo!

Gritando o seu amor na sala escura, Scott caminha até o terraço de onde se vêem as colinas iluminadas de Los Angeles. Fica estático como um fotograma parado. Estou mentindo a mim mesmo. Scott Fitzgerald não pode prever o que me acontecerá. Mas eu sei e quero me iludir. As dez horas, ela abrirá a porta, lúcida, esterilizada, e dirá que foi ao cinema e depois jantou na casa da cunhada. Perguntarei sobre o filme e ela, tirando a roupa e pondo um casaco de pijama sobre o corpo, responderá mecanicamente. Ligaremos a televisão e nos deitaremos. Minha boca falará centenas de vezes "meu bem" e ela responderá sempre um "o quê?", sem o desespero de Zelda, sem o tom. Nós dois jamais enlouqueceremos e fico espantado com a nossa capacidade de viver. Ela abre as pernas e eu me deito em cima dela. Alguns minutos depois, estiro-me outra vez ao seu lado e ela se levanta para ir ao banheiro. Fico sozinho, olhando para a televisão que, por descuido, continua ligada.

A luz do dia fará com que me levante e vá ao serviço. A noite me trará de volta para casa. As vezes, muito raramente, tomaremos um porre e ela pedirá que a beije na boca. Nas paredes esverdeadas do apartamento surgirão manchas estranhas, sinais de mãos, riscos de lápis. Uma poeira tênue, a princípio indistinta, depois compacta e oleosa, irá se acumular sobre os móveis, os quadros, os livros. O sinteco ficará embaçado e o esquecimento das lâmpadas queimadas escurecerá para sempre o terraço.

Falarei, num dia de desespero total:

Eu: Meu bem, o que se passa

com a gente? Ela: De que está falando? Vai tudo bem.

Eu: Não vai. Claro que não vai. Você vive chorando. Várias vezes a surpreendi chorando como uma desesperada.

Com ironia, ela responderá:

Ela: Por que está inventando isso? Você nunca me viu chorar, nunca!

Eu: Desculpe. Pensei que por alguma razão estivesse triste.

Ela: Não se preocupe. Tudo está



17

20

3

LEIA ESCRITA

A BOA FICÇÃO BRASILEIRA DE 1975

Flávio Moreira da Costa

Literatura, ou jornalismo cultural, é bem mais interessante do que as chamadas ciências contábeis, mas essas parecem ser mais eficientes em relação a balanços e balancetes. Fazer um apanhado geral do que se publicou em ficção nesse ano que agora termina — ainda por cima, um ano bastante pródigo é uma tarefa no mínimo temerária, para não dizer difícil. Daí julgar necessário as seguintes considerações: 1) esse trabalho, para ser o mais completo possível, precisaria ser feito por uma equipe; 2) apesar de acompanhar atentamente, por gosto e profissão, nosso movimento editorial, seria desonesto afirmar ter lido todos os livros publicados este ano, pois dificilmente alguém o conseguiria; 3) dito isso, nosso condicionamento crítico orienta inevitavelmente as escolhas prioritárias; 4) finalmente, a exclusão de um ou outro livro deve ser atribuído a fatores como não os ter recebido, nem encontrado nas livrarias, ou ainda à falta de tempo físico para lê-lo, numa escala prioritária de leitura, infelizmente cada vez mais necessária. No entanto, quanto a esse último item, o silêncio às vezes pode funcionar como crítica implícita.

Um dos acontecimentos editoriais de 75 foi a publicação de Zero, de Ignácio de Loyola Brandão, um livro, na realidade, lançado no ano anterior em tradução italiana: só depois de sua repercussão lá fora nossas editoras se interessaram por ele. A editora brasileira foi a Brasília, que até então só havia publicado livros secundários de autores acadêmicos. Zero representa um livro ousado em vários níveis. Literariamente, apre-

senta uma estrutura horizontal. aberta, um legue de absorção da vida da cidade grande, centrada em alguns personagens - embora dificilmente se possa falar no livro como um romance de personagens. Sendo um anti-romance de consumo, a narrativa desse "romance pré-histórico" de Loyola capta a chuva de informações deformantes, visuais e através da palavra, a que está sujeito o homem pequeno da cidade grande — do simples menu de um restaurante popular, passando pelas músicas de sucesso, o cinema, a propaganda, etc. Essa massa de informações, quase nunca suficientemente digeridas pelo homem pequeno (representado no livro por José Gonçalves, matador de ratos de um cinema), compõe o pano de fundo, que passa a ser um elemento a mais de opressão, além da propriamente dita: o sistema como um "logos de dominação" (apud Marcuse). Um leitor tradicional de romances - ou um leitor de romances tradicionais deve ter suas dificuldades em aceitar a leitura pluridimensional, polifônica de Zero - esse "marco pós-oswaldiano, pós-macluhiano. No entanto, não se pode argumentar que para captar o caos (urbano, de consumo), o próprio caos seja estabelecido. É uma das restrições que se poderia fazer a Zero, não que seja uma narrativa caótica — não o é — mas às vezes o autor parece perder o pulso em relação à unidade redentora, que inevitavelmente realiza e acaba qualquer livro. O caos é um elemento dentro da estrutura geral da obra, que no entanto às vezes se dispersa ao apresentar a própria dispersão. De qualquer forma, de Bebel a que a Cidade Comeu para Zero — como concepção de literatura e de literatura contemporânea — existe um pulo que vai do zero ao infinito, sem querer (mas fazendo) fazer jogo de palavras.

Falando de literatura contemporânea (pós-moderna), outro romance que merece nossa atenção — e que teria alguma coisa a ver com Zero, enquanto "estilo de época" - é Minossauro (Novacultura), de Benedicto Monteiro. O autor é paraense e já havia surpreendido a crítica (sua parte mais atenta, pelo menos) como seu romance de estréia Verde Vago Mundo (Nova Cultura). Em 1975 publicou também um livro de contos. O Carro dos Milagres (mesma editora), onde a narrativa se apresenta mais tradicional, mais próxima a um regionalismo temporão. Com Minossauro, Benedicto Monteiro não só dá continuidade às experiências de Verde Vago Mundo, como se afirma como o grande romancista atual do norte do país. A restrição seria a mesma feita a Zero: certa dispersão, talvez congênita à própria idéia de captar experimentalmente faixas da (nossa) realidade. Nesse caso, o que ambos os livros ganham em liberdade de concepção e de criação, parecem perder em síntese estética, unidade, a costura final. Minossauro, com algumas páginas antológicas, como se dizia antigamente, merece registro como um dos melhores romances do ano.

Talvez não por coincidência, a estréia de um romancista nordestino, W J. Solha, com Israel Rêmora ou o Sacrifício das Fêmeas (Record, Prêmio Fernando Chinaglia), apresenta os mesmos problemas constatados nos dois livros comentados acima, embora Solha revele menos segurança de ofício: equilíbrio e balanço problemáticos. Mas há dados positivos: criatividade, modernidade, talento aqui e ali revelando um escritor que poderá surpreender a crítica futura, em próximos livros. Como em relação a Minossauro, sobre ele desceu o silêncio da crítica (?) tradicional (?) ou universitária (?). Fica o registro.

Equilíbrio e balanço não faltam ao último romance do gaúcho Josué Guimarães, Tempo de Guerra, segundo volume da trilogia A Ferro

Seção Livre é um espaço aberto à polêmica. Nada tem a ver com as habituais matérias pagas da imprensa.

e Fogo (lançado agora em novembro pela José Olympio). Sendo a arquitetura do livro mais tradicional — mas nem por isso velha ou acadêmica —, Josué Guimarães parece estar atingindo o ápice do seu estilo como romancista. Recriando o passado gaúcho - como há alguns anos o fez Érico Veríssimo, com O Tempo e o Vento -A Ferro e Fogo representa a saga, sem ser sagarana, dos anos de formação do Rio Grande, vistos através dos colonos alemães. Tempo de Guerra vai pegar a segunda geração de emigrantes em plena confusão da Revolução Farroupilha. Não seria preciso dizer (pensando bem, talvez o seja) que os bons livros não se dividem em tradicionais e de vanguarda — não vale nesse jogo estético as boas ou as más intenções, o que vale quase sempre é o resultado final: Josué Guimarães está construindo uma obra, cuja segunda parte só enriquece o panorama ficcional de 1975.

A diferenciação entre tradicional e acadêmico talvez ficasse mais clara se nos referirmos, embora en passant, ao último romance de Josué Montello, Os Tambores de São Luís (José Olympio). Sem a vitalidade do romance do seu xará gaúcho, o livro de Montello mistura uma linguagem algo demodé com narrativa de crônica (no sentido histórico), muito em voga entre certos romancistas europeus do século passado. Ambos tiveram a mesma intenção: fazer um levantamento — histórico mas ficcional do passado (gaúcho e maranhense, respectivamente). Os resultados é que foram diferentes: Os Tambores de São Luis não se realiza como romance (o ano é 1975), tendo o intelectual de formação francesa vencido o ficcionista.

Em relação ao conto, o livro que merece maior destaque é Feliz Ano Novo (Artenova), onde Rubem Fonseca se consolida como um dos nossos contistas mais seguros e dinâmicos. Em artigo para o jornal "Opinião", eu chamava atenção para o background literário (tradição, influência, o que queiram) de Rubem Fonseca: o conto norte-americano, de Poe a Donald Barthelme. Esse dado, que não o diminui, apenas o situa (no passado, os nossos contistas giravam na órbita do conto europeu,

do russo Checov ao francês Maupassant, passando pela inglesa Katherine Mansfield), não apaga a vitalidade do mundo marginal revelado em alguns dos melhores contos deste livro, como o que dá título ao volume

título ao volume. Quase no final do ano, um gaúcho de menos de trinta anos (27), Caio Fernando Abreu tem seu O Ovo Apunhalado publicado pela Globo (e Instituto Estadual do Livro, RGS). Um dos escritores de sua geração que melhor manejam a palavra e a frase (ele escreve extremamente bem, sem "fazer literatura"), Caio já é conhecido por seu livro de estréia, Inventário do Irremediável (Movimento, Prêmio Chinaglia) e pelo romance Limite Branco (Expressão e Cultura). O Ovo Apunhalado representa o começo de uma maturidade que muito deverá surpreender a crítica e os leitores. Caio Fernando Abreu já é um dos melhores escritores novos do Brasil. Esse seu último livro vem com uma apresentação entusiasta de Lygia Fagundes Telles e recebeu Menção Honrosa do Prêmio de Contos do INL, em 1974 (será que o primeiro colocado é supe-

rior a ele?)

Mais contos merecem ser mencionados. Ou novelas curtas como Sete a Cavalo, de Hermilo Borba Filho, onde o autor de Um Cavalheiro da Segunda Decadência liberta-se de sua fase henrymilleriana e solta seu espírito pícaro misturando-o com a tradição popular do cordel nordestino. Segundo livro de uma trilogia de novelas, Sete a Cavalo representa uma recuperação auspiciosa do autor, que ano passado andou falseando o pé (ou a mão), com o Agá.

Ainda pouco conhecido nacionalmente, o gaúcho Carlos Carvalho (segundo prêmio do concurso Fundepar) estreou no final de ano com O Calendário do Medo (Movimento), revelando-se um contista de prosa enxuta, na tradição de Hemingway e Dalton Trevisan. (Falando no contista curitibano, em 1975 ele publicou A Faca no Coração, pela Civilização, onde repete - num desgaste que já vem acontecendo há quatro ou cinco livros — as mesmas situações de João-atrás-de-Maria-que-está-sempretraindo-alguém.)

O livro de contos que mereceu maior repercussão na imprensa, e

consequentemente de público, foi Leão-de-Chácara (Civilização), segundo livro de João Antônio. Doze anos depois de sua estréia com Malagueta, Perus e Bacanaço — e nossa opinião coincide com a de Alfredo Bosi: superior a esse seu segundo livro —, Leão-de-Chácara reúne apenas quatro contos, sendo que o melhor deles, "Paulinho Perna Torta", é na realidade uma reedição.

Minas não ficou em silêncio, e o maior destaque entre os mineiros coube a Roberto Drummond, com seus contos premiados: A Morte de DJ em Paris (Ática) revela um narrador inquieto e com momentos de excelente nível, embora tenha incluído no volume alguns contos mais fracos, que mesmo o fato de serem bem escritos não consegue salvar. Mineiros são também Duílio Gomes, que experimentou o conto fantástico abstrato em O Nascimento dos Leões; e Lucienne Sammor, de O Olho Insano, com narrativas sombrias e de forte carga existencial — ambos publicados em edições modestas pela Interlivros de Belo Horizonté.

Os lançamentos de 75 foram muito mais do que os livros comentados aqui. O espaço não permite maior expansão. Além disso, como já falei, não me foi possível ler todos os livros. Mas seria o caso de se citar alguns títulos: 14 Rue de Tilssit Paris (Civilização), de Guilherme Figueiredo; Dora Doralina (José Olympio), de Rachel de Queiroz; As Velhas (Civilização), de Adonias Filho; A Rebelião dos Órfãos, (Artenova), de Assis Brasil; Qualquer Coisa é a Mesma Coisa (Impacto), de Ary Quintella; A Noite dos Abraçados (Globo), de Gilvan Lemos; Confissões de Ralfo (Civilização), de Sérgio Sant'Anna; Diário de Bordo (Perspectiva), de O. C. Louzada Filho; Os Deuses de Raquel (Expressão e Cultura) de Moacyr Scliar; Irene (Civilização), de Sérgio Albuquerque; O Pardal é um Pássaro Azul (Civilização), de Heloneida Studart, e outros, que é possível que a memória me falhe, fora os muitos livros que saíram no finalzinho do ano. Mas entre "dever" e "haver" desse balanço provisório, o que é importante de se ressaltar é que a literatura brasileira — apesar de tudo - está vivendo um bom momento. Leiam e vejam.

A PRIMEIRA MULHER



Aguinaldo Silva

Quando ela surgiu do nada postou-se repentinamente contra a luz, no alto de um monte de poeira vermelha — já tinha construído, antes, todo um íntimo passado. Viera de longe, de um lugar que nem tinha nome, atraída por tantos comentários: falava-se apenas da nova, monumental cidade em construção, que os homens erguiam na solidão do planalto. Estivera antes em outras cidades, conhecera os homens, soubera dos seus caprichos e de sua solidão eterna. E como a galinha que caprichosamente bica os grãos ao seu redor, aprendera a lidar com eles. Fora a primeira numa casa de mulheres. a mais procurada. E se dedicara ao ofício até descobrir que logo envelheceria. Lembrava-se, ainda, de um prolongado diálogo com uma companheira, na casa de mulheres, pouco antes da viagem.

— Vou para não voltar — dissera, ao que a outra respondera, certamente pensando em ser sábia:

— Ninguém vai nem volta, minha filha. A gente está sempre presa uma à outra, aquí.

Sim, porque era assim que as mulheres como ela imaginavam a O pernambucano Aguinaldo Silva, autor de Redenção para Job, Cristo Partido ao Meio, Canção de Sangue, Geografia do Ventre e Dez Histórias Imorais, está com um novo livro na praça, Primeira Carta aos Andróginos.

vida: uma linha reta traçada em direção à morte. Sem ousar discordar, ela desacreditava. E via, nas notícias da construção da cidade, uma possibilidade de romper com aquele incrível destino.

Por isso partiu. Rodeou cidades, se escondeu em vilas, por várias vezes perdeu-se nos caminhos. E numa noite, pela primeira vez, sonhou com a cidade em construção. Não propriamente uma cidade, mas apenas um vago plano. Do meio dele brotava o que parecia uma torre, semi-escondida pela escuridão. Acordou quieta, cumpriu mais uma etapa da viagem, alimentou-se sem grandes apetites, e naquela noite, quando novamente deitou, pensou que sonharia com a cidade.

E sonhou. Agora, a torre se erguia ainda mais alto, embora fosse a única e ao seu redor não houvesse sinais da presença dos homens. Mesmo assim ela não desanimou, e nas noites seguintes acrescentou novos detalhes ao seu sonho. A torre era dourada? Não, tinha apenas vidros que distribuíam reflexos quando o sol reverberava. Tinha janelas também, que se abriam para fora como olhos, e era alta, espetava as nuvens

com seu cimo. E nas outras noites a torre se tornou mais clara, luzes nela se acendiam. A medida que se aproximava da região onde construíam a cidade o sonho se tornava mais completo. Agora, já não havia mais a torre solitária, e sim, outros prédios em torno dela, ainda que modestos. O sonho era rápido e lhe permitia apenas divisar — como no último olĥar, antes de se dizer adeus -, mas ela acordava senhora de todos os detalhes. Enquanto isso a viagem se tornava mais difícil, era preciso evitar as estradas cheias de homens, fugir dos caminhões que os transportavam para a cidade, pois, se os encontrasse, lá não chegaria — e ela sabia, tinha que ser a primeira mulher a ingressar naquele mundo novo que tantos, teimosamente, queriam edificar.

Quando faltavam apenas três dias para chegar na cidade, seu sonho afinal se viu povoado — os homens apareceram no interior da torre, empenhados num trabalho cujo sentido ela não sabia traduzir. E no dia seguinte apareceram nos outros prédios, e depois nas ruas, e por fim, em grande algazarra, por trás dos montes de poeira vermelha, cercando o que aparecia um barraca improvisada, aflitos por conta de alguma coisa que ela não pôde ver o quê.

Um motorista que lhe deu carona em troca de um certo favor — o último que ela prestaria, jurou a si mesma —, deixou-a, afinal, a poucos quilômetros do que seria a entrada para a cidade. A poeira vermelha ela já conhecia dos seus sonhos. Quando o caminhão partiu, baixou-se, segurou um punhado e o deixou cair por entre os dedos como se fossem minutos, horas. E depois caminhou o quanto pôde, até que anoiteceu e precisou dormir.

E sonhou. Era a mesma torre, os mesmos prédios ao seu redor, iguais os homens em sua tarefa incompreensível. Mas ela sabia que aquele era o último sonho, e por isso precisava saber o que faziam aqueles homens aflitos, suas vozes ecoando como uivos nos espaços vazios. Como um anjo invisível (era um sonho), pairou sobre eles, acercouse da barraca improvisada, evitou a multidão de homens e penetrou a custo por entre as lonas atiradas sobre algumas estacas.

Bem a tempo de ver, antes de acordar para sempre, seu corpo, o da primeira mulher, deitado sobre estopas sujas, nu e ensangüentado.

Um dos homens a viu surgir repentinamente contra a luz, no alto de um monte de poeira vermelha. E durante alguns minutos ficou imóvel, a testa franzida e os braços apontando para o chão, a imaginar se aquele não seria um mero capricho dos seus olhos. Mas outro homem a viu, e deu um grito que alertou os demais: sim, era uma mulher, como um presente raro ela chegara. Em poucos minutos o trabalho parou — ela estava cercada. Antes que ousassem tocála, resolveu dizer o que a trouxera ali — era não apenas uma mulher, mas alguém que tentava por um ponto em seu próprio destino. E ante um silêncio que uma faca poderia cortar, ela disse:

Eu vim de longe. Vim para não voltar. Todos falam que vocês estão construindo aqui uma cidade, uma coisa de que muitos se orgulharão. Eu sabia que tudo aqui, por enquanto, era apenas essa poeira vermelha, a altivez dos engenheiros e o suor de vocês, mas assim mesmo vim. Queria ser a primeira.

Sua voz ecoava por cima do silêncio sem feri-lo, e ia se quebrar bem longe, contra os montes de poeira vermelha e os alicerces abertos como feridas. Apreciou sua própria voz ecoando, antes de continuar:

Vim para servir a vocês. Cozinharei se for preciso. Farei o que quiserem, tenho prática da vida. Quero ser útil, e depois me sentir dona de um tijolo, uma viga nesta cidade. Espero que me aceitem. Eu quero ficar com vocês.

Parecia tudo tão claro. Era uma mulher cansada da vida que levara antes, e pretendia apenas mudar, ser nova num lugar que fosse novo. Mas por que não lhe avisaram que os homens também ali ainda eram os mesmos? Um deles aproximou-se e, com uma mão trêmula, tocou em seus seios. Ela fechou os olhos, antes de abri-los em sua direção:

– Não é disso que eu falei – murmurou, firme.

Mas havia outras mãos, igualmente ávidas. E quando ela recuou.

já era tarde. Dois deles a ergueram como se fosse um fardo, e, levando-a acima das cabeças, transportaram-na em direção aos montes de poeira vermelha. Um terceiro, um quarto, correram à frente e recolheram as lonas e estacas com que armariam a barraca improvisada. De repente ela percebeu que novamente sonhava, mas agora acordada, os olhos bem abertos. Quando, no alto de um monte, seu rosto foi bruscamente atirado para a esquerda, divisou, cercados pela aura de poeira, os prédios menores, e no meio deles, a torre quase dourada, suas janelas das quais muitos homens pendiam.

Mal fora jogada sobre as estopas improvisadas em leito, e já o primeiro homem, rápido, resfolgante, sobre ela se lançava. Tentou fechar os olhos, quis sonhar, fugir dali com seus pensamentos, mas sentiu que não poderia fazê-lo, nem precisava: sabia de tudo o que iria acontecer, sonhara antes, fora avisada. Lá fora os homens brigavam, formavam uma fila que muitas vezes era desmanchada pela aflição. Outros comentavam há quanto tempo não viam uma mulher. E uns terceiros, até uma festa improvisavam — havia música, havia bebida, havia jogos para entreter os que esperavam. Dentro do barraco, ela recebia o segundo, o terceiro, o quarto, perdia a conta a partir do quinto, recomeçava a contar várias vezes, entre suas pernas trêmulas os homens se sucediam, e quatro vezes ela somou cem deles a aviltá-la.

De madrugada alguém exigiu que lhe dessem um rápido descanso. Dois homens lhe trouxeram água, com a qual molhou os lábios gretados, um terceiro lhe trouxe um pão, um pedaço de carne, um pouco de farinha que não comeu. Um quarto lhe perguntou o nome, e ela o queimou com o seu olhar. Um quinto entrou para possuí-la, e recomeçou a ronda.

Afinal, ela perdeu a conta dos dias. Quantos se passaram? Ninguém sabia. Nos intervalos entre uma visita e outra os homens trabalhavam, agora mais felizes por sabê-la em meio às estopas. E a interminável fila continuava à sua espera. A sujeira acumulada na barraca crescia a cada visitante. A mulher já não tinha corpo — pelo menos, já não o sentia. E se sangue tivera algum dia, agora suas veias estavam murchas, eram como rios secos, afogados. Lembrou-se várias vezes da frase ouvida da companheira, antes de partir: ninguém vai nem volta, minha filha. E a pronunciou com dificuldade por entre os lábios cheios de pus que lhe escapava das feridas. Imaginou se ainda choraria, e soube que não, pois já não tinha olhos. E quando quis matar-se com as próprias mãos. descobriu que haviam arrancado

Foi um homem cor da fome uma cor antiga, herdada de outros famintos — o último visitante. Era de noite, duas tochas iluminavam as Ionas da barraca. Sobre as estopas, um trapo imóvel o esperava, e ele a viu, a mulher — o que ela fora antes de chegar —, e lembrou repentinamente uma frase do seu discurso inicial: quero ser útil, e depois me sentir dona de um tijolo, uma viga desta cidade. Mas como, se eles que a construíam, sequer sabiam de quem era a cidade, a quem ela pertencia? O homem cor da fome sentiu seu próprio corpo estremecer, e foi como se o que restava da mulher, dez mil vezes possuída, o tivesse percebido. Por entre o que tinham sido seus lábios, ela murmurou, piedosa:

Mate-me.

Lá fora o coro de mil vozes gritou, impaciente, à sua espera. O homem cor da fome aproximou-se e a viu, dez mil vezes morta, como se já não tivesse morrido outras dez mil vezes, em bordéis diferentes, antes de se decidir a assumir seu próprio destino, ou melhor ainda, a lutar contra ele. O homem a olhou, e descobriu que ela estava chorando. E ao se ver tão perto da vitória, a mulher repetiu, agora mais clara:

– Mate-me agora, para que eu não morra nunca mais.

E ele, então, a enlaçou, sabendo que seria o último, e a asfixiou com o seu gozo. Depois, sem pressa, saiu da barraca improvisada e anunciou à fila de homens:

- Ela está morta.

Incrédulos, eles desfizeram a fila, entraram na barraca para ver e se certificaram. Sobre a cama improvisada de estopas, seu corpo, o da primeira mulher, jazia nu e ensangüentado.

TRÊS POETISAS

A paulista Renata Pallottini, autora de vários livros de poemas e peças de teatro, lançou recentemente sua primeira obra de ficção, Mate É a Cor da Viuvez (v. Escrita 2). Olga Savary, do Rio de Janeiro, ganhou o Prêmio Jabuti de 1971 por Espelho Provisório. Este ano saem Altaonda e Linda d'Água, também livros de poemas. Adélia Prado, de Divinópolis, Minas Gerais, ainda é inédita em livro mas tem publicado trabalhos esparsos em jornais e revistas.

RENATA PALLOTTINI

SÓ ISTO

Faço, cortando as ervas, um trabalho doce, tão diferente do que me oferecem os homens com seus fumos e as mulheres donas de pós e panos, que me espanta a existência contínua dessas ervas. Olho as mãos perfumadas, que cortaram lâminas, folhas, caules, que pensando infusões sonham o sono fundo do chá de estrada e da hortelã. Quem me dera esta vida... e quem me dera ser capaz de vivê-la... quem possuíra um coração tão amplo e simples, que pudesse sem se romper de susto ater-se ao campo... O boldo amargo, a erva doce e as folhas mínimas do alto arbusto de arruda... Tudo isso colore esta manhã de um rosa virgem e de um verde limão cheio de cheiro, erva-cidreira...

Como um cachorro manso espojo o corpo urbano no capim que me corta e na cama de grama. Minhas mãos estão puras e o meu gesto cresce no entendimento vegetal destes sumos.

OLGA SAVARY

OITAVA CAMONIANA

Por sinal do naufrágio que passei, em lugar dos vestidos, pus a vida.

A solidão nos pés, eu muda-polifônica auto-cariátide, parecia atravessar a vida quase sem que a tocasse.

Nos lances de espelhos, a garra do medo. Sobe os degraus da escada a culpa sem falta.

A memória não faz senão matar-me.

NAU SUBMERSA

Afundado no salitre, eras bicho acossado que parou de caminhar e o esqueleto mudado em pedra, ilha. Árvore lassa, fora d'água a crista, as férreas ramas (como leque negro) engolindo peixes pequenos, caranguejos, caracóis, medusas, moluscos litorâneos, constroem em teu casco, em ondas sucessivas, o crime de tornar latifúndio do medo o que era antes quilha tutelar. No grosso húmus de ferrugem te fizeste raiz/raízes neste mar.

ADÉLIA PRADO

CIRCULO

Na sala de janta da pensão tinha um jogo de taças roxo-claro, duas licoreiras grandes e elas em volta, como duas galinhas com os pintinhos. Tinha poeira, fumaça e a cor lilás. Comíamos com fome, era doze de outubro e a Rádio Aparecida conclamava os fiéis a louvar a Mãe de Deus, o que eu fazia, na cidade de Perdões, que não era bonita. Plausível tudo. As horas cabendo o dia, a cristaleira, os cristais, (resíduo pra esta memória) sem uma palavia demais. Foi quando disse e entendi: cabe no tacho a colher. Se um dia puder, nem escrevo um livro.

DUAS MANEIRAS

De dentro da geometria Deus me olha e me causa terror. Faz descer sobre mim o íncubo hemiplégico. Eu chamo por minha mãe, me escondo atrás da porta, onde meu pai pendura a sua camisa suja, bebo água doce e falo as palavras das rezas. Mas há outro modo: se vejo que Ele me espreita eu penso em marca de cigarros, penso num homem saindo de madrugada pra adorar o Santíssimo, penso em fumo de rolo, em apito, em mulher da roça com o balaio cheio de pequi — fruta feita de cheiro e amarelo. — Quando Ele dá fé já estou no colo Dele, pego Sua barba branca, Ele joga pra mim a bola do mundo, eu jogo pra Ele.



O BEZERRINHO QUE PULOU A CERCA

Tadeu Pereira

O bezerrinho forçou a vista. Conseguiu, com o olhar, ultrapassar a cerca.

- Mãe.
- Diz, filho.
- O que existe depois daquela cerca?
 - Que cerca?— Aquela lá...

A mãe-vaca volveu o pescoço lentamente.

- Ah, lá é outra terra.
- Terra tem diferença, mãe?
- Ter não tem, mas...
- Mas o quê?
- Tem dono, tem limite.
- Limite é alguma arte?
- Arte?
- É, alguma bezerragem?
- Mais ou menos, limite é uma proibição.
- Então é uma arte, a senhora não me proíbe de fazer bezerragem?
 - É..
- E quando a gente desobedece uma proibição?
 - A gente é castigado.
 - De que maneira?De alguma, ora.
- O bezerrinho afastou uma varejeira impertinente.
 - Mãe.
 - Hum.
 - Eu sou livre?
 - Claro que é!
- Então vou pular aquela cerca e beber água daquele riacho lá longe...
 - Ei, espere aí, menino!...
 - A senhora também vai, mãe?
 - Ninguém vai.— Ué, por quê?
- Porque aquela cerca é o limite.
- A senhora não disse que eu sou livre? Então, mãe não há limite pra minha liberdade.
 - Há, sim.
- Iiii, não entendi nada, en-
- É cedo pra isso. Fique quieto no seu canto e pronto! Fique quieto! Não se esqueça, sua liberdade vai até aquela cerca!
 - Ah, mãe, deixa eu ir além...
 - Já disse não!
 - Ah, eu quero ir, quero ir.

- Quieto, menino.
- Poxa...

- Veja se dorme sua sesta, hã.
 O bezerrinho fez beiço. A mãevaca pegou no sono. O bezerrinho
- vaca pegou no sono. O bezerrinho não resistiu. Correu feito um doido em direção à cerca.
- Nossa! Como é bonito isto aqui...

Pulou o limite. Correu em busca do riacho. Uma voz forte fez o bezerrinho soluçar de susto e estacar.

— Aonde vai com toda essa pressa?

Era um cavalo com cara de cavalo.

- Até ali.
- Sabe que o seu até ali é proibido?
 - Como assim?
- Você passou o limite, bezerrinho.
- Iiii, outra vez a mesma estória...
 - Que estória?
- A estória de ... ah, não importa, o que eu quero mesmo é beber água daquele riacho e correr por aí...
 - --- Hum.
 - Hum o quê?
- Nada, não, um suspiro habitual.
- Pois, como eu ia dizendo, quero...
- Sabe, bezerrinho, que eu nunca passei daquela cerca?
 - Qual?
 - Aquela que você pulou.
- Ah, do outro lado é onde moro.
 - Não diga?!
 - Verdade.
 - E como são as coisas por lá?
- Ah, tem um pasto verdinho e infinito, água limpinha pra beber, paineiras que protegem o sono da gente...
 - Muito bonita sua parte!
- E o lugar onde você mora, como é?
 - O cavalo olhou em volta.
 - É isso tudo aqui!
- Bacana, pô, olha!, que tal você mostrar sua terra e depois eu mostrar a minha?
 - Uma boa idéia, mas...
 - Mas o quê?
- Existe o limite!A gente esquece, ora, afinal,
- a gente é ou não livre?
 O cavalo balançou a cabeça.
- A gente é livre até onde pensa ser livre!
 - Ué...

- Olha, bezerrinho, você pode plantar cajueiros, mas no seu quintal. Não plante no quintal do vizinho, pode ser que ele não goste de caju.
 - Terra não tem dono.
- O homem não sabe disso, você não vê as cercas, os portões, as tabuletas?...
- Já pensou, cavalo, se fossemos dono do mundo? Nada de cerca, de porta, de muro...

— Um sonho tão grande quanto

aquela cerca!

- Você já pensou?
- Já, e procuro esquecer.
- O bezerrinho tinha um brilho sonhador nos olhos.
- Sabe, seu cavalo, eu queria correr mundo, pastos, campinas, vales...
 - Não iria longe, bezerrinho.
 - Por quê não?
- Numa curva do caminho você se tornaria bife!
- Credo! vira essa boca pra lá!
- O mesmo aconteceria comigo. Aqui no meu quintal eu sou livre. Lá fora, os homens me apanhariam e eu terminaria meus dias carregando-os de um canto pra outro. Não, bezerrinho, durma no seu sono, sonhe no seu sonho!
- -- Entendo... então, o melhor que tenho a fazer é voltar?
- que tenno a fazer e voltar?
 - Isso eu chamo sensatez.Então, até um dia, seu cavalo.
- Até, bezerrinho, e lembre-se: cale sua voz mas não esqueça seu ideal!
 - Não, não esqueço...
- O bezerrinho correu. Pulou a cerca. Sempre correndo, sem olhar para trás, parou somente pertinho da mãe-vaca.
 - Menino! Onde esteve?
 - Pulei a...
 - Pulou o quê?
- Bem... é... pulei por aí, é bom a gente se sentir livre...
- Isso é bom, mas não se esqueça: nunca vá além daquela cerca, hein!
 - Não, eu não esqueço...
- O bezerrinho deitou ao lado da mãe-vaca. Fechou os olhos. Abriuos de repente.
 - Mãe.
 - Hum.
 - Sonhar é proibido?

- Não, isso eu acho que não.
- O bezerrinho tornou a fechar os olhos. Sonhou que...

SEJAMOS NÓS **MESMO**

Ernesto Sábato tradução de Janer Cristaldo

Em função da visita de Nathalie Sarraute, uma vez mais se manifestou esse colonialismo intelectual que constituiu outrora uma das nossas mais célebres calamidades nacionais, e que ainda hoje torna a reaparecer em razão desta espécie de turismo. As decisões desta escrirora sobre a realidade e a novela, seus estatutos sobre o destino da narrativa, suas ordens, mandamentos e disposições aos alunos aborígenes foram recebidos em meio a um adequado silêncio. Não só pelas senhoras que entre canastra e canastra ampliam - como quem diz — o círculo de suas inquietudes espirituais nas conferências da Aliança como também por muitos membros da intelligentsia nativa.

E como consequência desta visita apostolar, tive de ouvir novamente vagas mas insistentes reprovações pelo ensaio que em 1963 publiquei em Sur sobre o nouveau roman. Reprovações que absolutamente não levavam em conta as idéias que nessa ocasião dirigi contra a moda — as pessoas que me incriminaram ou não as recordavam, ou não as haviam entendido ou nem sequer as haviam lido — mas sim o sacrilégio que minha atitude

Seria fecundo desenvolver uma sociologia e inclusive uma psicopatologia dos sentimentos e ressentimentos que dão origem a estes fenômenos de êxtase venerativo ante certas culturas prestigiosas, e particularmente ante tudo que nos chega de Paris. Não podem ser explicados — como alguns sustentam por simples inferioridade material, pois a França de nossos dias não é de modo algum uma potência econômica. Creio que intervêem sutis, complicados e múltiplos fatores. A França de Luís XV já não era a grande potência de Richelieu ou de Luís XIV, que fazia tremer a Europa. Sua cultura no entanto constituía um paradigma universal, em todas as partes se construíam castelos versalhescos, o rococó inco-

6

modava em qualquer cidade da Itália ou Alemanha, Catarina II importava Diderot para que ilustrasse os brutos autóctones e, mesmo combatendo a França, Federico II da Prússia rogava a Voltaire que se dignasse vir para seu lado. Chegando até o incômodo extremo de estudar em francês a metafísica de seu compatriota Christian Wolff, como esses granjeiros norte-americanos que não comem seus próprios espinafres antes que voltem enlatados de um frigorífico de Chicago. Não que fosse melhor estudar Woff em francês — afinal este pobre homem havia pensado e escrito em alemão, e deve-se presumir que seu pensamento terá sido mais fielmente transcrito na língua originária senão que a França era o país mais admirado, começando por suas cidades, que nesse aspecto sempre precedeu aos demais, talvez para estimulá-los e dar-lhes o exemplo. Castelos ou queijos, pensadores ou bebidas, filosofia ou roupa íntima para mulheres, que podia se comparar com o francês? Quanto à língua, Voltaire definia seu gênio como "uma aptidão para dizer da maneira mais curta e harmoniosa o que outros idiomas dizem menos felizmente". Como, sem ir muito longe, o revela a expressão "qu'estce que c'est ça", que literalmente se traduz "que é isso que isso é?' e que, modestamente, num idioma subdesenvolvido como o nosso, quer dizer "que é isso?"

Exemplo que deveria ser prejudicial para a afirmativa voltaireana mas que nos fatos é incapaz de lhe produzir o mais leve arranhão. Já que ao revés do que creêm os incrédulos não há que ver para crer mas sim crer para ver, e as simples demonstrações didáticas jamais perturbam este gênero de

catalepsias.

Que deveríamos dizer da literatura? Não recordo em que conto de Puchkin uma velha condessa pede a seu sobrinho ou neto em um russo salpicado de francês o russo integral se reservava para a criadagem — algo para passar o tempo; e como o rapaz lhe oferecera uma novela de um tal de Ivanov ou Gagarin ou Breshnev ou o que seja, a velha dama exclamou com surpresa: "Mas então existem novelas russas?" Idéia seguramente tão prestigiada nas estepes eslavas, que um escritor de indústria nacional chamado Fedor Dostoievski quase enlouqueceu tentando escrever novelas no estilo de George Sand, tal como o confessa em sua correspondência.

Que a mera potencialidade material não é a causa deste fenômeno - como imaginam os que têm da história uma estrita interpretação econômica — isto é provado pela manutenção e em alguns casos até o incremento deste magistério francês em nosso tempo, quando a França já passou a ser uma nação secundária. É algo misterioso e que me produz uma autêntica fascinação. Vejamos dois exemplos:

Durante 100 (cem) anos, filósofos e escritores russos, alemães e escandinavos, enunciaram, discutiram e aprofundaram uma doutrina chamada existencialismo; um sacrificado espanhol, Miguel de Unamuno, estudou em 1919 o dinamarquês para ler Kierkegaard em sua língua original; e um re-sacrificado argentino — pois somos periferia de periferia, periferia na segunda potência — chamado Carlos Astrada, publicou em 1936 obras sobre a fenomenologia e o existencialismo. Não aconteceu nada.

Mas bastou que um francês descobrisse a doutrina por volta da segunda guerra mundial, para que o planeta inteiro — incluindo os mencionados alemães, daneses, russos, espanhóis e argentinos — enlouquecesse com a doutrina. Com o acréscimo de uma vasta metástase de melenas, vestidos, perfumes, canções e barbas, em virtude dessa outra peculiaridade francesa que inevitavelmente mistura a metafísica com Christian Dior e a ontologia com o music-hall e cabeleireiros.

Há uns 27 anos, quando eu era estudante do colégio nacional, sabíamos o que era uma forma, uma Gestalt, uma estrutura; idéia que por outro lado já estava em gérmen nos filósofos do romanticismo alemão, por fins do século XVIII. E aqui perto, no Instituto de Filologia, na rua Florida, na época em que eu ia conversar com Amado Alonso e Henriquez Ureña, em 1944, não só se estudava a teoria do suíco Saussure como também suas obras eram traduzidas ao castelhano. Não aconteceu nada.

Mas bastou que um francês tropeçasse no assunto para que come-

2

çassem a desafiar-nos com o estruturalismo, tratando-nos de reacionários, atrasados, ignorantes, subdesenvolvidos, negros e integrantes do Terceiro Mundo, porque não nos púnhamos a dançar de alegria ante a simples menção de palavras como diacronia e sincronia.

Dito tudo isto, há que confessar agora o mais surpreendente: os franceses não são culpados pois afinal não agem mal ao valorizar suas próprias burlas, difundindoas de Buenos Aires até Singapura. Os verdadeiros culpados somos nós, os integrantes deste vasto arrabalde de Paris, sempre mais papistas que o Papa. Paris, pelo contrário, sempre esteve aberta aos criadores chegados de qualquer parte do mundo, que mais não seja para apanhá-los e nacionalizá-los enquanto for possível. Assim aconteceu com Picasso, com Henry Miller, com Samuel Beckett, com Marc Chagall, com inumeráveis judeus, romenos, italianos e libaneses. E, com respeito a nós, bastaria ver o que ocorreu com um diretor de teatro como Lavelli, pintores como Seguí e Macció, artistas como Le Parc e, sobretudo, com nossos melhores escritores.

Devemos buscar a culpa então em nós mesmos, em nossos sentimentos de inferioridade, em equivocadas idéias sobre nossa situação subalterna ou infantil. Nada mais falso. Os espanhóis começaram por difundir a crença de que balbuciamos aqui um dialeto malsão da língua de Castilla, o que implica na singular convicção de uma língua invariável e perfeita sentada em uma Cátedra Absoluta em Toledo ou em Talavera de la Reina.

Ocupei-me largamente desta peregrina teoria em vários livros para que necessite voltar a refutá-la. Trata-se da tese de que o "meridiano da cultura da língua castelhana passa por Madri", em virtude da qual nossos aterrorizados professores do ensino secundário nos empurravam a prosa de Pereda, Alarcón, a Condessa de Pardo Bazán e até mesmo Ricardo León, em lugar de Sarmiento — que é maior que todos eles juntos —, de Cambaceres, Quiroga, Lynch, Guiraldes ou Roberto Arlt, para não falar dos escritores contemporâneos: era de mau tom falar de um criador vivo, ou talvez se acreditasse que nenhum

artista vivo pudesse ser importante, dando assim à morte um milagroso poder multiplicatório, a ponto de converter em imortais Pereda ou Alarcón pela simples razão de que morreram.

Tudo isto é um disparate. Um escritor argentino é tão descendente de Birceo e de Cervantes como um escritor de Madri e, a julgar pelos fatos atuais, com muito mais resultado. Não somos uma "nova literatura", nem devemos considerarnos como adolescentes das artes e das letras, pelo fato de pertencer a uma nação que politicamente se libertou há um século e meio: a Revolução de Maio pode produzir uma insígnia, não uma literatura estritamente nova. Consideremos então que, frente às seculares literaturas de França ou Itália, podemos e devemos reinvindicar a secular e quase milenar criação de língua castelhana. Por que temos de sentir-nos crianças de peito ao lado de um Robe-Grillet? O mesmo cabe dizer com respeito ao pensamento, iá que pertencemos em definitivo ao mesmo âmbito cultural dos alemães e franceses e italianos: todos descendemos do ancestral acervo greco-latino-judaico. Nossos antepassados intelectuais não são Calfucurá e Caupolicán, mas Heráclito e o Eclesiastes. Platão e a Odisséia, Virgílio e a Divina Comédia, embora, evidentemente, todas as nossas criações tenham o acento de um território diferente e de uma realidade com seus próprios matizes. Que não nos venham tampouco com isso da Europa.

Quanto ao nouveau roman, para finalizar com o que suscitou estas reflexões, posto que muitos epígonos nacionais persistem em sua idolatria, quando já na Europa ficou reduzido a seus justos e modestos limites — porque aqui as modas chegam tarde e se retiram muito tempo após terem morrido em Paris — me vejo obrigado a dizer que as críticas filosóficas e estéticas que fiz em 1963, em pleno apogeu da moda, foram logo confirmadas pelos fatos e refutações de outros ensaístas europeus.

Embora o nouveau roman não tenha produzido nenhum grande escritor — como sempre sucede com os movimentos bizantinos — revelou interessantes narradores, entre eles e sobretudo Robbe-Gril-

let, o mais original do grupo. Naquele ensaio em Sur não neguei seus méritos literários nem os de Nathalie Sarraute, senão suas pretensões filosóficas, o absolutismo de seus ditames, o insolente terrorismo de seus ensaios, a confusão e as contradições da doutrina. Analisei, em particular, L'Êre du Soupçon, de Nathalie Sarraute. Mais conciliadora — não tera sido golpeada em vão — agora elogia Proust, depois de ter rido dele nesse livrinho, fazendo ironias fáceis sobre sua pretensão de "couper les cheveux en quatre" (que outra coisa ela faz?), suas análises psicológicas, sua pretensão de descer aos abismos da consciência"; sustentando que logo (hélas...) chegaria o momento em que os colegiais percorreriam suas obras com um mestre, da mesma forma que per-corremos as ruínas famosas. Por um desses mecanismos que produzem os parricídios ou pelo menos o ódio contra os pais, nesse livrinho - recém-traduzido para o castelhano — como essa luz que nos chega à Terra de estrelas já extintas, ela descarrega seu ressentimento contra os dois geniais criadores dos quais descende: Marcel Proust e Virginia Woolf. E embora elogie prudentemente agora o primeiro, segue negando escritores da dimensão de Camus, de Malraux, de Henry Miller, de Pavese, de Beckett, de Thomas Mann e de Sartre, esse mesmo Sartre que com a grandeza espiritual e a generosidade que o caracterizam fez o prólogo do seu primeiro livro.

Que uma pessoa com estas características manifeste, em seus feitos e palavras, não ter-me perdoado aquele ensaio em Sur, não me espanta. Tampouco me espanta que mantenham sua sacra indignação os aborígenes, e os pequenos imitadores — todo imitador é pequeno que então me olharam como a um monstro reacionário, como a um negador do Progresso e da Vanguarda Literária. O que me espanta é que ainda existam aqui pessoas que não entendam que com esse tipo de fetichismo não conseguiremos a independência definitiva, para construirmos uma genuína cultura nacional: algo que reconheça seu ancestral europeu, mas que não acate servilmente seus atuais descendentes de Paris.



Horacio Quiroga

O autor de El Salvaje, de onde extraímos Una Bofetada, nasceu em Salto, Uruguai, em 1878. Ainda jovem transferiu-se para a Argentina. Viveu muito tempo na província de Misiones: sua natureza exuberante inspirou grande parte da obra de Quiroga, que só voltou a Montevidéu para breves visitas. Escreveu romances e poesia mas foi nos contos que conseguiu melhores resultados.

Acosta, mayordomo del Meteoro, que remontaba el Alto Paraná, cada quince días, sabía bien una cosa, y es ésta: que nada hay más rápido, ni aun la corriente del mismo río, que la explosión que desata una damajuana de caña lanzada sobre un obraje. Su aventura con Korner, pues, pudo finalizar en un terreno harto conocido de él.

Por regla absoluta — con una sola excepción — que es ley en el Alto Paraná, em los obrajes no se permite caña. Ni los almacenes la venden, ni se tolera una sola botella, sea cual fuere su origen. En los obrajes hay resentimientos y amarguras que no conviene traer a la memoria de los mensús. Cien gramos de alcohol por cabeza, concluirían en dos horas con el obraje más militarizado.

A Acosta no le convenía una explosión de esta magnitud, y por

esto su ingenio se ajercitaba en pequeños contrabandos, copas despachadas a los mensús en el mismo vapor, a la salida de cada puerto. El capitán lo sabía, y con él el pasaje entero, formado casi exclusivamente por dueños y mayordomos de obraje. Pero como el astuto correntino no pasaba de prudentes dosis, todo iba a pedir de boca.

Ahora bien, quiso la desgracia un día que a instancias de la bullanguera tropa de peones, Acosta sintiera relajarse un poco la rigidez de su prudencia. El resultado fue un regocijo entre los mensús tan profundo, que se desencadenó una vertiginosa danza de baúles y guitarras que volaban por el aire.

El escándalo era serio. Bajaron el capitán y casi todos los pasajeros, siendo menester una nueva danza, pero esta vez de rebenque, sobre las cabezas más locas. El pro-

ceder es habitual, y el capitán tenía el golpe rápido y duro. La tempestad cesó en seguida. Esto no obstante, se hizo atar de pie contra el palo mayor a un mensú más levantisco que los demás, y todo volvió a su norma.

Pero ahora tocaba el turno a Acosta. Korner, el dueño del obraje cuyo era el puerto en que estaba detenido el vapor, la emprendía con él:

— Usted, y sólo usted, tiene la culpa de estas cosas! Por diez miserables centavos, echa a perder a los peones y ocasiona estos bochinches!

El mayordomo, a fuer de mestizo, contemporizaba.

Pero cállese, y tenga vergüenza! — proseguía Korner —.
 Por diez miserables centavos...
 Pero le aseguro que en cuanto

llegue a Posadas, denuncio estas picardías a Mitain.

Mitain era el armador del Meteoro, lo que tenía sin cuidado a Acosta, quien concluyó por perder la paciencia.

— Al fin y al cabo — respondió —, usted nada tiene que ver en esto... Si no le gusta, quéjese a quien quiera... En mi despacho

yo hago lo que quiero.

— Es lo que vamos a ver! — gritó Korner, disponiéndose a subir. Pero en la escalerilla vio por encima de la baranda de bronce al mensú atado al palo mayor. Había o no ironía en la mirada del prisionero; Korner se convenció de que la había, al reconocer en aquel indiecito de ojos fríos y bigotitos en punta, a un peón con quien había tenido algo que ver tres meses atrás.

Se encaminó al palo mayor, más rojo aún de rabia. El otro lo vio llegar, sin perder un instante su sonrisita.

— Con que sos vos! — le dijo Korner —. Te he de hallar siempre en mi camino! Te había prohibido poner los pies en el obraje, y ahora venís de allí... Compadrito! El mensú, como si no oyera,

El mensú, como si no oyera, continuó mirándolo con su minúscula sonrisa. Korner, entonces, ciego de ira, lo abofeteó de derecha y revés.

— Tomá..., compadrito! Así hay que tratar a los compadres como vos!

El mensú se puso lívido, y miró fijamente a Korner, quien oyó algunas palabras:

— Algún día...

Korner sintió un nuevo impulso de hacerle tragar la ameanaza, pero logró contenerse y subió, lanzando invectivas contra el mayordomo que traía el infierno a los obrajes.

Mas esta vez la ofensiva correspondía a Acosta. Qué hacer para molestar en lo hondo a Korner, su cara colorada, su lengua larga

y su maldito obraje?

No tardó en hallar el medio. Desde el siguiente viaje de subida, tuvo buen cuidado de surtir a escondidas a los peones que bajaban en Puerto Profundidad (el puerto de Korner) de una o dos damajuanas de caña. Los mensús, más aullantes que de costumbre, pasaban el contrabando en sus baúles, y esa misma noche estallaba el incendio en el obraje.

Durante dos meses, cada vapor que bajaba el río después de haberlo remontado el Meteoro, alzaba indefectiblemente en Puerto Profundidad cuatro o cinco heridos. Korner, desesperado, no lograba localizar al contrabandista de caña, al incendiario. Pero al cabo de ese tiempo, Acosta había considerado discreto no alimentar más el fuego, y los machetes dejaron de trabajar. Buen negocio en suma para el correntino, que había concebido venganza y ganancia, todo sobre la propria cabeza pelada de Korner.

Pasaron dos años. El mensú abofeteado había trabajado en varios obrajes, sin serle permitido poner una sola vez los pies en Puerto Profundidad. Ya se ve: el antiguo disgusto con Korner y el episodio del palo mayor, habían convertido al indiecito en persona poco grata a la administración. El mensú. entre tanto, invadido por la molicie aborigen, quedaba largas temporadas en Posadas, vagando, viviendo de sus bigotitos en punta, que encendían el corazón de las mensualeras. Su corte de pelo en melena corta, sobre todo, muy poco común en el extremo norte, encantaba a las muchachas con la seducción de su aceite y sus violentas lociones.

Un buen día se decidía a aceptar la primera contrata al paso, y remontaba el Paraná. Cancelaba presto su anticipo, pues tenía un magnífico brazo; descendía a este puerto, a aquél, los sondaba todos, tratando de llegar adonde quería. Pero era en vano: en todos los obrajes se le aceptaba con placer, menos en Profundidad; allí estaba de más. Cogíalo entonces nueva crisis de desgano y cansancio, y tornaba a pasar meses enteros en Posadas, el cuerpo enervado y el bigotito saturado de esencias.

Corrieron aún tres años. En ese tiempo el mensú subió una sola vez al Alto Paraná, habiendo concluido por considerar sus medios de vida actuales mucho menos fatigosos que los del monte. Y aunque el antiguo y duro cansancio de los brazos era ahora reemplazado por la constante fatiga de las piernas, hallaba aquello de su gusto.

No conocía — o no frecuentaba, por lo menos — de Posadas más que la Bajada y el puerto. No salía de ese barrio de los mensús; pasaba del rancho de una mensualera a otro; luego iba al boliche, después al puerto, a festejar en corro de aullidos el embarque diario de los mensús, para concluir de noche en los bailes a cinco centavos la pieza.

— Ché, amigo! — le gritaban los peones —. No te gusta más tu hacha! Te gusta la bailanta,

ché, amigo!

El indiecito sonreía, satisfecho de sus bigotitos y su melena lustrosa.

Un día, sin embargo, levantó vivamente la cabeça y la volvió, toda oídos, a los conchabadores que ofrecían espléndidos anticipos a una tropa de mensús recién desembarcados. Se trataba del arriendo de Puerto Cabriuva, casi en los saltos del Guayra, por la empresa que regenteaba Korner. Había allí mucha madera en barranca, y se precisaba gente. Buen jornal — y un poco de caña, ya se sabe.

Tres días después, los mismos mensús que acababan de bajar extenuados por nueve meses de obrajes, tornaban a subir, después de haber derrochado fantástica y brutalmente en cuarenta y ocho horas doscientos pesos de anticipo.

No fue poca la sorpresa de los peones al ver al buen mozo entre ellos.

— Opama la fiesta, ché, amigo! — le gritaban —. Otra vez la hacha, anã-mb!...

Llegaron a Puerto Cabriuva, y desde esa misma tarde la cuadrilha del mensú fue destinada a las jangadas.

Pasó por consiguiente dos meses trabajando bajo un sol de fuego, tumbando vigas desde lo alto de la barranca al río, a punta de palanca, en esfuerzos congestivos que tendían como alambres los tendones del cuello a los siete mensús enfilados.

Luego, el trabajo en el río, a nado, con veinte brazas de agua bajo los pies, juntando los troncos remolcándolos, inmovilizados en los cabezales de las vigas horas enteras, con los hombros y los brazos unicamente fuera del agua. Al cabo de cuatro, seis horas, el hombre trepa a la jangada, se le iza, mejor dicho, pues está helado. No es así extraño que la administración tenga siempre reservada un poco de caña para estos casos, los

únicos en que se infringe la ley. El hombre toma una copa y vuelve otra vez al agua.

El mensú tuvo su parte en este rudo quehacer, y bajó con la inmensa almadía hasta Puerto Profundidad. Nuestro hombre había contado con esto para que se le permitiera bajar en el puerto. En afecto, en la Comisaría del obraje o no se le reconoció, o se hizo la vista gorda, en razón de la urgencia del trabajo. Lo cierto es que recibida la jangada, se le encomendó al mensú, juntamente con tres peones, la conducción de una recua de mulas a la Carrería, varias leguas adentro. No pedía otra cosa el mensú, que salió a la mañana siguiente, arreando su tropilla por la picada maestra.

Hacía ese día mucho calor. Entre la doble muralla de bosque, el camino rojo deslumbraba de sol. El silencio de la selva a esa hora parecía aumentar la mareante vibración del aire sobre la arena volcánica. Ni un soplo de aire, ni un pío de pájaro. Bajo el sol a plomo que enmudecía a las chicharras, la tropilla, aureolada de tábanos, avanzaba monótonamente por la picada, cabizbaja de modorra y luz.

A la una, los peones hicieron alto para tomar mate. Un momento después divisaban a su patrón que avanzaba hacia ellos por la picada. Venía solo, a caballo, con su gran casco de pita. Korner se detuvo, hizo dos o tres preguntas al peón más inmediato, y recién entonces reconoció al indiecito, doblado sobre la pava de agua.

El rostro sudoroso de Korner enrojeció un punto más, y se irguió en los estribos.

— Eh vos! Qué hacés aqui?
 — le gritó furioso.

El indiecito se incorporó sin

— Parece que no sabe saludar a la gente — contestó avanzando lento hacia su patrón.

Korner sacó el revólver e hizo fuego. El tiro tuvo tiempo de salir, pero a la loca: un revés de manchete había lanzado al aire el revólver, con el índice adherido al gatillo. Un instante despuées Korner estaba por tierra, con el indiecito encima.

Los peones habían quedado inmóviles, ostensiblemente ganados por la audacia de su compañero.

— Sigan ustedes! — les grito éste con voz ahogada, sin volver la cabeza. Los otros prosigueron su deber, que era para ellos arrear las mulas, según lo ordenado, y la tropilla se perdió en la picada.

Él mensú, entonces, siempre conteniendo a Korner contra el suelo, tiró lejos el cuchillo de éste, y de un salto se puso de pié. Tenía en la mano el rebenque de su patrón, de cuero de anta.

Korner se levantó, empapado en sangre e insultos, e intentó una embestida. Pero el látigo cayó tan violentamente sobre su cara que lo lanzó a tierra.

— Levántate — repitió el mensú. Korner tornó a levantarse.

Ahora caminá.

Y como Korner, enloquecido de indignación, iniciara otro ataque, el rebenque, con un seco y terrible golpe, cayó sobre su espalda.

- Caminá.

Korner caminó. Su humillación, casi apoplética, su mano desangrandose, la fatiga, la habían vencido, y caminaba. A ratos, sin embargo, la intensidad de su afrenta deteníalo con un huracán de amenazas. Pero el mensú no parecía oír. El látigo caía de nuevo, terrible, sobre su nuca.

— Caminá.

Iban solos por la picada, rumbo al río, en silenciosa pareja, el mensú un poco detrás. El sol quemaba la cabeza, las botas, los pies. Igual silencio que en la mañana, diluido en el mismo vago zumbido de la selva aletargada. Solo de vez en cuando sonaba el restallido del rebenque sobre la espalda de Korner.

— Caminá.

Durante cinco horas, kilómetro tras kilómetro, Korner sorbió hasta las heces la humillación y el dolor de su situación. Herido, ahogado, con fugitivos golpes de apoplejía, en balde intento varias veces detenerse. El mensú no decía una palabra, pero el látigo caía de nuevo, y Korner caminaba.

Al entrar el sol, y para evitar la Comisaría, la pareja abandonó la picada maestra por un pique que conducía también al Paraná. Korner, perdida con ese cambio de rumbo la última posibilidad de auxilio, se tendió en el suelo, dispuesto a no dar un paso más. Pero el rebenque, con golpes de brazo habituado al hacha, comenzó a caer.

--- Caminá.

Al quinto latigazo Korner se incorporó, y en el cuarto de hora final los rebencazos cayeron cada veinte pasos con incansable fuerza sobre la espalda y la nuca de Korner, que se tambaleaba como sonámbulo.

Llegaron por fin al río, cuya costa remontaron hasta la jangada. Korner tuvo que subir a ella, tuvo que caminar como le fue posible hasta el extremo opuesto, y allí, en el limite de sus fuerzas, se desplomó de boca, la cabeza entre los brazos.

El mensú se acercó.

— Ahora — habló por fin —, esto es para que saludés a la gente... Y esto para que sopapeés a la gente...

Y el rebenque, con terrible y monótona violencia, cayó sin tregua sobre la cabeza y la nuca de Korner, arrancándole mechones sanguinolentos de pelo.

Korner no se movía más. El mensú cortó entonces las amarras de la jangada, y subiendo en la canoa, ató un cabo a la popa de la almadía y paleó vigorosamente.

Por leve que fuera la tracción sobre la inmensa mole de vigas, el esfuerzo inicial bastó. La jangada viró insensiblemente, entró en la corriente, y el hombre cortó entonces el cabo.

El sol había entrado hacía rato. El ambiente, calcinado dos horas antes, tenía ahora una frescura y quietud fúnebres. Bajo el cielo aún verde, la jangada derivaba girando, entraba en la sombra transparente de la costa paraguaya, para resurgir de nuevo a la distancia, como una línea negra ya.

El mensú derivaba también oblicuamente hacia el Brasil, donde debía permanecer hasta el fin de sus días.

— Voy a perder la bandera — murmuraba mientras se ataba un hilo en la muñeca fatigada. Y con una fría mirada a la jangada que iba al desastre inevitable, concluyó entre los dientes:

— Pero ése no va a sopapear más a nadie, gringo de un añá

más a nadie, gringo de un aña membuí!

18

2

3



Manuel de Oliveira Paiva

Grande nome do naturalismo brasileiro, o cearense Manuel de Oliveira Paiva (1861-1892) só saiu do anonimato em 1951, data da primeira edição do romance Dona Guidinha do Poço. Abolicionista e republicano, à maneira de autores como Rodolfo Teófilo, Domingos Olímpio e Antônio Sales, Oliveira Paiva só mais recentemente, em 1961, teve seu segundo livro, A Afilhada, publicado. "O que, sem diminuir o valor de seus companheiros, parece constituir a maior excelência deste escritor é a mestria com que fundiu os elementos emocionais e os materiais, isto é, a arte de tornar sugestiva qualquer minúcia, de valer-se de indicações objetivas para reforçar indiretamente o sentido da narrativa ou insinuar o caráter de uma personagem", escreveu Lúcia Miguel Pereira, no seu famoso prefácio à 1.ª edição do livro lançada pela Saraiva. Manuel de Oliveira Paiva morreu tuberculoso e pobre. A doença o impediu de seguir a carreira militar. Foi secretário do primeiro governo republicano, mas, por volta de 1890, com os pulmões em más condições, foi tentar recuperar-se no sertão do Ceará. Não conseguiu, mas seus dois romances foram feitos.

DONA GUIDINHA DO POÇO

fragmento

Estava o Seu Antônio no seu manso, deitado na sua rede, com as pernas passadas e as mãos cruzadas por baixo da cabeça, quando entra o Néu, e diz:

— M'pai saberá vosmicê que o Silveira chegou esta noite.

O pai olhou-o vivamente:

— E cadê ele? Vendeu os burros todos?

— Não, Sinhô, vendeu um, fugiram dois. Ele está lá ca Seá Dona Guidinha.

— Hum! E o resto dos burros teria voltado? Que galatão, meu Jesus! Vão vê que ela vai achá que o cabra fez muito bom negoço.

Disse isto erguendo-se. E o filho:

— Num diz, não. M'pai não sabe?

- Não sabe o quê?

O jovem vaqueiro olhou se alguém os ouvia, e com uns ares de confidência:

— Apois eu sei. A Sá Carolina me dixe. Me dixe munto contrafeita, hoje quando eu vinha do piero, que o Secundino tinha sido pronunciado sempre, que o Silveira não chegou mais im tempo de jurá cuma testemunha, qui agora só no júri...

- O quê! E ele é criminoso?

— Ora se é!

— Inda mais esta!... Então não há de ser por bonita coisa, visto que ocultaram assim, o qual não fariam se não precisasse fazê mistero, ou polo menos escondê de nóis... E eu vou logo te dizendo: non quero qui tu fale nisso a ninguém. Pur nossa parte não há de sê a disgraça de ninguém, que a Seá Dona Guida pende pra Secundino e Silveira, uviu? Não diga palavra subre esse tanto, a Carolina qui vá rasgá buxo pa outra parte, qui pra cá vem de chouto... Mas cum efeito! aquele moço tão simpático e agradave! Coitado, qui tiria cometido ele por lá?

- M'pai, aquilo mó de que é mais

é um veiação.

- Pode ser. A gente vê cara...

O vaqueiro foi ao torno, tirou as perneiras, o gibão, o guarda-peito, e seguiu para debaixo de uma latada de ramos que havia no fundo da casinha, a darlhes uma passadela de sebo. Fazia um sol quente de oito da manhã, céu limpo. Ouvia-se o baticum dos pilões na vivenda, que era parede-meia, e a conversa do Silveira, muito alta, com os patrões.

De quando em vez um riso lhe vinha de dentro:

— Que bom vendedor de burros! — pensava o vaqueiro. Vendeu um, fugiram dois! Talvez até a onça tivesse comidos os dois... Essas onças são uns

diabos do Cão, principalmente onça de dois péis. Ah! cabra desgraçado! ladrão! Se fosse eu, te dava mas era um ensino de mestre!... Mas aquilo sabe onde carnero maia e andorinha dorme. Cabra onzonero! Vígi como o satanás tá adulando a pobe da Seá Dona Guida! Come a pobe por um pé. Tu tá bom mesmo é pra guarda-costa, xujo! Aquilo sabe inté de tologia e filosofia, e já deu fé qui o casau vive uma hora por outra renrém-renrém... E assentou logo: qui hai coisa, é bom escogitá. Aquela Guida também! aquilo é uma danada, levada da breca, da carepa e da canita, e se ela não fez ainda um terramote é mó que Seu Majó tem oração forte consigo...

E assim ia o vaqueiro ancião pensando alto, a esfregar automaticamente o sebo no couro da veste endurecido

pela chuva:

— Diabo deste liforme tá ficando véio... Eu vi logo quando o cabra chegou o muito do impenho que ele tomou in aprecatá a sorte dos donos das terra, acabando com aquela cabeça de cupim da cumeeira da casa de morada, proque diz que cupim na casa é azá pra o dono. Bajulação só! Tás bebo, canhoto! mas a mim tu non m'ingana, não, qui não cumi pato in tempo de piqueno. Vai pra lá cas tuas histora de sobrosso e donzela incantada!

Dias depois houve samba na maloca dos Silveiras, e o Seu Antônio foi com os seus, para não refugar o convite. Não dava o seu direito a ninguém, dizia.

Os cunhados do Silveira, Manuel dos Santos e Anacleto, já haviam concluído suas casinhas por modo que estava aquele ponto uma aldeola deles.

Naiú tinha ido à vila apresentar ao Secundino a triste notícia da sua pronúncia, no seguinte bilhete, que o rapaz devorou com gana e susto:

Poço, 19 de maio.

Secundino adeus

Vou lhe dar notícia que o Silveira chegou esta noite trazendo cartas para o Quinquim que você está pronunciado, não esmoreça porque deste lugar ninguém lhe arranca, abaixo de Deus e Nossa Senhora, não vejo esse que se atreva a tentar! Graças a Deus sou filha de pai que sabia honrar a sua palavra e os seus hóspedes por isso pode ficar descansado que quem lhe diz sou eu.

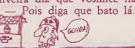
Vai um rol de umas encomendas para você me mandar que é para fazer um agrado à família do Silveira que são uns pardos de muita estimação como sabe. Mande os preços.

Sua parente e cr.º e obr.º. Margarida Reginaldo de Oliveira Barros

Naiú disse ao Secundino que os Silveiras tal dia iam vadiar. Então o moço pergunta:

— Vai muita caboca?

— Ora, ora, aquilo tudo de roda. Seu Silveira diz que vosmicê há de i...



Mandou pedir emprestado um cavalo ao amigo Capitão Chiquinho, que morava no outro correr da praça e era negociante bodegueiro, coletor de rendas pú-blicas, administrador do patrimônio da Matriz, e primeiro suplente do Juiz Municipal.

Todavia, por mais que fizesse, sempre lhe passava ao Secundino, de vez em

quando, uma coisa pela vista:

— Diabo... Mas aquela pronúncia! Certo era como a Guida afirmava: ninguém o agadanharia naquele termo. Porém política era o diabo. O que valia era que quando os caranguejos subissem, ele poderia afoitamente responder júri que o botavam para a rua. Por outro lado, ali onde ele estava quem dava as cartas eram os chimangos, fortemente organizados, para os quais a Guida era trunfo. E no mais o diabo não era tão feio como o pintavam. O presente era bom, o futuro que se amolasse.

Riscou no Poço da Moita no dia do samba, já com escuro, a fogueira comecando a arder no terreiro do Silveira, cuja palhoça, com uns lampiões na frente, apresentava uns ares de novena. Efetivamente havia terço antes do samba.

Guida assistiu à reza, o Secundino a seu lado, e ficou para apreciar a função. De joelhos, debruçado sobre um mocho, em olhares e momices, o sobrinho caçoava para ela discretamente daqueles pés de poeira, a fazerem as suas devoções numa cantoria interminável, com latinórios de ladainhas e oremus e um português estropiado, que ele achava burlesco. O terço foi oferecido a Nossa Senhora, em honra de santo mês de Maria, na intenção de Sea Dona Guidinha, que no seu cochicho com a divindade oculta o aplicou a Nossa Senhora do Patrocínio para que tomasse sob a sua proteção o seu sobrinho Secundino, perseguido da Justiça. Acabaram cantando o Meu Senhor e amado, rematando com o bendito:

> Sois jardim de graça, Virgem gloriosa, Sois do Paraíso A mais linda rosa.

O terço fora encomendado pela Guida, certa que a Nossa Mãe Santíssima houvera de apiedar-se pelas orações de todo aquele povo. Guida tinha muita fé, segundo estava convencida. Falava vivamente ao Secundino, com um desembaraço de expressão como firmando em cada sílaba que ele podia estar descansado, que não era assim, sem mais nada que a justiça dos praianos havia de pôrlhe as mãos ali naquele sertão, onde o seu nome dela era um talismã.

Secundino não tirava os olhos de cima daquelas matutas que, acanhadas diante

dele, ganhavam em tentação.

A função estava custando a principiar. Carolina ralhava com um e com outro que lhe deixassem arrumar o terreiro. Desarmou o altar, uma banquinha encostada à parede do lado de fora, sob a latada, coberta por uma linda colcha, com imagens e quadros por cima, castiçais com mangas de vidro e velas de sebo, que a Guidinha emprestou. Que gente! deixassem guardar aquilo,

4

5

6

senão se quebrava.

3

2

O Silveira recolhia as imagens com um ar sorumbático de celebrante, arrumando-as com os castiçais e a colcha num tabuleiro, que levou lá para dentro.

Minha gente! Deixassem de empaia-ção, que a Seá Dona Guidinha queria assisti ao divertimento e non havera de está se dilatando inté de manhã: era a exclamação da Carolina, toda solicitudes.

- Cadê lo Secundino?

– Está lá dentro tomando aluá! – dores, aqueles temperando as violas. responderam.

Sentaram-se os tocadores e os canta-Guida mandou dar-lhes vinho.

— Oue diabo de custo é aquele, meus senhores?

 É coisa pa me abusá só é quando tocadô pega a afiná a viola!

- É porque você não intelige dos arames, camarada.

Até que enfim, executadas diferentes afinações, em cima e em baixo, o da viola de melhor regra fez a postura do baião, entrando em seguida a marcar, com o polegar no bordão, ao passo que aquele outro dedo passava a pontear um sapateado sereno, encrespado de quando em vez por um trecho verme-lho de rasgado. O toque produzia nos circunstantes aquele susto que é sintoma de profundo prazer.

Chegue, Seu Secundino!

A outra viola enfiou no rojão, amarrando o toque, e naquilo seguiram casadinhas que era um regalo.

Zé Tomás, que sentia umas dorezinhas cansadas nos músculos do pescoço, ficara febril. O jeito era descarregar no sapateado. Bateu rente no terreiro, com as mãos para trás, avançou para os tocadores, peneirando, pé atrás, recuou, pé atrás, pé adiante, pisou duro, estirou os braços para a frente com a cabeça curvada, e, estalando as castanholas dos seus dedos rijos, fez uma roda de galo que arrasta a asa e atirou na Carolina.

Abre a roda! gritou o Secundino. Aí, danado! disseram outros para o Zé Tomás.

- Quero vê, Calu!

A pernambucana saiu, empinada para diante, dando castanholadas para os lados.

- Nada, baião de quatro! — gritou o Torém, saltando em campo e atirando em uma irmã do dono da casa.

Os dois pares fizeram os seus volteados, trocaram as damas uma pela outra, e repetiram as mesmas figuras. Ficaram depois as damas, que atiraram em outros

Já os cantadores haviam entrado no desafio, que o Secundino reclamava não

poder bem apreciar.

8

- Neste fordunço, a cantoria se perde quase toda! — fez-lhe ver o Silveira. Eu não gostei nunca de cantá im samba pro mó disso mesmo. No pinho, outro galo me cantava, eu decidia cá a meu gosto. Mas também, a bem dizê, só aprecio hoje im dia baião de ponta de unha, bem explicado na regra, como eu cá sei. Home! essa fonção de samba só mesmo pa quem qué se metê na

Viu o seu primo como é dançador? - dizia a Guida para o Secundino, referindo-se ao Zé Tomás.

Estavam em pé nos bancos, para ver

melhor.

— Vi! Aquilo é um bom copo! — respondeu o outro. Não sei onde o meu tio foi arranjar aquela parelha. Olhe que também o tal de meu primo André Virino.

– Mas são bons rapazes, menino. Que tem lá isso? O pai é que é ruim

para eles.

A mulher do Silveira não enjeitava partido, muito ancha e pimpona. Quando dancava, via-se-lhe a saia tremer sobre os quadris, ao ritmo das violas, que acompanhava às vezes na boca: pcht, pcht, pcht, pcht.

Os cantadores largavam a goela no mundo, impregnando no verso a volúpia

Todo branco quer ser rico, Todo mulato é pimpão, Todo cabra é feiticeiro, Todo caboclo é ladrão. Viva Seaá Dona Guidinha, Senhora deste sertão.

Prolongavam muito determinadas sílabas num misto de canto e de aboiado, principalmente a final do último verso. Às vezes a modulação parecia ir com aquele pinotear cadenciado do rojão:

> O fogo nasce da lenha, A lenha nasce do chão; O amor nasce dos olhos, O afeto do coração; A ira vem de repente, Mais a raiva vem do Cão; Amizade vem da estima, Do fervor a gratidão; O home dá valimento, Mas só Deus dá salvação. Menina, dá-me teus braços, Oue eu te dou meu coração! Todo letrado é ladino, Todo frade é mandrião... Viva Senhor Secundino, Pessoa de estimação!

Estão louvando a vosmicês, tão vendo?

- Bote sentido!

- Mas é uma zoada dos seiscentos, muita coisa se perde! - reclamou o Secundino.

> Cada vez que boto os olhos Para a banda onde morais, Suspiros rompem do peito, Sodades cada vez mais!

Se você vié de basto, Eu entro de sota e ais: Tando cas carta na mão, Nem mesmo o Cão farrabrais Me bota terra nos óios, Veiacada ele non fais!

Do Recife é que eu venho, Terra que bem longe estais, E me chamo Secundino, Sou galante, sou rapais, Sou rico e sou estimado, No amô sou famanais! Viva Seá Dona Guidinha, Que tudo que eu quero fais!

20

cm

Que tudo que ele quer fais, Pois é home de valia; São chita da mesma peça O sobrinho cumo a tia!

No tempo im que eu te amava, Deus do céu me aparecia, Não ia pra terra longe, Na cegueira im que vivia Oh! meu Deus, naquele mundo Como triste ficaria O coração da donzela Que só por ele batia! E viva Seu Secundino Com toda sua famia...

Com toda sua famia No reino do céu se veja: Quando a hora for chegada, Nossa Senhora o proteja.

— Está bom! A coisa vai passando a lamúria...

Os cantadores continuavam na louvação. Carolina vem, e atira no Secundino.

— Não pode arrecusá! Não faça des-

A outra, que era a Mercês de Seu Antônio, atirou no Silveira. Secundino estava demorando por denguice, que isso lá de cara de pau ele a tinha bastante.

— Vom,bora,home! Deixe de custo. que as muié tão esperado pur nós.

Saiu enfim Secundino, debaixo de um ah! de geral satisfação.

Ao mesmo tempo os cantadores cantavam:

> Vosmicê me chama feia, Eu não sou da sua casta; Mais vale uma firme feia Que uma bonita farsa! Não quero home de saia, Não quero mulhé de cauça: Venha cá, Seu Secundino, Meta logo a mão na massa!

Vou-m'imbora, vou-m'imbora, Pro sertão do Pioí, Vou busca Fulores Bela Pra casá cum Bugari. Venha cá, Seu Secundino, Dance no samba daqui, Que estes caboco são pobe, Más têm honra consigo.

Mas têm honra consigo, E toitiço no cupim, Só não são da cor de leite E nem da cor de alfenim: Quando dizem: Não! tá dito, Não trocam, não, pelo Sim, Nem mesmo cabra chamurro, Nem mesmo caboco ruim. E viva o Seu Secundino, Que tem boca de rubim E tá dançando na roda... Faz gosto dançar assim!

Secundino realmente gingava em regra, com o passo muito certo e um belo ar petulante e pachola. Carolina toda se derretia. Ele começava a ficar sensualmente excitado por aqueles movimentos vivos da saia dela, da cintura para baixo, que se repetiam com umas ondulações voluptuosas de labareda. A Mercês, mulher de Seu Antônio, dançava com

certo acanhamento, mais obrigada pelo marido. Era como por cumprir um dever. Porém de suas faces coradas, dos seus olhos voltados constantemente para o chão, daquela mesma repugnância que não podia negar, medrava um chiste, a tentação da esquivança. Depois ficaram os dois homens, que atiraram em duas raparigas donzelas, cunhāzinhas do Itambé. Guida tinha o olho grelado para o Secundino que estava muito despachado e saído. O baião serenava num peneirado miudinho:

Dez vez dez — eu tenho dito, In vinte — de ti falá, In trinta — t'espero intão, In quarenta — te lográ. Um vez um — tou falando, Duas vez dois — tou dizendo, Três vez três — tou assentando, Quatro vez quatro — sabendo, Cinco vez cinco — entendendo, Seis vez seis — me certifico, Sete vez sete — bonito! Oito vez oito — zombando, Nove vez nove — notando, Dez vez dez — eu tenho dito.

In onze — fiquei cativo, In doze — do teu amô, In treze — por teu rigô, In quatorze — ressintido, In quinze — fiquei perdido, In dezessete — a cuidá In dezoito — que te tinha In dizanove — vidinha! In vinte — pra ti falá.

In vinte e um — amor senti,
In vinte e dois — não me falta,
In vinte e três — dei por ti
In vinte e quatro — um intento
In vinte e cinco — sustento,
In vinte e seis — coração,
In vinte e sete — a questão
In vinte e oito — do amô,
In vinte e nove — sem dô,
In trinta — t'espero antão.

In trinta e um — considero
In trinta e dois — qu'é de sê,
In trinta e três — fiz sabê
In trinta e quatro — te quero,
In trinta e cinco — t'espero,
In trinta e seis — explico,
In trinta e sete — vou dá
In trinta e oito — a firmeza,
In trinta e nove — é nobreza
In quarenta — te lográ.

O Seu Antônio reparava no dançado chaboqueiro do Silveira, e resmungava lá com o seu chapéu de couro:

— Olhe o cabra de topete caído cuma crista de galo véio, mal entonado im casaco de brim, que só se fez pra gente branca! Só assim o quenga largava os mulambo... Co dinheiro alheio!

Secundino e Silveira acabaram a sua parte. As violas romperam num baião vermelho, estabanado, de cavar chão, e Carolina trouxe vinho numa tigela para os cantadores e tocadores, que Seá Dona Guidinha mandava.

Isto não é saborá, É méu já purificado, Por Seá Guidinha mandado Mode os cantadô cantá.

Mode os cantadô cantá, Na minha terra isto é vinho, Banha nunca foi toicinho, Isto não é saborá.

Inhame não é croá, Isto não é méu de abeia, Mas é de uva vermeia Do Reino de Portugá, Mode os cantadô cantá... Só falta é pão para a ceia!

Ora, sou muito obrigado; Seá Cumade Carolina Leve os agradecimento A Seá Dona Guidinha.

A Seá Dona Guidinha, Rainha deste lugá, Prenda do meu coração, Sinhora do Ciará, Que quanto mais dé do seu Mais Deus lhe dê para dá.

Cessado o toque, passado um pouco, a fim de retemperar as violas, os tocadores se afastaram do mexe-mexe para o ouvido lhes poder melhor regular a afinação. A fogueira ardia, clareando o terreiro todo e de vez em quando ateada pelos donos do brinquedo. Carolina e as cunhadas distribuíam aluá em cuias, e aguardente em xícaras; mas havia dois copos da fazenda para as pessoas de certa ordem. Guida estava assentada perto da fogueira; serviam-na de aluá, bem como ao Secundino, a quem a Carolina perguntou de sopetão:

de alua, bem como ao secundano, a quem a Carolina perguntou de sopetão:

—Menino, diz que você qué pedi moça? Menino, deixe-se disso, você não conhece ainda o trivial do casamento...

Tome meu conselho!

— Seria bonito — desdenhou a Guida — realmente, em suas condições, você casar agora.

— São aleives, tia Guidinha. Não se pode gostar de gente do outro sexo, vão logo maldando. Coisas de aldeia.

— É mesmo! — confirmou a tia, cujo porte se desenhava vivamente iluminado. Tinha os ombros cobertos por um xale de casimira bordado de ramalhetes com flores vermelhas. Seus braços meio nus, com pulseiras de outo liso, a sair das mangas curtas, ora no gesto que acompanhava a palavra, ora conchegando o xale, endireitando a saia, ora em natural descanso, tinha a provocação ácida e cheirosa de certas frutas. Ela usava essência de rosas, que trazia em um frasquinho pequenininho de cristal, atado ao pescoço com uma fita. Secundino tinha a carne aquecida pelo dançado de há pouco. A tia olhava-o profundamente. Depois, queixou-se de aborrecimento e o convidou para ir levála a casa. Secundino apanhou um tição.

— Não precisa tição... Se me virem não me deixam ir à vontade. Já estão bastante pesados...

O moço acendeu um charuto, e restituiu o tição à fogueira.

Os dois, pela vereda, sumiram-se no

RIPA NA CHULIPA



Sérgio Machado

Sérgio Machado, 28 anos, tem quatro livros inéditos: Aventuras do Capitão Fuguete, romance, Recuerdos do Futuro, Parabelo 44 e Últimas Versões Eletrônicas, coletâneas de contos. Mora em São Paulo.

Aqui rp 215 chamando todos os carros; ele só chegou a dizer isso no microfone da viatura depois sitocô de que o rádio tava ligado quer dizer, o rádio não, a porra do transmissor. Eu tava muito chapado e me lembro que só pintô na minha cuca muito lá longe a idéia de que o Rubão tava aprontando mais uma daquelas de porraloca, cheguei a dizer ei meu que puta escrotidão é essa mas aí não deu tempo de ninguém falar nada porque o rádio deu um chiado e piô aquela voz de lata falando assim "alô carro 215 alô carro 215 retorne ao posto central". O Rubão que era o mais istoradão de nós todos e a gente nunca sabe se ele tá tirando uma ou se é pra valer (pois é, aí quitá) mas o Rubão aí pega e faz sabe o quê? Rancô o microfone da minha mão e bateu essa: "olhaí meu: aqui ninguém é otário não. Se cêis tão a fim de ganhá nóis, vão tê primero qui migrampiá vivo, tá ovindo aí ô loque?" Deu aquela risadinha curta dele e rancô fora o fio do microfone e eu até pensei uma coisa boba naquela hora, alguma coisa assim como puxa si usomi ganha a gente eles vão ficá é muito puto com os escruncho na caranga, imagina como se nós, em três, não desse pra vigiar os três lados da nossa rp mandada. Conseguimos ficar rodando pela cidade acho que mais de quatro dias, no comeco a gente ainda rodava muito de dia,

depois, mais pro fim, o Rubão dizia que tava a maó sujera sair de dia e aí a gente saía só de noite, assaltava quase nada. Parecia que tinha entre nós uma espécie de aposta calada, um bolão esportivo pra saber quando ia ser o encontro final naquele jogo de gato e rato (a gente também vestido de rato, quer dizer: rato contra rato), quando a gente ia dançar, em qui seqüências, esses papo. Bom, mas aí como ninguém é herói neste país, aí quitá a verdade meus amigos, aí a gente tava tomando um pingado de manhãzinha numa padaria de quebrada, lá pros lado da Vila Joaniza eu bem que disse pro Rubão (e o Perci concordou) que pirigava alguém ver a viatura parada logo cedinho e aí já viu. Ele disse quinada e foi parando bem em frente da padaria a gente desceu com aquela panca de meganha

mesmo, um ficou de pé na porta (eu) e o Rubão e o Perci encostaram no balcão e pediram dois pingado e dois pão com mantega. No que eu virei a cabeça pra dizer e pra mim um café sem leite, apontou na esquina um tático móvel; dei o nosso sinal combinado (uma tossida espalhafatosa) mas o Rubão falô rindo tudo bem, você precisa é tomá uns conhaque de alcatrão pressa tosse; de preferência com limão. Ele disse isso e foi distravando a ina aí eu saquei que já era e dei um pulo pra trás da geladera de sorvete e só o Perci é que ficou ainda parado meio bobo, parecia que tinha perdido a ação e só sei que quando acordou foi logo jogando as armas e saiu correndo em direção da porta com os braço levantado e gritando não atira não atira eu mintrego mas os caras do tático móvel não quiseru nem sabê e fritaram ele, mesmo porque o Rubão ia fazer a mesma coisa, só ouvi ele gritá bundamole filhadaputa e começar atirar feito um doido. A minha ina inguiçô na metade do pente mas eu lembro que cheguei a istorá os vidro do lado deles. Peguei o 38 e mandei bala, acabou e não dava tempo de recarregar, o Rubão já caído gemendo numa poçona de sangue e foi então que ouvi um deles gritá não apaga esse não porque ele é que vai batê a história pra gente. Pararam de atirar e aí eu vi que também tava ensopado de sangue e fui a bode

Até o final da noite de ontem, a polícia ainda não havia localizado o Volks sedan com características de uma rádiopatrulha, de cor vermelha, prefixo 215, que foi visto na sexta-feira passada nas ruas da cidade e que estaria sendo ocupado por três falsos PMs. Segundo uma mensagem do capitão Armando de Morais Novais Júnior, transmitida a todas as viaturas e setores policiais, pedindo urgência na localização do carro, "não existe na corporação qualquer viatura da RP com prefixo 215". Uma informação não confirmada diz que o carro foi visto também no sábado, na Zona Oeste. Entre os policiais, o Volks já ganhou um nome: "RP Fantasma". (Jornal da Tarde, 16/11/75)

Trabalhar o fato vivo, um bom teste para o seu talento de escritor. Escolha a notícia e envie-nos o resultado.



TUM

SOLIDÃO

Furio Lonza - Parte I -

Morro um pouco no ponto de espera e, já no ônibus, morto, espero te encontrar nas mais profundas crateras do pensamento. Morro na janela, estúpido hiato entre postes, montes, pontes, entre brutamontes, rino e cerontes que cercam minha aldeia, onde planto ameixas e vento. Espero e medito, sobre bolas, peladas e passos, lagos e a linha de trem e retratos de pessoas azedas que eram o asfalto de minha infância.

Morro nos cabelos despenteados do cobrador, seu boné, talvez e esta catraca que, além de lembrar-se de outras mais, faz com que ouça vozes de antigos colegas, com tiques de outras eras e outras esperanças, ligando-se às borboletas

da puberdade.

Apesar de tudo, ela continua no seu sorriso triste do outro lado do corredor. Empurrões e acossados e encoxados e mãos. O Geronte e o Little Horse divagam a galope aquela sólida e verda planície. No rock do vento, do momento, do senso, daquela enorme vaca, gorda e branca que com ricos trejeitos joviais encanta este senhor, magro de óculos, a meu lado. Fitam-se como dois enamorados desconhecidos e os olhos da vaca são azuis,

As rugas e o rosto todo sulcado, vermelho, de tímido bigode do rapagote ali do canto, as coxas da senhora de azul, as moedas tilintantes e a careta do enfastiado bancário que apóia o rosto ao banco da frente, justo quando o ônibus passa por Andaluzia. Suas mansões ajar-dinadas, um sopro cálido entra pela

A ânsia de Aristéia ao assomar os degraus impeliu os olhares num foco

apenas, isolado, subjetivo.

— Continuo a procurar meu palco, meu eu dispersa-se em contra-ataques metafísicos e.

Não liguem, Aristéia, a impostora é mesmo teatral e não devemos dar-lhe uma importância acima do estritamente

Necessário seria que: (1) O japonês disentérico que procura botões pelas trilhas da floresta sou-

besse realmente e assumisse

(2) A identidade do pavoroso Oscar, que vive assustando esquilos e doninhas e destruindo ninhos de codornas, descesse de sua irremediável alcova das montanhas e

(3) Mais que nunca seria necessário que o ônibus maluco de Geronte, o bom pastor indiano, estivesse à disposição do

pessoal do pântano pois

(4) O bar já não dá conta das necessidades da tribo de Eldorado e muito menos a de Anápolis que, num mutirão sobrenatural, edificou a represa de

(5) Yassur-oi, o danado; Roberto de Almeida, o biriteiro; Rogério França, o mágico e, como não podia faltar, Little Horse, o corredor. Estavam todos presentes: o delegado e sua esposa Margarida; o prefeito, o vice e seus solícitos assessores. A festa de encerramento da campanha prometia. Até vinho tinha e batatas e ameixas e bananas, farofa, mil gentes de bigode.

No número anterior publicamos um contista da Bahia, dois de Pernambuco e um carioca. Desta vez os paulistas rea-giram e são autores de seis das estórias aqui reproduzidas: Dos demais, Lázaro Barreto é de Divinópolis, Minas Gerais, e Elias Fajardo Fonseca, jornalista no Rio ("Ele e Ela"). Furio Lonza, Glauco Mattoso, Carlos Antônio Castelo Branco e Marcelo de Freitas Marques, residem e Marcelo de Freitas Marques, residem em São Paulo, mas não forneceram dados pessoais: apenas Glauco disse que se ins-pirou em Ritual I, de Ricardo Jesurum (Escrita 1). Marcos Abílio Domingues tem 17 anos e é estudante do 2.º grau. Mora em Santo Amaro, bairro de São Paulo. Márcia Maria Denser tem 25 e formou-se em comunicações pelo Insti-tuto Mackenzie.

O ônibus dá uma brusca freada e todos projetam-se para frente, contra bancos, vidros, ferros e mãos, nucas, narizes, braços, sangue na testa, grito de mulher, de repente... todos imóveis, estáticos. Um silêncio profundo e quente paira: nem um ruído, grunhido ou som, apenas uma luz amarelada, o pessoal ainda preso às ferragens, parados Mortos, vivos. Tereza e Silvana, arreganhadas, com as pernas abertas e sangrando. Um olho furado, dedos decepados, corpos acéfalos. Anõezinhos passeando pelo chão, molhado de vômito, fitam-me com atenção.

Mas... não pode ser... é ela... em carne e osso: Marta. Sim, minha querida Marta. Aproxima-se de meu banco. Reconhece minha roupa. Finjo estar dormindo e cerro os olhos. Ela vem e desa-botoa minha braguilha. Sob os olhares dos outros passageiros que, acredito, estarão sobressaltados, ela puxa meu sexo para fora e alisa-o de uma maneira estranha. Examina-o atentamente, atém-se a todos os detalhes. Vai embora. Ah, Marta, você não mudou nada mesmo. Continua sendo a mesma ouricada de outros tempos.

Meu sexo, mole e com frio. Levanto as pálpebras e sinto um forte cheiro de carne queimada, mesclado com alguns gemidos longínquos de vida e ainda umas pitadas de sangue e gotículas do orvalho da manhã.

Chovia. Chovia muito naquela quinta-feira. Era um dia como os outros e resolvi levar em conta meu estado de espírito, pela primeira vez naquela semana. Saímos, na chuva, os dois, abraçados e felizes, falando de coisas simples e banais. Chovia naqueles eternos momentos, no entanto:

- (1) Eu havia jogado fora todas as chaves da minha defesa;
- (2) Meu castelo não possuía fosso, nem jacarés;
- (3) Não havia cerrado a cortina do palco pois sabia que a platéia, aplaudindo ou vaiando, fazia parte de mim e não poderia privá-la sequer de minhas humilhações chorosas.

A senhora que se sustenta, mal e mal, no cipó de aço, lá no alto do teto, é mais ou menos gorda e suas coxas têm varizes e seu rosto deve ser feio senão com verrugas no nariz, no queixo ou no pescoço, e aquela gostosa leiteira ali de pé tem braços morenos. Por que não põe saia? Ou calça mais apertada na bunda? Calça branca realça bastante. Todos quietos e solitários e dentro de cada um uma vontade de continuar dentro. Garanto que, se o ônibus batesse agora, todos nos abraçaríamos de pavor (ou de amor), nos pegaríamos as mãos, os corpos, nos sentiríamos e aquela leiteira ali ia se agarrar também, com um negro talvez, sairia até um princípio de suruba, por que não? Pois estranho essa passividade de cativeiro, sem tato, sem contato, sem calor de um corpo, alheio, estranho, talvez frio.

Enquanto isso, contento-me com as pernas desta nega que vem pra cima de mim com as brecadas, e às vezes toca minha mão. Suas coxas são pretas, lisas e macias, um pouco suadas na parte interior, mas vale a pena.

- Parte II -

A situação está assim disposta, agora: no banco em frente, da esquerda para a direita, perto do cobrador, despenteado e, sujo, um negro com roupas de mecânico, olhar humilde, chapéu de palha, mãos trabalhadas e feridas; no meio está um senhor distinto, grisalho, ascendência alemã, talvez ou, no mínimo, a européia, terno cinza, óculos, de aspecto alegre e risonho, seu riso, no entanto, tem algo de contido, rebuscado; na ponta direita... epa, o atleta levantou-se, onde vai, seu merda? Abandona o time? Crápula, vendido! Desertor! Tudo na santa paz, o lugar está vago, quem se habilita? No bancão lá do fundo tem a gostosa leiteira; o típico malandro brahma-mulher-samba-botequim, das folhinhas de mulher pelada, embroma-que-te-embromo; um sujeito sem características que responde com monos-sílabos à feminista a seu lado. Falam de horas extras, patrão, empregado, obrigações e sacanagem.

Pára no ponto. A sensação que se tem na expectativa de cada parada é indescritível. A porta se abre, sobe gente, um mundo em cada um. Pessoa que renova o ar, a sala de estar, cada uma com algo diferente ou simplesmente a fácil catalogada dos itens engavetados: esse nariz ou conheço, lembra um pouco o...; boca de velha; rosto de débil mental, mongolóide; cabelo de escova; jeitão de viado; calça conhecida, parece a da... as mesmas cores, etc...

Sobe um estudante, mais uma leiteira (que passa a roleta rápido) e um rapaz... enigmático, circunspecto... Senta-se à minha frente. Lembra-me algum personagem de filme. Seu rosto é incrivelmente branco, parece pintado; talco, talvez, ou anemia. Seus olhos estão parados. Deve estar morto. Um aborto mal sucedido, talvez. Não consigo imaginar-lhe a idade. Até parece que já me conhece. Revira, cachola minha, vê lá no fundo se descola essa ficha.

Hum, hum... não... nada, nadinha mesmo, nem um só item. Nunca vi mais gordo, nem mais branco. Nesse instante

entra uma goltada de areia, bem fina pela janela. Estamos passando pela praia de Santa Virgínia, no distrito de Calvado Grande. Aqui, as pessoas são dó-ceis e solícitas. Nesta comarca, os visitantes aprendem coisas incríveis. A lenda mais difundida é a do famoso vulção invisível, ninguém ousou descobrir sua localização e que, na História de alguns séculos da cidade, já destruiu-a duas vezes. Calvado Grande foi reconstruída pelos habitantes das comarcas vizinhas em esforços coletivos e individuais que iam desde a migração de famílias inteiras para a recolonização até a venda de todos os cavalos e bois sobreviventes para o financiamento da difícil empresa.

A verdade é que esse cara me constrange. Seu rosto branco parece estar querendo me refletir e não estou gostando nada da idéia. Não conheço esse sujeito e nada quero dele, nem mesmo

que me ponha pensativo.

Calma, não é nada. O rosto branco e os olhos estáticos são o símbolo da morte. A tentativa de reflexão é uma simples identificação de meu inconsciente pessimista e autodestrutivo. Se eu fizer uma forcinha, imagino que ele tem barba e óculos: pronto, aí está. Os vultos de meus lóbulos, sulcos, neurônios. Minhas inúmeras vozes interiores, contrastando atos e idéias e nomes, antagonizam-se íntima e mutuamente, criando estratagemas ilusórios de ação e movimento, de pessoas, de associações e paralelismos nesse cérebro que vomita ideologias. Poderia discorrer mais sobre as simetrias da filosofia Ocidental, no entanto, isso se faz desnecessário. Se a frase "Penso, logo existo" limita o existir humano a seus parcos pensamentos, prefiro dizer "Sinto, logo existo".

A leiteira ainda está lá, pomposa, jei-

tosa, peituda, gostosa, monumentos de coxas. A negra que me excitava já foi embora. A de varizes, também. Hoje, acho que vou até o ponto final e pego o que vai para a zona sul. Naquela linha passam pessoas extremamentes interessantes, muito solitárias. Uns batu-queiros alegres e brincalhões. Umas garotas gostosas que fazem a apologia de

minhas viagens.

Não, não esqueci o rapaz de rosto branco e espero que essa assimilação me acompanhe pelo menos, por mais uns três pontos.

- Parte III -

E, de repente, mudo. O silêncio do arfar constrangido de pessoas secretas. Apenas o trovoar dos céus. E, de repente, o escurecedor da cidade, da avenida, do ônibus, que rasgava o negro como um comboio silencioso, reto, insinuante.

Ouço passos no corredor. Um andar de coxo. Um passo sim e um arrastado. Um arrastado e outro batido, firme. Olho e não vejo ninguém. O rapaz sentado a meu lado não deve ter ouvido nada, apesar de seus olhos saltados vidrarem os raios que se ramificam lá fora.

O vidro começa a embaçar. Armo um bafo e lustro a janelinha. Percebo um vulto branco que vagueia estático do outro lado da calçada. Meu Deus!

O senhor de bigode vira-se exaltado. Torno a fitar o vulto que se esvai no mormaço desta neblina que penetra pelas frestas do ônibus. Uma freada, brusca, molhada. Os splochs constantes e irritadicos.

Isto está ficando insurportável.

As luzes se apagam com uma golfada de vento mais forte. Um ensaio de murmúrio é projetado. Ouço correntes arrastando no corredor. Procuro um fósforo frustrado no bolso da calça. Não é possível! Era ela. Um vulto. Sua morte. Um cadáver, nada mais. Todavia, a náu-sea que sentia era inadmissível. Aquela cela era espaçosa, arejada, diria até confortável, era um calabouço bem arquitetado e sucedido. Era no fundo do castelo, frio, medieval, com ponte elevadiça e seus cavaleiros garbosos pelo pátio, desfilando seus afazeres, seus dotes, seus jargões, como seus futuros quadros que, emoldurados, figurarão seu ouro antepassado nas paredes deste casarão. As espadas cruzadas e as lareiras com troféus, jazem solenes e inertes neste esfumaçado e embolorado vidro que reflete o rosto e a impaciência dos que estão em pé. O fato é que ela continua sorrindo tristemente seu riso quieto do outro lado da calçada. Seu riso irônico do outro lado da calçada. Seu riso morto, roto, exposto, do outro lado. E a chuva cessa. Um colorido novo com a luz que vem. E o molhado seco das ruas e das árvores. A vontade recuperada pelos passos de novo. As lojas e os outros ônibus que cruzam, que competem, que atacam neste cruel festim de arrancadas e engrenagens.

Um uivo me desperta. Um grito, talvez, seguido da palavra "troco, troco". Nunca tem! Levanto e preparo a bagagem para descer. Ora, quem diria, a leiteira à minha frente! Aproveito freadas, curvas, cotovelos, joelhos, empur-rões e deito e deleito e encosto e empurro e amasso e desço.

Um deserto de pessoas conhecidas. Final da linha. Aproveito para rever velhos amigos: Little Horse, o corredor; Roberto de Almeida, o biriteiro; o delegado; Rogério França; Yassur-oi, uma pessoa nova que chamarei de xerife de Almengara, etc...

Espalham-se e seguem cada um o seu caminho. Vejamos, agora... hum... zona leste ou sul? Vamos à moeda... atenção: zona sul, ônibus 47. Lá vou eu de novo.

COTIDIANO Elias Fajardo Fonseca

"Ficar horas seguidas olhando uma toalha de banho cor de abóbora balançando no vento pode ser uma boa proposta de vida", pensou ela. E disse, de imediato:

— Olha, se você pensa que eu vou me comportar como se fosse uma escada de cimento onde você pisa, onde sobe quando quer e desce quando lhe dá na telha, está muito enganado...

Ele estava pensando qualquer coisa como "o processo de distensão será lento e seguro", ou algo semelhante que

tinha acabado de ler no jornal. No entanto, resolveu ser romântico:

— Meu bem, meus olhos são jane-

las por onde entra o brilho do crepúsculo dos seus olhos...

No instante seguinte, ela olhou não para os olhos dele atrás dos óculos, mas para a página do jornal que ele estava lendo. Onde leu o seguinte:

DONA JUANA

ESPÍRITA VIDENTE

Não é cartomante, e sim, o poder da ciência espiritual... Não despreze hoje o que poderá precisar amanhã. Qualquer decisão é fácil de tomar, mas acertadamente muitos poucos a tomam.

Por que a dor, o sofrimento? Muitos não sabem, busquem a verdade com Dona Juana. Conhecedora de todos os mistérios da velha Bahia de São Salvador, seja qual for o seu mal, será resolvido, ou seja: sentimental, comercial ou de ordem

Ela deu um suspiro e disse, ou melhor, cantou baixinho:

"Se você não me queria

não devia me procurar não devia me iludir... nem deixar eu me apaixonar...

Deu uma última baforada no cigarro, pensativa, suspirou de novo e dispôs-se a ir dormir. Olhou para si mesma, viu a camisola desbotada, o corpo meio caído, amarrotado, pensou:

- Antigamente ele me desejava...

Me pegava, me esfregava.

Voltou-se para o marido, querendo ser gentil:

— Meu bem, você não vem dormir? Ele tinha visto ela se levantar da cadeira, caminhar na sua frente, as carnes meio flácidas sendo levadas pela mulher que era uma mistura de indo-lência com vontade de acender-se no-

Vou daqui há pouco, querida.
 Quero acabar de ler o jornal.

Voltou os olhos para o jornal, onde

— O documento, que produziu há 6 anos, conhecido como Consenso de Viña del Mar, marcou o aparecimento de uma espécie de bloco latino-americano e sugeria o advento de uma OEA sem os Estados Unidos. Dizia: "Os países da CECLA afirmam a personalidade própria da América Latina".

"Ah, que saudades do tempo em que as cornucópias vertiam dinheiro, disse para si mesmo. E as pessoas eram ágeis, se movimentavam, iam a festas vestidas de melindrosas, sedosas mulheres de cabelos à la garçonne... As tardes eram douradas e eu tomava cherry-brandy...

Dobrou o jornal, apagou o cigarro, amassou-o no cinzeiro e caminhou para

o quarto. — "Mas o Flamengo não podia ter perdido aquele gol... O Luizinho é um filho da puta!..." pensou, enquanto

— Por favor, querida, me acorde amanhã às 7. Preciso sair mais cedo.

ASSINE ESCRITA

20

19

24

cm

CEDEM 12 15 13 14 17 16 18

TANGO FANTASMA Márcia Maria Denser

"Y me perdí sin poder te encontrar por las calles del mundo, y me he quedado como un pájaro sin nido, como un nido abandonado, con mis penas que se agárran como garras, que desgárran a mi corazón!"

— Garras, tango con estribilho, de A. Troilo e J. M. Conturci.

Ele começou a tocar em 1947, no instante que meus pais se conheceram numa matinê dançante do Centro Professorado. Meu pai, fazendo o estilo cafajeste para aparentar mais idade, envergava ternos risca de giz, ombreiras largas, gravata branca/camisa preta e um impecável topete conquistado a poder de muita paciência, suor, brilhantina e lágrimas, além duma fotografia do Clark Gable como referência, grudada na parede ao lado do espelho do banheiro. Mas este cara tão ingênuo, apesar de vaidoso, briguento e beberrão, somente ele poderia ter sido fisgado: não pôde mais esquecê-la, tão parecida com a Vivien Leigh do Vento. Arremessou-lhe uma rajada ruiva de desprezo no rosto. E enredado nessas trenzas, seda dulce de tus trenzas, luz y sombra de tu piel y de tu ausencia...", rindo, ela lhe fugia, fazendo-o persegui-la, subir e descer de bondes vermelhos, entrar e sair de bares e con-feitarias. "Por que encontre tu corazón en una esquina" da Bela Vista; os encontros marcados, trocados, tropeçados, até que, perseguidor encurralado, de sembocou numa tarde quando, cara cheia de coragem, ofereceu-lhe as alianças da rendição. Ao vê-lo naquele estado, arrancou-as de sua mão, jogando-as no meio da rua e a rajada ruiva tornou a chicotear-lhe a cara junto com a porta. Naquela noite, adormeceria na varanda, escutando minha avó mandá-lo embora muitas e muitas vezes, cada vez mais baixo, cada vez mais longe. Pela manhã ainda dormia quando Vivien saiu e, passando por cima de seus destroços, vasculhou todos os vãos dos paralelepípedos; não as encontrou. Comprariam outras e sete meses depois estariam casados e, para sempre, "trenzados a su vivir"

Comecei a escutá-lo nas festas que, em 1954, pareciam ser mais freqüen-tes. Nós, as crianças, amontoadas nos degraus da escada, espiávamos atrás do corrimão os adultos, lá embaixo, arredarem os móveis, abrindo espaço para o baile. Tinha, confesso, minhas razões por não achar minha mãe muito bonita: emburrada lá em cima odiava meus pais ao vê-los rodopiarem feito bobos, esquecidos de mim. A flor que "ela" grudava nos cabelos agia qual afronta pecaminosa, assim como o vestido de seda com ramagens verdes e negras e os sapatos de pulseira que também detestava pressentindo por quê. Eles dançavam agarrados, cantando com Ugo Del Carril "déjame, no quiero verte nunca más, déjame, el sueño yo encerre..." numa sequência tortuosa, labirinto de pernas, saltos, coxas, "que cruzávan mi letargo gris"... "Adonde fué tu amor de flor silvestre?...", uma parada, duas piruetas, abraços sincopados, "Bien

pagada Usted, mujer!" e meus olhos arregalados, minh'alma se esvaindo em lágrimas de cruel ciúme talvez por causa de Alberto Castillo, o maldito, emitindo pelo nariz sons que não compreen-dia, pressentia, "De chiquilin te mirava de afuera/Como esas cosas que nunca se alcanzan/La nata contra el vidrio. via meu pai embriagar-se noite e tango adentro como um punhal. "Yo me emborracho por ella... esfacelando-me o coração, pisando-o com seus passos trôpegos, aos trambolhões, arremessandose sobre os outros casais, no meio, esmagadas minhas entranhas inocentes, e ele, atracado com a frágil Vivien Leigh a que jamais se derreteu ou permitiu liberdades, a que descolava o rosto e chamando-o de bêbado, empurrava-o sem piedade, largando-o no meio do salão e vingando-me, interrompia o tango no acorde final - justamente no desmaio falso em cima dos joelhos do parceiro que, aliás, Tia Graziella fazia tão bem e com muita graça, mesmo se o cavalheiro estivesse bêbado, não se importando se caísse e deixasse suas pernas de fora ou arrebentasse a pulseira do sapato e todos aplaudiam-na, no comum acordo da euforia e embriaguez familiar. Tia Graziella sim, eu adorava, ofuscada pelo brilho de seus cabelos dourados e nem conseguia ver que devia ter mais de trinta anos, ficado solteira, as velhas cochichavam às suas costas e uma cicatriz profunda deformava-lhe a face direita que a maquiagem pesada pretendia disfarçar. Além do mais Tia Graziella usava o vestido de Lola-Lola que te quiero Lola e à meia-noite Cinderela (era ela?) desaparecia e seus saltinhos sapateavam em meus sonhos, dançando no meio das flores de veludo azul e cor-de-sangue, colhidas em meu corpo por um homem que nele deslizava seus dedos macios, devagar, muito devagar, só que eu acordava sempre sem descobrir o que buscavam ali dentro.

Nessa hora minha mãe e as tias começavam a nos despertar, pegando aga-salhos, gemendo desculpas atrás da cadeira de minha avó toda de negro, que torcia as mãos nervosas, tremendo-lhe o lábio inferior enquanto fazia pacotes de salgadinhos e sfogliatellis, resgatavam-se os menores adormecidos, chamando os homens muitas e muitas vezes. Mas eles permaneciam lá fora, terminando o último barril, debaixo das estrelas de Belém, do Cruzeiro, da Ursa Maior, camisas abertas, abraçados num sacudido pranto pendular, em órbita livre, "en su mezcla milagrosa, desabiondos y sui-cidas...", então lascavam outro tango na vitrola de prato marrom só por desaforo.

Recomeçou a tocar quando fiz 18 anos, no instante que, diante do espelho, reconheci uma outra mulher. E a música vinha de longe, aos trapos, aos pulos; meus olhos atônitos subiam da saia rodada de organdi para as manguinhas bufantes, das canelas tampadas para a ausência de decote afogando-me o pescoço e aos pedaços ele foi tocando, refletindo no cristal uma boca vermelha, corando faces de rouge, tomando minhas mãos e acariciando-me

coxas na saia colante do vestido de Lola-Lola que te queria tanto, tanto! Mas a espessa névoa desfez-se naquele espelho que apenas refletia um rosto e um corpo lavado de decepção.

Descendo devagar, despontando na escada, entrei no salão. Vi as amigas dum lado, os rapazes do outro, presos à parede, condenados à futilidade, ao riso frouxo que eu substituía distraída pelo tango. Fechando os olhos, era a dama de flor nos cabelos e sapatos de pulseira e meu corpo enlaçado ao teu, caminhava numa diagonal; retorcíamo-nos, engendrando infinitas circunferências descêntricas, eternamente nos perseguindo, substituindo-nos simultaneamente no espaço, incessantemente, no compasso, eu, ele, eu, ele, eu, ele, eu, ele, não importa, éramos um só, nessa sequência primorosa, maldita, pela qual sempre ansiara, mas ainda não! assim não! agora não!..

Até que um par de namorados começou a dançar a SUA MÚSICA e todos o imitaram, como cegos apalpando o mesmo elefante e desejando no fundo descobrir o nome daquele animal profundo, igual e tão diferente da vontade de ser tragado e perder a identi-dade nessa pasta de lama úmida e macia de que é constituído um corpo de

De novo no espelho, olho-me no fundo dos olhos. Um secreto facho de luz força a passagem entre as raízes no fundo do esquecido jardim de ramagens aveludadas, azuis e cor-de-sangue, presa entre elas, como um navio naufragado, a cabine telefônica na qual penetro e, desse lado do fio, ouço a voz anasalada dum morto, chiando o verso maldito que compriendo agora: "De chiquilin te mirava de afuera..." Hoje, do lado de dentro do vestido de Lola-Lola, que esperou tanto tempo, fumando, provocante, ajusto todas as flores dum lado do quadril, tenho os cabe-los na fórmula do pecado, a boca faminta soluçando em vermelho o tango que, magia pressentida, eu poderia repetir desde pequena, palabra por pala-bra, até o final.

Palpitante, fui descendo as escadas, temendo despencar dos enormes saltos dourados quando Tia Graziella cruzou comigo no saguão: carregava uma bandeja. Lançou-me um sorriso pregueado de pena, tantas rugas tinham agora seu rosto que confundiam-lhe a cicatriz ou seria ao contrário? Comovida e solene qual madrinha, foi-me conduzindo para o salão, sussurrando: "Você está linda linda!" e ali me deixou para que sozinha eu transpusesse o umbral do qual jamais retornou. Vi sua figura diluir-se e formar-se no espelho a imagem de minha mãe que irrompeu nítida cegando-me de vergonha: gritava que parecia mulher à-toa, uma palhaça de cara borrada, e vai tirar já essa roupa de puta e uma forte bofetada atirou-me no chão. Daí vi aquelas mãos enormes talvez do meu pai.

Decaída aos pés de todos os filhos de Deus, encolhi-me, olhando a flor estraçalhada "como un pájaro herido". No espelho, um rosto se desgarra, não mais o de minha mãe, tão reprimida, ou de

Tia Graziella, tão pecadora, rostos tão iguais e tão diferentes porque elos da mesma cadeia que constituiu a trama (trenza) do passado. O meu, um borrão cego, apenas desconfiado da paisagem, a meio caminho de qualquer parte, ainda não emergira do buraco de gerações, onde nem para mim, nem para eles, nem para ninguém, esse tango continua tocando...

A BANANA DE DEUS Lázaro Barreto

Estava voltando de uma noitada alegre em Itumbiara, onde amara as mu-lheres mais lindas deste mundo. No entroncamento Ituiutaba-Cachoeira Dourada, deixei o carro no acostamento e caminhei a esmo por uma estrada abandonada e por veredas de animais, até chegar numa paisagem não mapeada: uma planície retangular com despenhadeiros nas quatro bordas, uma espécie de tabuleiro relvado, com escadas metálicas a espaços regulares, para descer. Nas alturas, um céu tímido, distanciando-se na morosa voragem das nuvens. Onde deveria situar os abismos avistei o borbori-nho de implantações industriais, a série de chaminés sobre áreas construídas (os galpões, pátios, cercas, as viaturas motorizadas, o vai-e-vem dos operários manobrando máquinas). Sentei-me num ressalto da borda e fiquei olhando, ora o céu cada vez mais longe, ora o tabuleiro deserto, ora o abismo tecnicamente povoado.

Ao que sei, refleti, isso aqui fica na divisa de Minas com Goiás. O Paranaíba deve correr mesmo aí adiante. Mas nem sombra de um buriti, nem o negativo de um bananal. De repente começou a brotar do solo relvado um volumoso objeto pontudo, amarelado e com estrias indefiníveis a espaços regulares. Brotava sigilosamente, morosamente. Pensei na última mulher da noite, uma de nariz levemente arrebitado, que me abraçava furiosamente. O objeto continuava irrompendo sem alarido e em meia hora já media um metro de altura, mantendo a mesma ponta suavizada no corpo esférico. Andei toda a extensão do primeiro ângulo do retângulo, procurando definir minha sensação e articular uma idéia qualquer a respeito. Quando olhei para baixo, instintivamente prevenindo-me da necessidade de descer pela escada ou pedir socorro, vi a multidão que se enfileirava lá, diante das quatro escadas apidades de la companya de nhadas de gente já subindo.

E foram chegando à planície retangular, em trajes e feições típicas, os sumérios, os acádios, os mitarreus, os hititas, os lídios, os medos, os armênios, os medianitas, os sudras, os levitas, os tunisianos, os siquemitas, os aqueus, os cretenses, os jônios, os saxônios, os teutônios, os gauleses, os argelinos, todos portando cartazes em suas respectivas línguas, contestando estruturas, reivindicando direitos, denunciando injustiças. Permaneci no ressalto da borda, tentando recuperar o delicioso gosto da batida de maracujá bebida na véspera. As delegações nacionais continuaram aportando ao tabuleiro, tudo estava longe e perto

como num sonho. Ninguém dizia essa boca é minha mas as palavras dos estandartes e bandeiras deviam ser muito violentas, deviam traduzir o ódio mudo e finalmente ativo dos povos humilhados e oprimidos, do instinto tribal e das minorias raciais.

Desejei cumprimentar um dos ativistas, dialogar com ele sobre o destino recente dos vietnamitas, dos palestinos e irlandeses, mas ninguém dava por minha presença no local. Todos olhavam longe, com olhos que atravessaram meus olhos e atravessariam barragens de concreto armado e colunas de aço.

Agora irrompiam os hunos, os godos, os magiares, os incas, os baianos, os astecas, os nipônicos, os chilenos, os bolivianos, os cubanos, os mouros, os novos baianos. Embaixo, outras delegações aguardavam sua vez. A promiscuidade das raças e povos abrangia, também, os numerosos períodos históricos da humanidade e a expressão, o vestuário, o clima, específicos, estavam em cada um dos representantes.

Afugentei o pensamento, retrocedendoo à noite anterior, quando dialogava mudamente com uma das mulheres da boite Cidália, de Itumbiara. Mas, divorciados do pensamento, os olhos percorreram horizontalmente o tabuleiro, localizando novamente o insólito objeto que irrompeu das profundezas.

Agora já ostentava uma imponência e era visível ao pálido sol muito acima das pessoas, dos estandartes e das bandeiras, dominando a paisagem com um poderoso magnetismo. Recobrando a lucidez, olhei novamente.

Sobre o mar de cabeças e cartazes brilhava, espetacularmente, uma banana de dez metros de altura sobre dois de largura esférica, com a ponta já arregaçada. E todos os pequenos povos do mundo, de todos os tempos, olhando-a contritamente, desesperadamente.

O BIFE Marcelo de Freitas Marques

Bateu feliz a tecla coincidindo juntamente com o relógio que neste momento fazia soar uma solitária badalada das onze e meia.

Iria almoçar finalmente o funcionário do Banco da esquina.

Desde manhã bem cedo só vira entrar uma xícara de café bem doce que lhe deram ao sair do apartamento.

Ali por perto, era verdade, havia um grande número de lanchonetes onde poderia comer mas poucas eram as que realmente forneciam um variado menu e um prato abarrotado que calasse o bucho até a hora do jantar. Era segunda-feira e estava com pressa. Ganhou a pequena concorrência, uma pensão a dois quarteirões e meio dali.

Sentou-se no fim da ala esquerda e sem consultas nem regalias trouxeram-lhe uma bandeja com o prato do dia. Não houve tempo para reclamar mas não tinha fortes motivos pois o prato era apresentável: bife com fritas, arroz, feijão e uma salada de corajosos tomates, pois nada vinha acompanhando.

Primeiro mordeu um tomate dissolvendo-se quase que instantaneamente na

boca de tão maduro. Ao tocar o bife com o garfo, chegou-lhe aos ouvidos um estranho e abafado resmungo. Não era de ter vindo daqui da mesa, pensou. Ao continuar a tarefa metendo a faca na ponta mais saliente da carne, viu-a tão vermelha que o sangue, escorrendo por debaixo do monte de arroz, fez boiar alguns grãos, espalhando-os até às bordas do prato.

Acenou para reclamar mas conteve-se ao perceber novamente aquele som de antes. Não podia ser. Vinha de seu prato. Foi se tornando tão intenso o barulho que gritou:

— Está mugindo. Meu bife está vivo! Nisso o pedaço de carne já se contorcia todo pelo prato e logo foi ao chão.

O funcionário com o susto arredouse da cadeira, levantando ao mesmo tempo os braços pra cima. Seus olhos não mentiam e agora viam o saltitante bife se embrenhando pelo corredor de mesas enfileiradas desordenadamente, estendendo-se até a porta, todas lotadas de gente, levantando apavorada de seus assentos.

Logo atrás do bife vinha o dono da cozinha com uma vassoura tirada bruscamente de seu merecido repouso atrás da porta. Quase a seu lado vinha o esfomeado funcionário bradando com garfo e faca pro ar. Vinha a seguir grande corrente de curiosos.

Ao tomar a rua, o bife deu logo de cara com um gato que na hora pensou em correr. Só não sabia se corria na frente ou atrás. Vacilou e deixou-o passar para ver. Agora tinha certeza: não era cachorro, pois, além do forte cheiro de carne mal passada, escapou-lhe também um forte mugido. Só tomou decisão quando aquele bolo de gente pisou na sua cauda. Seu miado de dor quase não foi ouvido por ele próprio no meio da gritaria.

O gato que corria quase à frente do pelotão foi entendendo aos poucos o que acontecia. De saída ouviam-se gritos de guerra, de instigação, de farra, mas os dois ali da frente não estavam brincando:

Pega meu bife! Eu paguei por ele!
 Mata, sente o pau que depois boto aquele filho de uma boa do açougueiro na cadeia.

Entendido do assunto, o gato se esforçava para ganhar a dianteira do pelotão. Era um bife e passou coçando meus bigodes. Será meu.

Lá iam bife e multidão pelas ruas da cidade, furando sinais, correndo de contramão, provocando trombadas até. Já não eram poucas as vassouras que nestas alturas se mostravam ao ar.

Foi numa destas ruas que sem notar passaram vassouras, em frente a um contingente de polícia civil.

Não passou outra idéia aos fardados senão a de greve. Fizeram soar sirenas e a multidão foi cercada. Em vão foram as tentativas para lhes explicar. Eram muitos camburões que ali piscavam mas mesmo assim foram precisas mais de duas viagens de cada para enjaular todo o pessoal.

Agora o gato, cansado, se viu sozinho atrás do bife que arfava nos seus

20

26

ofegantes galopes. Já sonhava feliz por ter mais esperança no seu almoço ziguezagueando ali na frente.

Ouviu-se uma freada estridente. O pobre gato jogado na sarjeta nunca mais poderia andar e nem mesmo imaginar que não muito depois, nem muito longe dali, existia uma campina, sobre a qual, misturado ao cheiro de capim tenro e molhado, pairava um doce aroma de filé mignon.

PENSAMENTOS SEM VER O SOL

Marcos Abílio Domingues

Por trás daqueles óculos, cavaleiros atiram rédeas ao vento, lançando seus corcéis em louca disparada entre árvores de verde platéia. Cães ladram ao longe após o tropel de cavalos, excitando os mais afoitos a uma debandada ainda maior. Na mata à meia altura, mexem-se constantemente coelhos prontos para disparos certeiros; caninos de pelos negros e esvoacantes localizam em segundos a presa sangrando. Não muito distante do principal grupo de caçado-res um leve galopar de senhoritas em mansos animais acompanham o impulso para trás das armas de fogo ardente. Com falar inquietante e animado, o pequeno grupo de retaguarda fere o crepitar quieto, apenas interrompido pelos estampidos da floresta. A caçada tornando-se a cada momento mais empolgante arrasta a caravana, fazendo-a esquecer a mata fechada. Um balançar de galhos sobre suas cabeças fez-lhes soltar um olhar de espanto e uma onça escolhendo a caça. Surpresas de pavor, lenços delicados esvoaçando ao vento, gritinhos abafados interrompendo. Saltando o felídeo leva consigo cavalo e amazonas, espalhando perfumes de dama pela relva rasteira sob um sol filtrante de folhagens altas...

- Neide?

Sim, sou eu, vim trazer seu chá - Trouxe as bolachas também?

- Claro, estava meditando uma de suas estórias nunca escritas?

Uma caçada. Talvez passada em algum século das épocas áureas dos reis, com damas e heróis.

– E então como é?

Por que deveria você saber?

E por que você nunca as escreve? — Agora você agiu como um psiquia-

tra medroso, procurando fugir das perguntas com perguntas.

– Não sei qual de nós foge mais das perguntas.

Está bem, quando você abrir seu consultório eu deitarei no seu divã.

O disparo da carabina afugentou o animal, que se refugiou na densa obscuridade da mata; todos correm para Charlotte estendida na grama, incons-ciente. Manchas escuras começam a rolar pelo solo, não definindo serem do ani-

— Quer que ponha um disco na vitrola?

 Queria saber... deixa pra lá, no que estava pensando?

- ...gostaria que Charlotte morresse

- O quê? — Nada.

- Sei . . . você e suas estórias.

- Neide. — Diga.

Descreva novamente esta sala...

Poucos móveis, uma escrivaninha em cor discreta e escura, um pequeno sofá, estantes de livros enfileirados por ordem, enfim tudo sem exagero, como as salas dos intelectuais do começo do

- Preciso ficar sozinho, preciso escrever em minha mente.

- Quer que feche a porta?

É melhor, veda o barulho.

A imaginação voa no retrato descrito da sala, a escrivaninha, intelectual ilustre, vida sem luz, viagem longe... Menina você está chorando! — Não estou não, é impressão sua. — Seus olhos estão vermelhos. — É um cisco que está me incomodando. - Difícil acreditar, e lágrimas para quê?... Por que você está chorando? — Deu vontade, ora. — Não me parece razão suficiente. . . — Sabe, você fica linda nesses olhinhos molhados. Apenas um breve diálogo, isto foi em fevereiro. "Quarto de recém-casados", quanta bes-teira, ainda bem que não escrevo nenhuma delas, poderia tentar usar um gravador. No almoço não desce para o refeitório, prefere ficar em sua sala lendo um velho livro jogado há muito tempo nas gavetas do arquivo. Alguns comentam o jogo da noite passada, ainda bem, consideram um assunto atual, e com o tempo passando durante o café da tarde a maioria da turma está decidida a pegar um teatro depois do expediente, Alberto desconversa e diz que tem que ir para casa, Leila espera para o jantar e o Júnior não assiste televisão sem ele. Cinco minutos antes do término do horário estão todos socando papéis nas gavetas e trancando seus mistérios para amanhã num novo dia. O trânsito no centro é fácil demais para a hora do rush. Já se vêem pioneiros de bicicletas enfrentando os automóveis, também, com esse luar, fica bem mais agradável um passeio onde se possa avistar estrelas e coisas assim. A chave range na fechadura, Júnior prepara-se para pegar o pai pelas mãos sem dar tempo de trocar de roupa, por algo mais leve, ou tomar um banho frio, arrastando o mundo problemático para além das fantasias espalhadas no chão, carrinhos de plástico, risos nas fotos e até Leila chega a sorrir um pouco. Ela é bonita, desperta os homens nas praias, pára o trânsito na cidade, e Alberto fala consigo mesmo: Não adiantam pernas es-guias e rosto lindo, quando a gente precisa de uma companheira e não de uma mulher, só podemos dizer e agora? E assim ele lembra de Vanda, precisa disto, amante e amiga. As quintas-feiras há a fugida, Júnior sabe que o pai não vem e Leila ciente que é o papo com os amigos e a cerveja no bar namoran-do pernas mais lindas. O telefone sempre prevê a noite em que a cama vai ser desarrumada e Vanda escuta do outro lado: - Preciso tanto falar com

voce. - No mesmo lugar? - Não, hoje vai ser diferente, um amigo me cedeu a casa que tem um pouco afastada da cidade, cerca de 40 minutos. — Se eu souber onde fica, espero você lá. — Estrada velha, Km 18, não há o que errar. Eu conheço mais ou menos o lugar, não demore, tenho medo de ficar sozinha. Até a noite. Um sorriso desliga o telefone e parecem longas demais as horas. A noite hoje está serena como a anterior; Leila recebe um bilhete por debaixo da porta. "Estrada velha, Km 18", olha o filho sonolento dizer que vai dormir, e disca os números rapida-mente. — Hoje, Estrada velha, Km 18. No pequeno chalé, mãos perdidas num copo de cuba-libre, Alberto sente seu sangue doce como guaraná brahma, exausto recupera-se do amor recostado na cama desarrumada e Vanda procura reanimá-lo, quer que a noite seja longa. No apartamento de baixo ouve-se o telefone, Leila abaixa a tv um pouco alta. O serviço está sendo feito, apenas isso, uma boa noite. Demora-se a colocar o fone no lugar, amanhã volta para Salvador, à casa a filha retorna. Na pe-numbra do chalé, um vulto faz sombra na janela e dispara duas vezes num breve espaço de tempo, brilhando a pis-tola no luar. O barulho do disparo alerta Neide que corre para o cômodo. Armando, Armando... ao abrir a porta ecoa um grito pela casa, a escrivaninha, os livros, o ambiente do começo do século, tornam-se avermelhados.

A DECREPITUDE DA **ETERNIDADE**

Glauco Mattoso

No quarto andar dum pardieiro da rua São Bento, encontraram Adolf Hitler, vivo e maltrapilho, trabalhando para um comerciante de **blue jeans** americanos importados do Paraguay.

Não se sabe como nem por quem foi reconhecido.

A verdade é que o ex-fuehrer não teve outro remédio senão bater em retirada. Foi dando nos calcanhares e, antes que atingisse o térreo, já o acossavam escadas abaixo.

O velho nazista, porém, ganhou a rua e embrenhou-se na multidão com tamanha agilidade que ninguém diria tratarse de um octogenário, muito menos de um depauperado psicopata egresso dum conflito mundial.

Teria virtualmente sumido, não fora a providencial aparição dos agentes de Simon Rosenthal.

De repente, cada office-boy, cada informante, cada balconista, cada jornaleiro, cada bilheteiro, cada manequim era um judeu escapo do nazismo.

Vendo que não alcançaria o Anhangabaú para jogar-se debaixo de um ônibus, Hitler, a ponto de ser agarrado pelos transeuntes semitas, driblou um rabino e, em súbito desvio para a esquerda, entrou no Martinelli pelo corredor dos elevadores.

A multidão aglomerou-se na porta do edifício, enquanto dois policiais penetraram no túnel atrás do fugitivo.

Ալնակուտյ հայտների այսարանի անդանորականի հայտարանի հայտարին կանգությ





Voltaram de mãos abanando.

Hitler conseguira tomar um dos oito elevadores em funcionamento e já estaria a dezenas de andares acima.

Um clamor tonitroante levantou do povo. Queriam invadir o prédio e vasculhar tudo, mas os policiais recebiam grossos reforços e afastavam a população a golpes de cassetete e rajadas para

Em poucos minutos, o paleontológico edifício estava militarmente sitiado.

Tropas de choque ocuparam a saída dos cinquenta poços de elevador, inclusive aqueles que já não tinham fundo, instalando ninhos de metralhadora em todos eles.

Do lado de fora, armaram mini-bases de mísseis teleguiados e, sobre os eirados do fronteiro Banco do Brasil, carabinas nucleares munidas de mira telescópica.

Todo o espigão da avenida São João foi interditado e ocupado por tanques e carros blindados que congestionavam o tráfego do Anhangabaú a ponto de tornar inexequível qualquer tentativa de suicídio por atropelamento.

Aquele aparato bélico contrariava os planos dos agentes de Simon Rosenthal.

Obrigados a se afastarem do edifício, tiveram de ficar misturados à multidão que se comprimia na retaguarda das barricadas, improvisadas com material das obras do metrô.

Era indescritível o pesar dos seus rostos enrugados e dos seus olhos mo-

Depois de seguir a pista do ex-fuehrer por cinco quartos do mundo, perdê-lo para outros caçadores que nem sequer imaginavam como silenciá-lo para sem-

Na impossibilidade de qualquer atitude reparadora, assistiram estupefatos às manobras militares tendentes a isolar aquela granítica e outrora babilônica muralha de 110 andares de janelas mais 6 de águas-furtadas, há muito desabitada e sombria.

Mais sombria e tenebrosa depois que Hitler se infiltrara em seu bojo.

E os fracassados sequazes de Simon Rosenthal permaneceram estáticos em meio ao povo, mesmo quando este vibrava ao serem disparados os primeiros projéteis de gás lacrimogêneo para dentro das janelas do Martinelli. Só alteraram a postura no momento em que a ordem de fogo foi repentinamente sustada e milhares de olhares convergiram para o corpúsculo que se movia numa das mais superiores sacadas, empunhando misterioso megafone.

Binóculos e miras foram assestados na direção do vulto.

Antes que partisse nova ordem, um discurso estrepitoso e apoplético começou a jorrar como cascata sobre a massa

Os militares, hipnotizados, não esboçaram o mínimo gesto para tentar impedir que aquela voz desmesuradamente esganiçada caísse do alto de tão esdrúxulo púlpito.

O resultado não se fez esperar.

4

Sob o espérrimo discurso, as vozes do povo se elevaram uníssonas, urrando

5

6

um coro de heils a cada exortação do

Aquela altura, mais de um milhão de pessoas tinham afluído em torno do Martinelli, enquanto uma chusma de militantes da TFP saía da catedral da Sé desfraldando estandartes que ostentavam cruzes rampantes e leões suásticos.
Os sectários de Simon Rosenthal tes-

temunharam desolados aquelas cenas projetadas do pesadelo dum ex-combatente neurótico. Depois, como se nada mais houvesse a fazer, tergiversaram cabisbaixos e, varando a custo a multidão magnetizada, voltaram à praça do Patriarca.

Do hotel, enviaram por microtransmissor, via satélite, a senha para a deflagração da Terceira Guerra Mundial.

Antes, porém, renovaram comovidos o juramento de não falhar na próxima

MONÓLOGO DE UM APOSENTADO

Carlos Antônio Castelo Branco O que será que posso aproveitar num país de grande extensão territorial?

Serão os rios, as matas, os recursos minerais? Já existe algo devastado, é verdade, mas deve haver um modo.

Já estudei inglês para que os problemas que afligem a política externa fossem mais brandos para serem resolvidos. Mas algo parece de uma hora para outra deixar de acalentar meus ideais e tudo vai água abaixo.

Quem terá inventado o desânimo e a ociosidade? Não existe nada no mundo mais maçante do que não ter o que fazer.

Nos serviços domésticos, minhas ajudas raramente são aceitas e as respostas vem sempre acompanhadas de um tom não muito confortante.

Meu mundo é limitado a palavras cruzadas e charadas intermináveis, meu conceito de dinamismo foi deixado há muitos anos atrás.

Há alguns dias atrás fui em busca de emprego, coisa que na idade um pouco avançada em que me encontro é uma aventura. Fizeram-me exames, perguntas, testes de múltipla escolha, etc. Mas a resposta veio seca: - As vagas foram entregues a indivíduos com idade mais adequada ao tipo de serviço. Boa sorte.

Depois de várias tentativas fracassadas, confesso que me sinto ligeiramente impotente apesar de não ser tão idoso assim.

Impotente por não poder virar a ci-dade de cabeça para baixo como fazia nos meus tempos de jovem.

Ser tratado como um aleijado quase sendo alimentado na boca. Mas o que me preocupa não são as honras de casa e sim a minha neurastenia que a cada dia que passa se torna mais acentuada.

Oue lucro levo em ler os jornais todos os dias e não participar do que acontece neles? Dos espetáculos teatrais, óperas e cinemas? Ficar apenas encarcerado em diagonais de palavras cruzadas?

Em casa todos vivem controlando-me desde a alimentação ao consumo diário de cigarros.

Não posso mais ficar preso a tal situação. Tentarei mais aventuras, quantas vezes forem necessárias, e com esse espírito talvez acabe conseguindo.

Amanhã pela manhã, bem cedo, vou fazer uma visita ao Valdemar aqui no escritório do banco, na esquina, e vou se possível até me humilhar para que ele me arrume uma vaga.

Já não agüento mais meu caráter ensimesmado, minhas atitudes introvertidas. Mas dessa vez sinto que triunfarei, terei novamente minha liberdade, terei criatividade e não seguirei mais orientação de ninguém.

Afinal já explorei de tudo desde te-

cidos até plásticos.

Se ainda falo é porque insisto e insistindo que eu mostro que existo. No ninho de concreto onde vivo, a vida se resume ao simples pulsar do coração à procura de algo que traga uma espécie de excitação.

No passado a roda de amigos, as promessas do futuro que se delineavam num horizonte não muito distante. Hoje, a quebra, o rompimento, o esquecimento e a insuportável rotina.

Nem só de nostalgia vive o homem. Ao contrário de outros decadentes, eu detesto lembrar do passado, talvez porque sempre esteja à procura de uma nova aventura.

O dinheiro está acima de tudo o que acabei de falar, os ricos vivem bem em qualquer meio. Vivem sorrindo, aparecendo em manchetes, sendo badalados. E eu vivo chorando pela multa do atraso da prestação da geladeira.

Quando procuro alguém que escute essa dor que me comprime, não me dão ouvidos, me tratam como um imprestável, sentem dor de cabeça com os meus tratados do arco-da-velha.

Mas qualquer dia desses eu vou chorar muito e pronunciar frases entrecortadas para só os que entendam possam entendê-las.

As minhas lágrimas se transformarão em chuva que depois de longa estiagem cai estrondosamente, retirando junto com a tromba d'água aqueles que me

Ao final só me restarão as frases entrecortadas, que num último apelo se transformarão em um grito, um grito de último pedido de chance de reintegração no meu meio.

IBRASA — LIVROS QUE CONSTROEM - LANCOU:

Criatividade-Progresso e Potencial (2.ª edição) de Calvin W. Taylor

Como a Criança Pensa — (4.ª edição) — de Ruth M. Beard Ciência: Objetivos e Prioridades Nacionais — de James Shannon Ajuda-te pela Cibernética Mental — de U. S. Andersen

14

28

cm

2

3

8

Ուլունիլուույունիլիուկիումիուդիույին իներին իներիությունին իներիուդուդին իներին դենու

VADIAGEM

Ana Lagoa

paguei o dia em dinheiro falso bebi a água da goteira buscando

julguei sem saber

passei o resto do dia dormindo

mergulhei na apatia
uma presença em algum lugar
morrido
inteiramente por semanas
consciente
irremediavelmente
matar a lembrança
chatos enfadonhos papos
matar a lembrança
os detalhes
os cheiros
horas de auto-suficiência
imprimida em papel amarelo

brincando de esconde-esconde atrás da vidraça o troco falta o café despovoa arquivar idéias pressupor omitir parar a mão no pára-brisa embaçado gotas fora e dentro transpassável céu roxo bicha lavado a pureza das formas líquidas derramadas na cidade sólida sólida demais para mim os estatutos vigentes a velhice é uma ameaça tapete de borracha no banheiro a dor do rompimento noite de São Paulo cinza colheita de esterco hálito de cigarro passarela de chão de borracha

ESPANTALHO

Pascoal Motta

e tece em malhar de outono a fria lembrança de um sol o campo mede na passagem o verde que foi desta plaga os passos surgidos na noite em que apontavam pupilas corujas caruncham de olvido o pesadelo de ontem e guardam a mera história de febre em bloco de pedra no rio escorre a memória apascentando esta aurora o fulcro contido de infância faz ganhos e asas de folhas no pio estua um silêncio de eira insônia e cio estende as mãos fabricadas e um pouco de azul o confrange ajunta em noite seu dia e abraça um tanto de vento e espantalho amanhece sem rosto e roto de palha o fruto desta seara sem fauces mastiga indigesto aponta sem ter traçado fome volúpia e regresso

REMORSO

Jayme Jorge André

Dea cose o intestino morto do menino. Rompe choradeira e a noite assalta fria e amortalhada densa e arauta

Dea benze o menino e chora e grita, louca na amplidão [do sujo quarto.

Escuta. A noite é treva pondo ruídos na rua, onde passantes se arrastam sem absoluto sentido.

FOTO POEMA

Frederico de C. Gomes

&

Largo Do Boticário Em 1920

82

Pela janela Joaquim olhava para dentro de si mesmo: luas entressonhadas estrelas famintas dosséis e crivos

ESCRITO

Max Martins

quem nos olha é só uma praia quem nos ouve é só uma praia quem nos é é só uma praia

e a praia é um só ver desvendo verso deserto o desouvido deus-ouvir o som negado

somos só esta vã escrita nosso risco-risco contra um espelho: praia que nos inverte e descreve

dissolvendo-nos

Ana Lagoa tem 24 anos, é jornalista em Brasília e também escreve contos. Jayme Jorge André tem 28, é do Rio de Janeiro e estuda história na Faculdade de Humanidades Pedro II. Outro carioca, Frederico de C. Gomes, tem a mesma idade e muitos poemas inéditos. Um dos fundadores do movimento poema/processo, Dailor Pinto Varela, ou simplesmente Dailor Varela, já publicou Não ao Não e Babel; nasceu em Goiás há 30 anos mas considera-se potiguar, porque foi para Natal com cinco anos de idade. O paraense Max Martins tem publicados em livro O Estranho (1952), Anti-retrato (1960) e H'era (1971). O universitário Amador Ribeiro Neto, de 22 anos, estuda filosofia nas Faculdades Associadas do Ipiranga e letras na USP. Pascoal Motta é professor da Faculdade de Letras de Sete Lagoas, em Minas, e coordenador-geral do Centro Brasileiro de Documentação Literária/ CEBRAL (35360 — São Pedro dos Ferros — MG), que solicita o envio, para seu acervo, de livros, revistas, suplementos e recortes.

COTIDIANO I

Dailor Varela

Dentro da noite corremos num campo de borboletas azuis

Vigiados por helicópetros somos mortos por soldados sanguinários que cortam nossas cabeças uma a uma

Atrás do muro crescem cogumelos que cultivamos contra nosso medo

Despidos das roupas sujas de sangue uma hemorragia que sangra, incontrolável

DA CRIAÇÃO DE UM

Amador Ribeiro Neto

De todo o quarto Quero este momento com força ferrenha.

> Desço a vidraça Desligo tomadas Paro relógios e respirações.

Espalho talco pelo chão. Qualquer movimento é sensual. Vou ser. Pisco os cílios lentamente: Surge a mulher que gero.

REGISTRO

1 — Solicitamos mais uma vez a contistas e poetas que só enviem seus trabalhos acompanhados de nome completo, n.º do CPF, n.º da carteira de identidade, endereço e dados pessoais.

2 — Mandem apenas um conto ou dois poemas por vez. O conto deve ter no máximo 250 linhas de 70 toques cada uma (quanto maiores os contos, menos espaço para os outros) e os dois poemas, no máximo 100.

3 — Os trabalhos devem ser datilografados em espaço duplo e numa só

face do papel.

4 — Infelizmente, a bem da rapidez da seleção, os que não obedecerem às normas acima poderão deixar de ser analisados, sendo então apenas registrados como recebidos.

5 — Os trabalhos incluídos neste registro já foram lidos e analisados, po-dendo eventualmente ser publicados em futuras edições da revista. Por essa razão não devolvemos originais.

6 — Os autores do poema e do conto que abrirem suas respectivas seções receberão Cr\$ 200,00 cada um — que lhes serão enviados através de ordem de pagamento — e uma assinatura anual da revista. Todos os demais autores novos publicados receberão, gratuitamente, uma assinatura anual de Escrita.

TRABALHOS RECEBIDOS

Contos

Adaílton Medeiros: "Crime", "Primeira

Mulher, Rosário"; Luiz Gonzaga Vieira: "Túnel";

Antonio Acácio Nascimento: "Sonho Plasmático";

3

2

Fátima de Oliveira: "Além"; Rosíris Molinaro: "A Sala/Esperança";

6

Adelto Gonçalves: "Mariela Morta"; Luiz Alberto Ferreira: "A Turbulência"; Cláudia Canuto: "Akasha"; Odoswaldo Portugal Neiva: "Um Dia o

Amor";
João Carlos Viegas Fernandes: "Na
Central", "Em Olaria", "Na Santa
Casa", "No Maracanã";
Lea Pinto: "Malaquias"; "Pretinho e
Branquinho"; "O Tucano Convencido";
Mécia Rodrigues: "Carta de Alagoas";
Jorge Vasconcellos: "Morte Morte";
Ubirajara Júnior: "O Ultimo Trem", "A
Estátua":

Reinaldo Cabral: "Velhinha Solitária"; Minas Kuyumjian Neto: "Encalhe"; Ruy Peçanha Falcão: "O Comportamento

Ćivilizado e o Bugre Primitivo"; Ana Albertina Graça Branco: "A Tarefa do Homem";

Ernani Ferreira da Fonseca Rosa: "O Prefeito, Bêbado, Confessa: Sou um Corrupto, Sim, Mas Sonhei, Seus...!"; Elias José: "Amor/Amor", "O Homem Videterna";

Sônia Afonso Moreira da Silva: "O

Sonho"; Roberto Koiti Okazuka: "Po Contudo... Todavia à Vida... "Porém.. Camões Ribeiro do Couto Filho: "Que-

bra-Vento" Amador Ribeiro Neto: "Um Caso Doentio"

Prancisco Maciel Silveira: "Sob o Farol", "Dois Momentos, de Treva e Luz Precária, na Vida do Sr. Valdívia, um Cidadão Comum"; Elias Fajardo Fonseca: "O Senhor F.", "Montal de Négot".

"Mara, a do Colarzinho de Nácar"; Bismael Moraes: "Pens/Ação"; Marly Biondi: "Hora do Almoço";

Wanderley Aparecido do Nascimento:
"Noite de Viração";
Luís Augusto Borges: "Karina";
Furio Lonza: "Dona Odilla de Souza"
Luiz Maklouf Carvalho: "Um Susto Burguês"; O. Reyex: "O Ritual"; Ana Lagoa: "Tempos Ruins", "Com-

8

pras", "Viagem", "Pronto-Socorro", "Arminda", "Casal", "Mijão — Dono do Mal"; Sílvia Regina Abolafio: "Por Quê?"; Diderto Freto :Justiça", "Microcontos".

Poemas

Alfredo Plácido Delatti: "A Rua", "Lamento"

Rosíris Molinaro: "Sugestão de Vida", "As Palavras";

Alceu Lanzellotti: "Lutando", "Megatons";

Liberalina da Silva: "Maringá", "O Pequeno Mendigo", "Mãe";
Adaílton Medeiros: "Pré-Texto Para

João Guimarães Rosa";

João Guimarães Rosa";
Antônio Bernardo Mariani Guerreiro:
"Margem I", "Margem II";
Aristides Sérgio Klafke: "Metro", "Cambia/Toriação", "Questão", "Red Paralelo"; "Dialética", "In Completo Desin Formado", "Registro Diário", "Eu e Ametina", "Inquérito";
Francisco Maciel Silveira: "Macho e Fêmea Incriados", "Macho e Fêmea Unos e Confundidos";
Walfredo Golin: "Memórias", "Rosa";
José Maria Ferreira: "Tatuagem", "Sunday Morning", "Milharal";
Maria Consuelo Cunha Campos: "Corporal", "Holiday for Billie";
Celene Gomes: "O Que Dizer", "A Espera";

Nei Leandro de Castro: "Voz Geral"; José Valter Ramos da Silva: "Reconstruir", "Mãos";

Sérgio Ámaral Sílva: "Poema Honesto", "Litópolis";

Luiz Siqueira Paes: "Senti Menina-Mu-Iher", "A Metáfora das Frutas"; Lúcia Maria Neves: "Harmpa", "Pran-to, Canto, Manto"; Mécia Rodrigues: "Memória";

Sílvio Odilon Lutz: "Agonia", "Urge", "Gênesis", "Sobrevivente", "O Poema", "Esperança Cósmica", "Alguém me Espera", "Amada 75";

cm

José Ribamar Ewerton Neto: "O Edifí-

cio", "Frustração";
César Marrano Piovani: "O Ferrocarril
das Ossadas Diletantes", "Nossa
Época", "Sete Tentativas Para um
Poema Latino";

João Padilha: "Poluição", "Meu Medo", "Sem Saber Nada", "Simplesmente Só", "Gritos", "Nus", "1990", "Sem Mistérios"

Altair Toledo Machado: "Em Busca de uma Utopia com Versos Perdidos", "Via", "Vida, Flor...";
Pablos de Souza: "Como um Trem", "Pablos";

Rosane Rangel Coutinho: "Displicên-cia", "Pressa";

João Mello Campos Lisboa: "Itinerário do Poeta", "Retorno ao Lirismo", "Canto Fúnebre", "Condição Huma-

Vladimir Luz: "Pag. Indeterminada", "Para J. C. M. M.";

André Pereira da Costa: "Fio", "Tem-po Pensado", "Auto-Motrix", "Im-

pressões da Janela II";
Osmar Luís dos Santos: "Número Relativo", "Você Será", "De um Barco",
"Time";

Graça Maria Teixeira Braga: "A Martin Heidegger", "Desequilíbrio", "A Ceia", "Flor do Cerrado", "Verde"; Marcelo Cavalcanti: "A Propósito de Uma Canção Popular", "Epopéia dos Filhos da Terra"; José Salles Neto: "O Naufrágio dos Indica pas Estradas dos Brancas" "A

Índios nas Estradas dos Brancos", "A Cruzada da Solidão";

Jacques Félix Trindade: "Alô, Amor", "Esquecidos";

Geraldo Pimenta de Moraes: "Você, Homem...", "Um Esdruxúlo Capí-Homem...", tulo...";

tulo...";
José Antônio Gomes Herrera: "Recordando a Lorca", "Yo", "Cansacio", "Maria Mujer", "Maria Flor", "Maria Contradición", "A Maria", "A Su Espiritu", "Meditacion del Molino", "Mi Buhardilla", "Entierro", "Vento"; Ven, Besame y Vete";
Rogério da Silva Jr.: "Você é um Mutante", "Anônima";
Raimundo Francisco de Oliveira Barreta

Raimundo Francisco de Oliveira Barretto: "Taurasfixia", "Procuroftalpraxis"; Camões Ribeiro do Couto Filho: "O Corte Epistemológico", "Quadro", "Miscigenação";

Luiz Makloof Carvalho: "Cantiga de Ninar";

Joanyr de Oliveira: "A Madura Palavra", "Do: Poeta Burocrata As: Hierarquias das Sombras", "A Viagem", "Incógnita", "Vaticínio", "O Egonauta"

Júlio César Castañon Guimarães: "Com-pêndio de História", "Tempo & Con-

Nilda Vitale: "A Náusea", "O Medo", "A Fé", "O Fim", "Felicidade"; Glauco Mattoso: "Museu da República",

"Rhapsodia";
Marly Biondi: "Um Cidadão";
Luiz R. Guedes: "Tão Terno Ódio";
"Poema Debaixo do Sol", "Permane-

cer", "Para Um Gato"; Jorge Vasconcellos: "A Leitura do Gibi", Cabeça Maior";

De Viterbo: "Saga Lírica", "Lavrando Livre o Livro"

João Augusto Teixeira da Silva: "Ontem, Como Hoje, Ou Amanhã", "Se Não Sabes o Que És, Eu te Direi", "Sou Rei. De um Mundo. O Meu Mundo";

Gildo Santos: "Catavento Mágico (Pelos Velhos Cantos)", "Acidente", "Indecisão", "Na Chácara Santo Antônio";

Ana Lagoa: "Meus Pés Enterrados na Terra Vermelha";

Italo Morriconi: "Homens e Mulheres Chegam às Cidades Brasileiras";

Joaquim Branco, Sebastião Carvalho, P. J. Ribeiro: "Poemas-processos"; Diderto Freto: "Sonetos Monossilábi-cos", "O Indivíduo no Estado", "Far-

ra no Espaço".

Outros

Ivan, Humberto, Zezo Daura, Luiz Ricardo, Zé Cláudio, Tiago Dila, Vagn: "Metamorfome";

Gildo Santos: "Prometeu", de Goethe; tradução:

Luiz Gonzaga Vieira: "Carta".

Livros

Francisco Sobreira Bezerra: "A Morte Trágica de Alain Delon", contos;

Martha Carvalho Rocha: "Venha Ver-me a Qualquer Tempo", contos;

Paulo Franchetti: "Várias Vozes", poemas;

Mário Newton Filho: "Sol de Sombras",

José Eduardo Degrázia: "Lavra Permanente", poemas;

Gabriel Nascente: "Um Balde Cheio de Flores pra Manuela Não Chorar", poemas:

Max Martins: "H'era", poemas;

Dominga Jamardo: "Vozes Perdidas". poemas;

Manoel Alves Calixto: "Algumas", poemas;

Armindo Trevisan: "Abajur de Píndaro & Fabricação do Real", poemas.

Jornais e Revistas

"Publicações": Fundação José Augusto: Natal RN;

"Geratriz": estudos literários, Universidade de São Paulo;

"Protótipo": Revista de Escritores Marginalizados: Belo Horizonte, MG;

"Totem": Cataguases, MG; "Fórum Desgastes de Idéias Acumuladas": Niterói, RJ.

ASSINE ESCRITA. A REVISTA QUE FALA A SUA LÍNGUA

CARTAS

DIVULGADOR CONSTANTE

Quero informar que recebi a revista Escrita e dar meus parabéns pela excelência do que vêm realizando. A revista chama nossa atenção pelo encaminhamento, enfoque e oportunidade das entrevistas e matérias que publica. Através dela podemos confirmar o impulso que realmente anima toda nossa literatura. Sou desde o 1.º número um divulgador constante do trabalho de vocês. Um abraço. (Oswaldo França Júnior —

Belo Horizonte, MG)

Precisamos do apoio de escritores

como você. Obrigado.

OBRIGATORIEDADE PARA NACIONAIS

Sua idéia de uma lei de obrigatoriedade de edição de autores nacionais me parece excelente. Coincidindo com sua nota sobre o assunto, no n.º 2 de Escrita, li no "Jornal do Brasil" notícia sobre a apresentação de um projeto a respeito do problema, na Câmara dos Deputados. Procurei me informar. Aqui está uma cópia do projeto elaborado por um deputado aí de São Paulo. Dê uma lida e, se for o caso, divulgue-o. A concorrência dos "aeroportos", "bancos", "máfias" e coisas parecidas não está fácil, não. A literatura brasileira não pode de jeito nenhum viver de vento. É preciso que os livros dos autores nacionais sejam editados, distribuídos e lidos. Se o leitor não os encontra nas livrarias, mágica alguma poderá acelerar a profissionalização do escritor brasileiro. (Esdras do Nascimento — Brasília, DF)

O projeto de autoria do deputado Gióia Jr. diz no artigo 1.º: "Ficam as editoras nacionais obrigadas a publicar, no conjunto de suas edições, pelo menos um terço de obras de autores nacionais". E no 2.º: "Para o efeito do cálculo de percentagem a que se refere o artigo anterior não se incluem a obras didáticas de autores nacionais utilizadas nas escolas brasileiras". Agradecemos apoio e o envio do material.

MARGINALIZADOS

Quero me congratular com vocês, pelo aparecimento de Escrita, revista (confirmemos o lugar-comum) que estava faltando em termos de literatura. Espero que tenha vida longa. Que continuem a colher depoimentos de escritores marginalizados. Sugiro, até, que colham um do Campos de Carvalho, outro marginalizado. (Francisco Sobreira Bezerra — Natal, RN)

Campos de Carvalho é um autor que está em nossos planos entrevistar.

Não somos exatamente contra a literatura estrangeira mas contra a sufocação do autor nacional pelos bestsellers. Escrita quer mostrar que há boa literatura guardada nas gavetas de nossos escritores, mesmo desconhecidos.

Ոլուկուայունինուրույունին հիմակությունին հույնների այտությունին հիմակությունին հիմակություն

NOS SUBÚRBIOS

Aqueles que têm conhecimento e percepção, sem ficar restritos aos templos à espera dos adeptos, saberão o quanto é difícil para um morador de Honório Gurgel ter acesso a debates literários, teatros e cinemas, levando-se ainda em conta os horários. Qualquer participação cultural às 21 hs. em Ipanema é humanamente impossível, ainda que uma vontade enorme de comparecer fosse manifestada. Há nos subúrbios uma verdadeira fome de distrações. Há uma grande parcela de sua população — c não só os jovens — à procura de algu-ma atividade que possa ser desempenhada nas imediações do lugar onde mora. O suburbano é um cara que se locomove bastante. As vezes, é possível participar da vida que acontece do outro lado do túnel; mas sempre será exigir muito. Por isso deve ser perfeitamente compreensível conceber que: se qualquer picareta mandado vier cantar aqui na pracinha do bairro para alegrar o marasmo local, eu e meus vizinhos de infortúnio compareçamos. (Maria Luíza Montenegro - Rio de Ja-

ABAIXO AS NOVELAS

Para dominar uma forma de literatura, no caso poema, necessário se torna conhecer-lhe a origem, estudar-lhe o estilo e compreender-lhe o significado. Antes disso, é necessário saber português. Quero crer que os erros ortográficos (imaginão, leiam imaginam) os erros de pontuação, não tenham sido feitos pelo autor de (desculpem) Poemargentino (?). Quem só sabe produzir lixo, só pode querer ler lixo. Sob que estrutura literária o senhor se baseia, Sr. Aristides (Escrita 2), para tecer críticas sobre Gregório de Matos, Machado de Assis, Olavo Bilac? Aconselho a leitura da coleção "A Literatura do Brasil", de Afrânio Coutinho — 6 vols. Através dessa coleção, o senhor pode partir para o estudo de outras obras e aprender a escrever poemas. O que me admira é que o senhor ainda precisou de mais dois companheiros para elaborar esse "poema". Poesias desse estilo, só mesmo oferecendo a amigos (e que coragem). Acredito mesmo que se o senhor fizer um levantamento dos 169 poemargentinos oferecidos, estes devem estar pinchados no lixo! Ó que acima escrevi não é o início de nenhuma briga, mas antes um esclarecimento, uma análise desses chamados "escritores-vanguardas", que querem por força ser aceitos dentro de uma faixa intelectualizada, acreditando ou tentando acreditar que têm a capacidade para a litera-

Quanto à revista, gostei, já que ela ainda está no começo de um longo caminho. Espero que ela tenha persistência, seja teimosa, que, apesar dos pesares, caminhe vitoriosa, porque todos nós sabemos que, infelizmente, à cultura do Brasil não é dada a real importância que merece, que o povo brasileiro não gosta ou não quer ler. Infelizmente, temos aqui, no Brasil, uma curio-

4

5

6

sa inversão de valores: o povo comparece em massa a um programa de mais de 6 horas de duração, endeusa artistas cuja capacidade é limitada, fica horas assistindo a programas sem um caráter instrutivo, relegando aqueles que justamente podem trazer benefícios a todos, repelindo o salutar hábito de adquirir cultura através da leitura. É triste, às vezes repugnante, ouvir-se durante o dia inteiro discussões sobre "novelas-TV", abrir-se uma gaveta de trabalhos e encontrar montes de revistas "Fotonovelas". Por isso, parabenizo a revista pela coragem em iniciar-se nesse campo tão difícil em nossa terra, esperando que ela consiga pular o muro da insegurança. (Mario Vitorio Villani — Rio de Janeiro, RJ)

COM ALEGRIA

Saudei, com alegria, o primeiro e o segundo número de Escrita. A proposição apresentada é auspiciosa. Espero que esteja sendo, como no meu círculo de relações, bem aceita e que alcance a finalidade com que foi criada. (Antônio Couto de Andrade — Uberlândia, MG)

PELOS PEQUENOS

Espero ser aceito pela conceituada revista e ao mesmo tempo louvo entusiasticamente seu trabalho em favor dos pequenos. A revista é realmente uma mão benfazeja que desce até a gente que está aqui em baixo, com uma esperança louca de escalar posições mais altas na literatura. Parabéns! (Lauro Pedro Lima - Barretos, SP)

COMO LEITURA

Li e gostei do n.º 2 de Escrita; lamento não ter visto o n.º 1. Publicações dessa natureza só fazem engrandecer a atividade literária no país. Me lembro de "Leitura", uma revista tão importante que conseguiram matar. Espero que Escrita siga o seu caminho, o caminho que se propôs, e que seja incentivadora, informativa e viva como "Leitura". (Duílio Gomes — Belo Horizonte, MG)

PROFUNDEZAS DO RATATÁ

É realmente difícil tarefa escrever ao editor de uma revista, a qual admiramos, sem que a possibilidade de cair-se em "lugares-comuns" assuma elevadas proporções. No entanto, seria uma grande perda para mim (não posso afirmar o mesmo quanto ao Sr.) não dizer o que senti quanto ao surgimento de Escrita nas bancas. Sem me alongar e caindo (infelizmente) no que procurava evitar: digo que achei sensacional! Além de meus livros, discos e outras coisas mais, Escrita representa uma alegria a mais, uns momentos mais de prazer no meu mês. Paro por aqui, neste assunto em que o número de adjetivos pode colocar em dúvida a sinceridade dos mesmos. Chateio-me profundamente com tipos como o Sr. Aristides (n.º 2), que se esquecem (lamentavelmente) que nem todos possuem a sua "cultura de vanguarda" (gulp!) e, que se tivessem, não a usariam de maneira tão genial como seu "Poemargentino", que "a toque de caixa" nos dá uma visão de sua acuidade mental e capacidade poética. Infelizmente isso existe, meu amigo! E nós, "pobres retrógrados", que não conseguimos penetrar nas profundezas do ratataratatata, como fica-mos? (Eduardo Silvio Carboni — S. Paulo, SP)

PELO 3, 4 E 5 Gostei da revista. Precisávamos de algo assim. Como foi dito (ou melhor, escrito) no editorial do n.º 1, existem pessoas que não querem que o povo pense. Correto. Corretíssimo. Esperei ansioso pelo n.º 2 (cheguei a pensar que nem passaria do 1.º número). Finalmente chegou e... gostei mais ainda. Agora só me resta esperar pelo n.º 3, 4, 5... (Wanderley Aparecido do Nascimento — São Paulo, SP)

MAIS RAWET

E last, but no least, digo que Escrita 2 superou as expectativas. Publiquem mais trabalhos de Samuel Rawet. (Luiz R. Guedes, S. Paulo - SP)

DA CÂMARA

É com grande satisfação que cumprimentamos a V. Sa. pela excelente qualidade da revista, que estampou matéria de primeira água, e pela belíssima apresentação gráfica. (Sr. Énio Matheus Guazzelli, presidente da Câmara Brasileira do Livro — S. Paulo, SP)

O QUE FALTAVA

Enfim chegou o que faltava, Escrita. É mais do que uma revista literária, é mais do que um apoio, uma esperança, aos amantes da boa literatura, aos que principiam. É uma excelente revista. Continuem, vão em frente! (Nélia Vera Fordini — S. Paulo, SP)

CONTRA E A FAVOR

Escrita, sem dúvida, pode ser considerada a reiteração de outras publicações dedicadas à literatura e que, através dos tempos, se renovam de acordo com a mentalidade da época em que ressurgem. Mudam de nome mas fica a essência: debater tudo o que diz respeito a assuntos literários ou culturais no amplo sentido. Esse é o meu pensamento, já que minha idade (64 anos) me permitiu ver e ler uma infinidade de publicações desse gênero ... Por que essa ojeriza pela literatura estrangeira, principalmente a norte-americana, se num exame de consciência todos sabem que, bem ou mal, é melhor ler um livro estrangeiro do que não ler? Se a própria palavra "best sel-ler" é aceita tacitamente por todos, como outras tantas que seria difícil traduzir, por que opor-se à importação de livros de outros países ou voltar-se contra a tradução do que foi bem aceito "pelo povo", lá de onde nos vem "o lixo"? (Dr. Octaviano A. Gaiarsa — Santo André, SP).

IDENTIFICAÇÃO COM O POVO

Vejo em Escrita, por não ser de caráter apenas regional, uma força capaz de

8

20

lançar novas esperanças à literatura brasileira. Peço a vocês, e não falo apenas em meu nome, que prestigiem principalmente aqueles que tentam e criam livres de quaisquer influências, bascados apenas na realidade que os cerca. Nossa literatura para ter público precisa se identificar como nosso povo. Confiamos em vocês. (Flávio Fleury — Belo Horizonte, MG)

SITUAÇÕES, ACONTECÊNCIAS

Escrita surpreendeu-me, por inespera-do. Tem gosto de húmus. Sinto-a fértil, me é substancialmente sinestésica. Queria uma intimidade maior com a interfície! Acompanha-lá-ei com olhos livres, na sua escalada que, pre-sinto, atingirá a ascensão. Mas acontece que cometo poesias! Envio-lhe duas situações, duas acontecências que me latejaram a aura no pretérito presentifica (dor). É que estou sempre a viajar trajetórias issimamente dangerosas, mas que me enchem de plenitude. Faço-me azul, e a vida se me entra, e um estado de graça enfeita o cosmos. Vou frequentar com assiduidade esta revista, que já é um feto que me pulsa forte. (Iara Santos Vieira — Aracaju, SE)

É isso mesmo.

CRÍTICA-CONTISTA

Com o título de "Apenas Sensibilidade", a jovem crítica e contista Maria Rita Kehl opina a respeito do lançamento de Renata Pallottini, "Mate é a Cor da Viuvez". Diz, entre outras coisas, que "a trama parece frequentemente um mero pretexto para as divagações da autora..." e "mas sua incapacidade de dar corpo aos fatos..." etc. Salienta, continuando, que Renata Pallottini usa projetar sentimentos e reflexões soltas... Finaliza, dizendo da dificuldade de Renata em tornar palpável a sua ficção. Em outras partes da crítica manifesta-se a crítica-contista, (que, aliás, promete...) dizendo da marca da poesia nos contos apresentados e que não levam a coisa alguma. Respeito o dito, mas senti carecer, a crítica emitida, de um ponto de vista firme e preciso. Pareceu-me algo sem sequência positiva de opinião. Algo mais ou menos como "quanto mais as coisas mudam mais são as mesmas coisas". Enfim, melhor direi usando das próprias palavras da Maria Rita, "parece frequentemente um mero pretexto para as divagações da autora". Que poeta ou contista não projeta seus sentimentos ou reflexões soltas? Todos, inclusive Maria Rita (ver pág. 24, n.º 2, Escrita). Uns de um modo, como Renata, outros, de outro, como Maria Rita, que não gostou do modo de Renata, mas, todos, sem exceção, sentem dificuldade em tornar palpável a própria ficção. Finalizo concordando ser extremamente difícil passar-se da poesia à prosa, mas também não tenho dúvida alguma em achar pior o ser contista e crítica numa só revista, revista da qual gostaria de fazer uma assinatura. (Renato Nanni — Campi-

A assinatura de Escrita custa Cr\$ 50,00 por semestre ou Cr\$ 100,00 por ano. De

preferência envie cheque visado ou ordem de pagamento em nome da Vertente Editora Ltda., para o Banco Itaú, ag. Wanderley, S. Paulo (SP).

REFORMA ORTOGRÁFICA

O Aristides é politicamente responsável por colocar tanto peso na trinca Peron-Evita-Isabelita, e debaixo desses nomes cabalísticos deixar o populacho atirando, atirando... em quem? A minha sugestão é que Escrita tenha uma seção de polêmica e debate a cargo dos leitores. Voltando ao Aristides: parece que ele tem uma proposta de reforma de ortografia da língua portuguesa. Grande contribuição da cultura mato-grossense. (Italo Moriconi Jr. — Brasília, DF)

Aristides, para quem não sabe, foi o "primeiro não" à Escrita 1. Embora ele já tenha mudado de idéia (v. Escrita 3), as investidas dos que gostam da revista

Ítalo, nada impede que a polêmica que você propõe continue existindo nesta secão.

A FURAÇÕES E TERREMOTOS

Em primeiro lugar, os parabéns, o apoio e a admiração pelo excelente e honesto trabalho de vocês, que espero resista a "furacões" e "terremotos". (José Salles Neto — Brasília, DF)

ONDE ESTÁ O 1?

Vi a revista Escrita n.º 1 nas bancas mas o tempo foi passando e não consegui comprá-la. A Escrita n.º 2 eu comprei e li. Linda revista, tanto na parte gráfica quanto na parte de conteúdo literário. Li com prazer o depoimento de Samuel Rawet e seus dois criativos contos. O sumido Eduardo Galeano. Tudo estava ótimo, espero que nunca esqueçam da poesia, dos jovens autores e suas idéias renovadoras. A n.º 3 aguardo com meu carinho guardado. Li ainda algo que me fez exclamar yiiiupp! O fato de vocês estarem aceitando poemas e contos novos me deixou contente como há muito não ficava. Vocês entraram em mim, agora eu quero entrar em vocês. (Rogério da Silva Júnior — Niterói, RJ)

Os números atrasados de Escrita, também, podem ser pedidos por reembolso, cheque visado ou depósito bancário.

POR ESCRITO

Telefonei fazendo aquela série de comentários sobre o primeiro número de Escrita, e vocês me pediram as opiniões por escrito. Pois é: um fato aqui, outro aqui também, — apenas que um ventilado e outro fortemente calado — afastaram-me dos Correios. Daí só agora. Mas com um senão: a atemporalidade da crítica só deixa sobreviver uma linha: gostaria, realmente, de ver abaixo a literatura contemplativa com seus dissidentes escritores — como a "Pauta" da n.º 1 (um) prometeu mas não cumpriu. (Amador Ribeiro Neto — S. Paulo, SP)

Os autores novos já estão frequentando nossas páginas. Temos publicado os melhores trabalhos recebidos.

LIVROS



TRILOGIA AMAZÔNICA

Primeiro foi "Verde Vago Mundo", que parte da crítica recebeu com entusiásticos e merecidos aplausos. Agora, Benedicto Monteiro — paraense nascido em 1924, advogado militante e exdeputado estadual — apresenta O Minossauro, segundo romance de sua trilogia amazônica, e consolida sua posição como o principal romancista do fabuloso, mágico e multifacetado mundo da Amazônia.

O romance é construído em torno de duas estórias que se interpenetram e se afastam, se contradizem e se completam. Uma, que tira proveito e explora ao máximo os elementos naturais (regionais), através das narrativas de Miguel dos Santos Prazeres, caboclo amazonense, que vive "na sua condição de peixe, pássaro, jacaré e homem". E outra, que retrata a situação, as reações e os dramas pessoais de dois geofísicos — pro-tótipos do "homem urbano" — frente ao "verde vago mundo" com o qual estão obrigados a conviver temporariamente. Sem cair num psicologismo estéril e inconsequente, mas, ao contrário, construindo os personagens a partir de situacões sociais, econômicas e políticas concretas, Benedicto Monteiro explora com perfeição — através de Paulo, um dos geofísicos — a perplexidade e as reflexões do homem urbano sensível frente à ingenuidade-grandeza do caboclo amazonense e à imensidão amazônica, "onde as palavras se perdem nas águas e nas distâncias" e onde se faz necessária uma nova organização mental e intelectual. E revela, com as narrativas do caboclo Miguel, toda a força humana, mágica e natural, deste mundo verde. desta "outra face da terra". Miguel dos Santos Prazeres e Paulo — expressão de dois mundos distantes — aparecem, assim, como os atores centrais de uma trama que adquire vida e movimento a partir de uma visão da Amazônia em sua "realidade total", vale dizer, ecológica, humana, social e psicológica.

Benedicto Monteiro inova a linguagem, a técnica de narrativa e de construção do romance. Utiliza recursos que transcendem os limites formais impostos aos gêneros literários e coloca o realismo e o romance regional em nova posição dentro da literatura brasileira. Através

Ալագույին դեն իրագույին կանական իրականին արտարանին արտարական կանականին արտարանի

de Paulo — cuja ação constitui um ver-dadeiro "romance dentro do romance" trava uma constante e decisiva batalha para alcançar um perfeito domínio sobre as palavras e um estilo próprio, compatível com um "mundo ainda vago", com uma "realidade arisca" e insólita, onde "a linguagem se perde nos seus próprios limites"

O resultado não poderia ser melhor. Temos com "O Minossauro" um exemplo altamente gratificante e estimulante de como se pode fazer, no Brasil de hoje, uma literatura madura, segura e participante. Um romance regional com enorme universidade. Uma obra de peso que, apesar de mal divulgada, pode trazer novo ânimo à claudicante e insossa produção literária brasileira atual. (Novacultura, 192 págs.)

Marco Aurélio Nogueira

FC CABOCLA

A "Adaptação do Funcionário Ruam" romance de Mauro Chaves, que a Editora Perspectiva incluiu em sua coleção Paralelos, é uma tentativa de adaptação à problemática brasileira de algumas das originalidades que fizeram a justa fama dos livros "1984", de George Orwell, e "A Laranja Mecânica", de Anthony Burgess. Do primeiro, temos a antevisão de um futuro em que o Brasil, tendo reduzido a protetorados os demais países latino-americanos, vive sob uma ditadura tecnocrática que mantém sob rígido e absoluto controle todas as atividades dos seus cidadãos, inclusive a contestação política, que dispõe de um departamento próprio e cuja atuação não só é permitida como programada pelos computadores da Grande Potestade. Do segundo, encontramos a linguagem, uma árida mistura de inglês, latim e português, destilada na cadência insossa e invariável de um inquérito reduzido a termo por algum entediado computador-escrivão. Vê-se, portanto, que o escritor se impôs empreitada complexa e árdua: fazer ficção científica com ingredientes caboclos, refletir sobre as perspectivas de nossa evolução sócio-política e imaginar a nossa fala do futuro. No primeiro item o resultado foi, digamos, regular. Aproveitando-se do abortado projeto de Figueiredo Ferraz para a Avenida Paulista (a ação se passa em São Paulo, cujo nome foi reduzido para Sao), com vias de tráfego superpostas, e colocando a linha nortesul do metrô em funcionamento pleno, Mauro Chaves procura criar o cenário futurístico com o acréscimo de controladores de ritmo para pedestres, orquí-deas gigantes que bailam ao som de pratos, edifícios protegidos por cúpulas geodésicas, técnicas holográficas que recriam a imagem dos mortos, etc., etc. Há também invenções mirabolantes, mas de duvidosa eficiência no contexto da estória, como a Grande-central, sede do governo, uma imensa sauna de vários andares, onde as reuniões decisórias são realizadas em pêlo e têm a importância dos seus temas indicada pela tempera-tura ambiente, obviamente mais alta nos pavimentos superiores. Quanto à refle-

xão política, além das alusões também óbvias ao momento atual, o autor parece acreditar firmemente na transformação do Brasil em superpotência, graças às elevadas taxas que poderá cobrar pelo oxigênio da Amazônia preservada. Como essas taxas serão pagas pelos Conglomerados Continentais, o problema ético que justifica a oposição está na situa-ção dos protetorados — Columbino, Peruíno, Argentino e quejandos — submetidos à vietnamização total. Em todo caso, o final é pessimista no que se refere às relações indivíduo-sociedade. Tudo isso poderia ter resultado numa boa novela (Mauro Chaves não é um amador e tem talento), não fosse a total impossibilidade de transmitir emoções e envolver o leitor com a fria linguagem escolhida pelo autor. O vocabulário utilizado pelo computador que narra os fatos é uma soma de ingênuas especulações lingüísticas, em sua maioria calcadas na conjunção de palavras conhecidas que normalmente andam juntas: armitropas, calafrioso, felinódio, granamigo, etc. Como ninguém fala desse jeito, pelo menos por enquanto, a consegüência é um distanciamento mais do que brechtiano, pois somos induzidos a abandonar a leitura. Em nome da justiça, contudo, é preciso dizer que "A Laranja Mecânica" também é um livro chato no capítulo da linguagem, como é chatíssimo o esperanto de "Finnegan's Wake" de James Joyce, só que no primeiro caso a substância compensa e, quanto ao segundo, há quem leia por nós. (Perspectiva, 118 págs.) Hamilton Trevisan

CULTURA POLUÍDA

Diante do último livro de O. C. Louzada Filho, Diário de Bordo, perguntamo-nos perplexos se há alguma diferença em viver dentro ou fora de manicô mios. A resposta vem em forma de uma interrogação: que diferença há entre camisa-de-força e pressão do contexto sócio-cultural? A obra, um dos pontos altos da ficção contemporânea, confirma a vitalidade do gênero que se mostrou particularmente rico em quantidade e em qualidade. A narrativa começa a fluir a partir do internamento do João, cuja notícia chega aos seus colegas que ouvem entre um chope e outro. Ou - é indiferente - entre um uísque e outro. O fato não muda o curso do dia-a-dia dos personagens, inclusive o do narrador. Todos prosseguem o papo pois nada se pode fazer. Ser levado para hospício ou ter de continuar a vida fora dele, tanto faz. Qualquer um que com eles se identifique está sujeito ao risco de uma internação. Risco? Mudança de ambiente. Num, há enfermeiros de uniforme branco que subjugam à força física e forçam à terapêutica do choque e do sono. Atos de violência praticados ostensivamente. Noutro, não há enfermeiros de branco. Mesmo sem uniformes que os identifiquem, não deixam de agir com violência, só que seus atos são velados.

Os personagens que participam da vida do narrador integram a massa culturalizada de nossos dias. Com eles convive na faculdade onde leciona, nos congressos a que comparece, nas incursões pelo cinema a que acompanha. Ele próprio faz parte dessa massa que perdeu o elo com a natureza e age segundo os valores culturais e morais da geração. Os atos que pratica são quase sempre mecânicos e até nos relacionamentos sexuais inexiste qualquer motivação afetiva ou passional. Comporta-se do mesmo modo com a prostituta Meg e com a comissária Suzy. Igualmente, não faz diferença estar em São Paulo, Brasília ou no litoral, não só porque tudo está poluído culturalmente, como também porque o próprio narrador, protótipo de personagem ferreteado por aqueles valores, não conseque se libertar. O condicionamento cultural se faz presente inclusive nos mo-mentos de solidão, como, por exemplo, à vista do mar, praia e ondas batendo nas pedras. O que lhe ocorre de imediato e naturalmente são os versos de Eliot: What seas, what shores, what grey rocks and what islands. A pressão do mundo culturalizado, com sua violência velada e subreptícia, leva os personagens à aceitação passiva e ao nivelamento geral, o que se evidencia no procedimento da narrativa quanto aos diálogos. O nivelamento é tal que a fala dos interlocutores, por irrelevante, não vem expressa, ficando implícita na do narrador. Isto não ocorre, porém, nos diálogos que mantém com os donos da violência ostensiva, isto é, médicos que o submetem a interrogatórios de que resulta o internamento. Sua fala não vem diluída, nem identificada com a do narrador. Ela vem aspeada, em destaque, de modo a traduzir a sua não-aceitação pelo inter-locutor, bem como o nível de agressividade manifesto.

A tentativa de rompimento com os valores sócio-culturais que vitimam a sua geração leva o narrador-personagem a abandonar a carreira universitária e refugiar-se na represa, com seus barcos e a simplicidade de indivíduos ainda pouco maculados como Júlio. Reconciliação com a natureza. Belos flagrantes líricos, os três capítulos que começam "Sol e bom vento. Alguns carneiros na água: a partir do meio-dia o vento não costuma aumentar", "Manhã que começa a se tornar clara" e "Brisa leve e constante. O sul à tarde não costuma parar, nem tem grandes variações". Mas o rompimento pretendido significa agressão ao mundo culturalizado e o agressor é punido: internamento no hospício, onde a violência, como ficou dito, não deixa de existir. Violência declarada, ostensiva, que talvez seja menos nociva que a outra, fora do manicômio, que vai minando aos poucos a resistência do indivíduo. (Perspectiva, 123 págs.)

Y. Fujyama

Se V. não encontrar Escrita facilmente nas bancas, envie um vale postal em nome da Vertente Editora Ltda.

16

15

cm



Como nenhuma revolução é feita da noite para o dia, Osman Lins trabalhou muito antes do seu fascinante "Avalovara".

de Osman Lins.

Agora, as Edições Melhoramentos lançam "Nove, Novena" e "Os Gestos", faces diferentes do mesmo grande escritor.

Dois livros de Osman Lins. Duas importantes etapas, anunciadoras da revolução provocada por "Avalovara". Leia e compare "Nove, Novena" e "Os Gestos" - belas e densas histórias de Ósman Lins, provavelmente o mais vigoroso escritor da Literatura brasileira em nossos tempos.

EDIÇÕES MELHORAMENTOS & Caixa Postal 8120 - São Paulo

Nove, Novena 240 páginas - Cr\$ 50,00 Os Gestos 150 páginas - Cr\$ 35,00





do arena



cm

JORNAL BIMESTRAL DE REPORTAGENS, IDÉIAS E CULTURA

percival de souza-michel foucault eduardo galeano joão antônio...













